



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE TURISMO E HOTELARIA
CURSO DE BACHARELADO EM HOTELARIA

ISAQUE COSTA MENDES

**O PROJETO GRAND TOUR E A FORMAÇÃO DISCENTE EM TURISMO E
HOTELARIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**

São Luís - MA
2022

ISAUQUE COSTA MENDES

**O PROJETO GRAND TOUR E A FORMAÇÃO DISCENTE EM TURISMO E
HOTELARIA, NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Hotelaria da
Universidade Federal do Maranhão como
requisito para a obtenção do grau de
Bacharel em Hotelaria.

Orientadora: Prof. Me. Ruan Tavares
Ribeiro

São Luís - MA
2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

MENDES, ISAQUE.

O PROJETO GRAND TOUR E A FORMAÇÃO DISCENTE EM TURISMO E
HOTELARIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO / ISAQUE
MENDES. - 2022.

172 f.

Orientador(a): RUAN TAVARES RIBEIRO.

Monografia (Graduação) - Curso de Hotelaria,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022.

1. Formação Discente. 2. Hotelaria. 3. Teoria e
Prática. 4. Turismo Pedagógico. 5. Visitas Técnicas. I.
RIBEIRO, RUAN TAVARES. II. Título.

ISAQUE COSTA MENDES

**O PROJETO GRAND TOUR E A FORMAÇÃO DISCENTE EM TURISMO E
HOTELARIA, NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Hotelaria da
Universidade Federal do Maranhão como
requisito para a obtenção do grau de
Bacharel em Hotelaria.

Orientador: Prof. Me. Ruan Tavares
Ribeiro

Aprovada em: ____/____/____

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ruan Tavares Ribeiro (Orientador)
Mestre em Hospitalidade - UAM
Universidade Federal do Maranhão

Universidade Federal do Maranhão

Universidade Federal do Maranhão

Dedico esse trabalho à Joana Costa,
Thaís Costa e Sara Valentina Costa.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pelas divindades que permeiam nosso universo pela oportunidade e luz sempre presente em meus pés. À minha mãe e ao meu pai pelo apoio incondicional desde o primeiro dia nessa instituição e em especial à minha irmã, Thaís e Franklim, que sempre que podiam me lembravam da minha capacidade em perseguir meus objetivos e do meu potencial, obrigado por confiarem em mim. À minha tia Rosa e meu sobrinho Arthur Vinicius, sou muito agradecido pela suas notórias presenças e sorrisos em seus rostos.

Agradeço à minha amiga Clara que por inúmeras vezes permitiu que eu fosse eu mesmo e por me ouvir em momentos em que eu mesmo não sabia o que eu queria falar, se ter alguém que se pode só estar em silêncio numa ligação é divino. À Luciene e Alberto, por terem sido mais do que pais de uma grande amiga, mas por terem sido meu abrigo em um dos momentos mais delicados na minha vida.

Aos meus amigos de graduação que guardo com muito amor no coração, Mayra Galvão, Dulcimayra, Thalia, Lorena, Mariana Antônio e Sabrina: vocês são incríveis e obrigado por me auxiliaram a ver que eu também sou. À Dayana Nabate e Erika Borcem que sempre me animaram nas difíceis manhãs durante as aulas e em qualquer lugar que estivéssemos com uma ótima conversa e amizade.

À Andressa, Walber e Sarah, do curso de música, pela força, notoriedade, sagacidade, felicidade, boa lábia e todas as qualidades possíveis que vocês três têm. Obrigado por desempenharem tudo tão majestosamente e me inspirarem a isso também.

Aos meus grandes parceiros desta vida e de outras também Lara Coimbra, Beatriz Rocha, Tia Dani, Beatriz Cabral, Thamires Rodrigues e Júnior Rufino, Lindomar Dantas, Yasmim Santos, Filipe Lago, Alcía Veras, Andreza Melo, Isabele Maria, Shullabarbara, Mariana Madeira, Milene e Milena Gomes e Carminha, pelas incontáveis vezes que vocês estiveram dispostos a me fazer acreditar que eu estava seguindo na direção certa e se não, ajustar o curso. Olhem onde cheguei!

À minha incrível líder, Karin Martins, por acreditar em meu trabalho, por me impulsionar todos os dias para alcançar novos horizontes e a ser sempre a minha melhor versão. Obrigado por me mostrar um caminho mais maduro e livre.

Agradeço também à minha grande amiga Jéssica Diniz pelo apoio emocional ao iniciar esse trabalho, pelo ombro amigo nas diversas vezes ao me emocionar também, obrigado por ter me mostrado o caminho da vida – você sabe.

À Nicolly Vaz, por toda sua paciência e integridade e paciência em estar presente em momentos que eu mesmo não queria estar. Obrigado por me permitir te admirar.

Meus agradecimentos também ao Maciro Madeira pela sua amizade nessa caminhada que foi a graduação. E à Regina, sua mãe, protagonista de uma das minhas maiores aventuras longe das casas dos meus pais.

Às minhas mentoras no Hotel Sesc Olho d'Água, Dilza Reis, Thamyres Leal e Rosilete Nogueira, que desde que me viram na recepção do hotel acreditaram na minha árdua batalha e que eu poderia vencer todos aqueles desafios. E ao meu primeiro gerente da vida, Fábio Abreu e sua assistente Francineide Soares, pela confiança e suporte, o primeiro sim a gente nunca esquece.

Agradeço também à Geyza Arruda, Jonivaldo e Ana Maria do turismo social pelas incontáveis horas de aulas sobre o que de fato é turismo, pelos abraços em qualquer horário do dia e pelos almoços e lanches repletos de risadas na unidade.

Faço meus agradecimentos também às duas primeiras camareiras da minha jornada profissional, Antonilda e Consuelo, mulheres incríveis, cheias de ensinamento, carisma, atenção e paciência, obrigado por me ensinarem muito do que hoje sei e a me incentivarem a não parar por aí.

Às minhas amigas do IBIS São Luís, Itaynara Carvalho, Dayana Elizabete e Jonatan Pacheco pela companhia, conselhos e pela incrível amizade que vocês me trouxeram, vocês fizeram mais do que a diferença na minha vida, podem acreditar.

À Lindinalva Maria, Joana D'Arc, Lurdimar, Lucia Amorim, Isabela Sousa, Glenda e Jacione, Adelana, Karla, Erika, Jaira, Vinicius e Olavo pela disponibilidade e pela oportunidade incrível que foi estar na mesma equipe todos os dias contribuindo com o meu melhor, serei eternamente grato pela confiança.

Às minhas amigas no Ibis Styles Palmas Meire e Vanessa Mesquita pelas suas importantes participações na minha caminhada profissional e no meu amadurecimento pessoal, cada palavra de vocês edificou nossa relação e meus pensamentos para o caminho certo, sinto muito orgulho do que construímos!

À essa instituição, departamento e coordenação, em especial aos professores Davi Andrade, Davi Bouças, Mônica Araújo, Elaine Fernandes e Linda Maria pelo incentivo que me incendeia sempre ao dar início em qualquer jornada.

Ao meu orientador e amigo Ruan Tavares que fez parte das minhas maiores decisões nesta universidade e me orientou desde nossa primeira aula em uma direção que o sol brilha por muito mais tempo.

E, por fim, à indústria da música, Taylor Swift, por ter embalado todos os finitos dias em claro com seu repertório de músicas autorais e pela originalidade em suas composições que tanto me espelho: eu estava lá e eu lembro de tudo muito bem.

Sendo assim, agradeço por último a todos que contribuíram de maneira diretamente e indiretamente nesta jornada que é a graduação,

*“Não te ordeno, eu te peço. Não é querer, é
desejo.”*

Maria Firmina dos Reis

RESUMO

Neste trabalho, parte-se do pressuposto de que as atividades práticas são fundamentais para a formação discente em hotelaria e turismo. Assim, objetivou-se analisar as contribuições do projeto Grand Tour na formação de estudantes dos cursos de turismo e hotelaria da Universidade Federal do Maranhão. Trata-se de um estudo exploratório, descritivo e qualitativo, que lançou mão de entrevistas por meio de um roteiro semiestruturado junto a discentes e docentes participantes das edições do projeto em análise. Identificou-se que o projeto, ao proporcionar diferentes vivências práticas a seus participantes, auxilia os discentes em suas escolhas e desempenhos de funções e reconhecimento do meio profissional. Para os docentes, notam-se contribuições do projeto na inserção das visitas técnicas em suas disciplinas e na tarefa de engajar os discentes durante as disciplinas. Portanto, essas evidências indicam que o projeto Grand Tour contribui com a formação discente nos cursos de turismo e hotelaria através de visitas técnicas.

Palavras-chave: Turismo Pedagógico. Hotelaria. Formação Discente. Visitas Técnicas. Teoria e Prática.

ABSTRACT

In this work, it is assumed that practical activities are fundamental for student training in hospitality and tourism. Thus, the objective was to analyze the contributions of the Grand Tour project in the training of students in the tourism and hospitality courses at the Federal University of Maranhão. This is an exploratory, descriptive and qualitative study, which made use of interviews through a semi-structured script with students and teachers participating in the editions of the project under analysis. It was identified that the project, by providing different practical experiences to its participants, helps students in their choices and performance of functions and recognition of the professional environment. For the professors, the project's contributions were noted in the insertion of technical visits in their disciplines and in the task of engaging students during the disciplines. Therefore, these evidences indicate that the Grand Tour project contributes to student training in tourism and hospitality courses through technical visits.

Keywords: Pedagogical Tourism. Hospitality. Student Training. Technical visits. Theory and practice.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cursos de Turismo, Hotelaria e Turismo e Hotelaria distribuídos nacionalmente.....	20
Figura 2 - Reunião de discentes e docentes antes do embarque para a primeira edição Grand Tour – SP.....	38
Figura 3 - Visita ao Hotel Intercontinental em São Paulo.....	39
Figura 4 - Visita ao complexo Crocobeach em Fortaleza – CE.....	41

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição dos cursos de turismo, hotelaria e turismo e hotelaria por Unidade Federativa.....	21
Tabela 2 - Oferta dos cursos superiores em turismo, hotelaria e turismo e hotelaria na década de 2010 na Região Nordeste.....	21
Tabela 3 - Oferta dos cursos superiores em turismo, hotelaria e turismo e hotelaria na década de 2010 na Região Sudeste.....	21
Tabela 4 - Programação das atividades da primeira edição Grand Tour – SP.....	37
Tabela 5 - Programação das atividades da primeira edição Grand Tour – SP.....	38
Tabela 6 - Programação das atividades da terceira edição Grand Tour – CE.....	40
Tabela 7 - Identificação dos entrevistados discentes.....	44
Tabela 8 - Identificação dos entrevistados docentes.....	55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAALL	Centro Alceu Amoroso Lima pela Liberdade
DCNs	Diretrizes Curriculares Nacionais
DETUH	Departamento de Turismo e Hotelaria
LABOTUR	Empresa Júnior de Turismo
MTUR	Ministério do Turismo
NPDTUR	Núcleo de Pesquisas e Documentações em Turismo
OMT	Organização Mundial do Turismo
PNE	Plano Nacional da Educação
PNUMA	Programa da Nações Unidas pro Meio Ambiente
PPCs	Projetos Pedagógicos nos Cursos
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
UFMA	Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 A FORMAÇÃO EM TURISMO E HOTELARIA NO BRASIL.....	17
2.1 A educação em turismo no Brasil	17
2.2 Panorama histórico da formação em turismo e hotelaria no Brasil.....	19
3 VISITAS TÉCNICAS: ENSINO-APRENDIZAGEM NOS CURSO DE TURISMO E HOTELARIA	25
3.1 A importância das visitas técnicas como instrumento complementar à prática na formação dos estudantes de turismo e hotelaria.....	26
3.2 Turismo pedagógico: o Grand Tour como aliado na formação dos discentes de turismo e hotelaria.....	33
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	42
5 ANÁLISES E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS.....	44
5.1 Análises com enfoque nos discentes sobre a prática e o projeto Grand Tour	44
5.2 Análises com enfoque nos docentes sobre a prática e o projeto Grand Tour	55
5.3 Discussões	62
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS	68
APÊNDICES	72
APÊNDICE A - AUTORIZAÇÃO PRÉVIA PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	73
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS ENTREVISTADOS.....	81
APÊNDICE C - TRANSCRIÇÕES	83

1 INTRODUÇÃO

O curso de Bacharelado em Hotelaria, da Universidade Federal do Maranhão, foi criado em 1987 com o objetivo de responder à demanda do mercado local hoteleiro que, por sua vez, mesmo que razoavelmente existente, carecia de uma mão de obra qualificada até então não encontrada na cidade de São Luís. Como a hotelaria se insere na dinâmica do mercado turístico, o curso em questão almejou formar profissionais para atuação na área e, assim, contribuir com a inserção econômica e qualificação profissional em São Luís (UFMA, 2006).

Mais à frente, em um novo ciclo do curso de aperfeiçoamento da grade curricular, buscou-se novamente analisar o perfil do estudante, tendo como ênfase a introdução de novas disciplinas, no mercado turístico que ele está inserido desde o momento em que opta pela carreira, afinal, este mercado constantemente exige habilidades que vão desde a solução de problemas à capacidade de liderança.

Pautam-se ressalvas também nesse sentido em como os discentes do ensino superior ora sentem dificuldade em adentrar o mercado, ora no desconhecimento de seus campos de atuação em seus respectivos cursos. Estas observações direcionam uma procura por uma metodologia que sirva para que discentes tenham uma compreensão de seu campo de atuação, buscando a aproximação com o mercado, embora se compreenda que possa haver outras metodologias que os aproximem de tais práticas e que a instituição de ensino pode oferecer. É nesse contexto que surge o Projeto Grand Tour, como um possível aliado nas contribuições de atividades extracurriculares.

Neste trabalho, parte-se do pressuposto de que as atividades práticas são fundamentais para a formação discente em hotelaria e turismo, logo se questiona de que forma as vivências de discentes no mercado podem contribuir com sua formação. Dessa forma, apresentou-se o problema desta pesquisa: como o projeto Grand Tour pode contribuir para a formação dos acadêmicos de turismo e hotelaria na Universidade Federal do Maranhão?

O objetivo geral do estudo foi analisar as contribuições do projeto Grand Tour na formação de estudantes dos cursos de turismo e hotelaria da Universidade Federal do Maranhão. A pesquisa estruturou-se, portanto, nos seguintes objetivos específicos:

a) descrever o Projeto Grand Tour enquanto atividade dos cursos turismo e hotelaria da UFMA; b) identificar as possíveis contribuições desta iniciativa para os discentes participantes dos cursos de turismo e hotelaria; c) analisar as contribuições do projeto para a metodologia de atividades práticas em ambos os cursos.

A concepção desta monografia originou-se com a participação do proponente do estudo em uma das edições do projeto, da compreensão do projeto Grand Tour dentro da instituição para os dois cursos como parte do cotidiano acadêmico desde o momento de sua primeira edição e pela oportunidade ofertada indiretamente através do projeto hoje vivenciada pelo autor.

Além desta introdução, o trabalho consiste em quatro capítulos. As duas seções que seguem contemplam o referencial teórico. Inicia-se com descrição da hotelaria vista desde o campo pedagógico, com ênfase no nível nacional da formação, suas origens e desdobramentos que levaram ao seu desenvolvimento no Brasil, com dados quantitativos. Segue-se, no referencial teórico, com as atividades acadêmicas que versam sobre a prática na formação discente, como a contribuição das visitas técnicas enquanto metodologia de ensino para além da sala de aula, lançando mão de exemplos de viagens técnicas, em nível nacional. Nos capítulos seguintes, apresentam-se os procedimentos metodológicos, a análise e a discussão dos dados, as considerações finais e os elementos pós-textuais.

2 A FORMAÇÃO EM TURISMO E HOTELARIA NO BRASIL

Neste capítulo será abordado uma breve contextualização sobre a educação em turismo no Brasil, levando em consideração suas matrizes e desdobramentos ao decorrer dos anos, além de paralelamente seu reconhecimento dentre os órgãos que deliberam sobre educação no país.

Destaca-se também o entendimento a respeito do crescimento exponencial dos cursos do eixo turismo e hotelaria e dos seus desdobramentos ao decorrer dos anos através das modalidades e nomeações dentro do eixo turismo e hotelaria.

2.1 A educação em turismo no Brasil

No Brasil, de acordo com Menezes e Silva (2021) a educação ocorre assim como em uma parte expressiva do mundo, isto é, em um contexto social que muda e se encaixa na estrutura do capitalismo, nos processos profissionais e que por consequência reflete na formação profissional.

Atualmente a busca pela qualidade e do diferencial mercadológico “passa a ser o centro de transformações e o conhecimento torna-se também mercadoria”, ou seja, torna-se uma vantagem competitiva.

O tema educação e trabalho vêm se aproximando em decorrência do reconhecimento que a educação pode vir a contribuir para o desenvolvimento econômico e pelo reconhecimento de que as pessoas que possuem formação profissional adequada podem estar mais habilitadas a lidar com a complexidade crescente do sistema produtivo (MENEZES; SILVA, 2021, p.37).

Mota e Anjos (2012) nos sinalizam que no início deste século a educação brasileira sofreu adaptações que resultaram num maremoto nos processos educacionais, tais mudanças tiveram suas origens com o advento da era da informação. Esse novo contexto, marcado pelo avanço, pela mutação constante tanto tecnológica quanto administrativa, soprou nos ventos tupiniquins novas formas de se pensar e de agir. E durante este avanço tecnológico, alguns aspectos sociais foram alavancados e percebidos como latentes de mudança e nesse caso um dos índices alarmantes destaca-se o de analfabetismo no Brasil.

Deste modo, buscou-se trazer metas que buscassem melhorar a qualidade no ensino e também na quantidade e oferta do mesmo. Por meio de incentivos governamentais através de novas políticas educacionais, o Brasil destinou esforços para suprir as demandas das diferentes regiões do país e também diminuir este indicador. E para que tanto os índices fossem diminuídos quanto à qualidade tivesse melhorias expressivas foram criados os Institutos Federais (MOTA; ANJOS, 2012).

Elaborado em 2001, o Plano Nacional da Educação,

Apresentou metas quantitativas e qualitativas visando à melhoria da qualidade e aumento da quantidade de oferta do ensino nos seus diferentes níveis e a formação para o trabalho e promoção humanística, científica e tecnológica do país (MOTA; ANJOS, 2015, p.87).

Reforçar-se que este dado de tamanha importância foi levantado através de um censo aplicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no fim da primeira década deste século e também vale ressaltar também que nesse mesmo período, apenas dois anos de diferença, o Ministério do Turismo (MTUR), órgão ligado diretamente à rede federal, foi criado. Neste período também se constituiu o Plano Nacional do Turismo, para fins de intensificar tais políticas.

Deste modo, em um dos estudos sobre a educação em turismo e hotelaria, Mota e Anjos (2012), baseado na compreensão da Organização Mundial do Turismo sobre a educação turística, trazem à tona um aspecto pertinente para este trabalho:

A educação e formação de recursos humanos em turismo são consideradas um fator chave em um mundo onde a informação, a criatividade e o know-how se configuram como a mais importante fonte de criação de valor. Entretanto, essa qualificação submete-se à elevada competitividade, pois precisa se desenvolver de acordo com as necessidades e expectativas dos usuários, otimizando seus recursos. (MOTA; ANJOS, 2015, p.92).

No Brasil, compreende-se dizer que educação em turismo deve estar correspondendo ao contexto em que se está inserida, pois sabe-se que regionalmente a demanda turística possui particularidades específicas e, se corretamente aplicada, ou seja, quando a formação do profissional está coerente com o mercado de trabalho o desenvolvimento sustentável supre as demandas requisitadas pelo contexto social em que este vive (MOTA; ANJOS, 2012).

Além de que quando as perspectivas mercadológicas alinham-se no aparato legal, tendo também investimentos, um novo cenário educacional pode emergir,

criando oferta e progressivamente a qualidade prestada no serviço pode ser refinada, respeitando em suma basicamente o entendimento de que o turismo pode ser um “produto da cultura”, seguindo o que Fonseca Filho (2007) e Molina e Rodriguez (2001) entendem por educação turística, afinal, o turismo não deve possuir explicações apenas econômicas, pois isso colocaria o aprendizado e a atividade como limitada.

De maneira clara, este trabalho entende que a prática do turismo leva em consideração os discentes novos contextos, novas idealizações amplas e repletas de informações que, após interseccionar estes aspectos, retrata o próprio espaço como diferencial no processo de aprendizagem (SCREMIN; JUNQUEIRA, 2012).

2.2 Panorama histórico da formação em turismo e hotelaria no Brasil

As escolas de ensino superior voltadas para o ensino da hospitalidade datam a partir do fim da década de 1970, sendo ofertadas inicialmente pela Universidade Caxias do Sul - RS) e pelo SENAC São Paulo, seguindo sua expansão pela década seguinte, resultando num total depois de mais de mil cursos na área em 2010 (MOTA; ANJOS, 2012).

O primeiro curso superior em hotelaria, de modalidade tecnólogo, deu seus primeiros suspiros de vida em 1988, por meio do decreto de nº 97.333, publicado no Diário Oficial da União, autorizando o funcionamento do mesmo (PERAZZOLO et al., 2010; FERREIRA, 2010).

Com o decorrer dos anos, após estabilizar, os cursos de formação em hotelaria apontaram “para a prevalência das áreas das ciências sociais aplicadas, nomeadamente a administração, a economia e a contabilidade, sobre as demais, inclusive sobre as humanas, de modo geral, como a sociologia e a psicologia (PERAZZOLO et al., 2010).

Segundo os estudos de Ansarah e Rejowski (1994) até metade da década de 1990 os cursos com habilitação em turismo e hotelaria concentravam-se em duas regiões brasileiras:

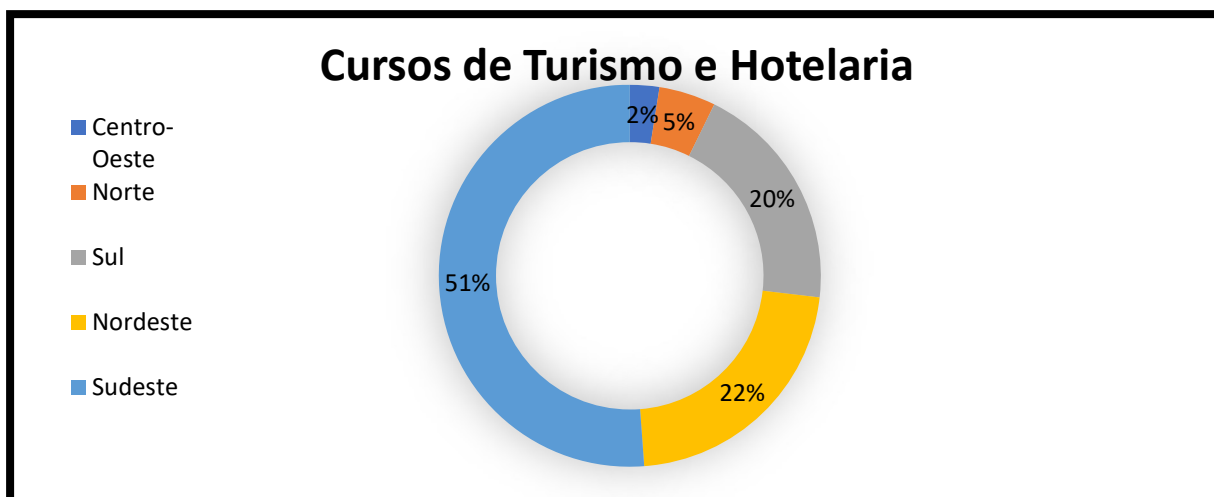


Figura 1 - Cursos de Turismo, Hotelaria e Turismo e Hotelaria distribuídos nacionalmente

Fonte: Adaptado de ANSARAH; REJOWSKI (1994)

Levando em consideração cada Estado da República Federativa todos possuíam no quantitativo de oferta ao menos um curso disponível do eixo turismo/hotelaria, sendo distribuídos da seguinte maneira:

ESTADO	TURISMO	HOTELARIA	TURISMO E HOTELARIA
Amazonas	1	0	0
Pará	1	0	0
Maranhão	1	1	0
Ceará	1	0	0
Rio Grande do Norte	2	0	0
Pernambuco	2	0	0
Bahia	1	1	0
Distrito Federal	1	0	0
Minas Gerais	1	0	0
Espírito Santo	1	0	0
Rio de Janeiro	5	1	0
São Paulo	10	3	0
Paraná	2	0	0
Santa Catarina	0	0	1
Rio Grande do Sul	3	2	0
TOTAL	37	8	1

Tabela 1 - Distribuição dos cursos de turismo, hotelaria e turismo e hotelaria por Unidade Federativa

Fonte: Adaptado de ANSARAH; REJOWSKI (1994)

Já próximo aos anos de 1998, cerca de 157 cursos, sendo 119 de turismo e 38 de hotelaria estavam institucionalizados e após a virada do século respectivamente os dois tiveram um aumento em 50% na oferta, sendo disponível mais dezenove cursos de hotelaria e sessenta e nove de turismo em todo o país (TEIXEIRA, 2001).

Porém o avanço não parou por aí, tendo exatos 4 anos depois houve um aumento de mais de 720% na oferta de ambos os cursos (RUCHMANN, 2002).

Prova-se este entendimento ao analisarmos amplamente a oferta dos cursos em turismo, hotelaria e turismo e hotelaria e seus desdobramentos. Já em 2010, após um mapeamento realizado pelo Ministério da Educação disponibilizado no e-MEC, portal online criado em 2007 com o intuito de auxiliar no cadastro e consulta dos processos de regulamentação voltado para educação, notou-se que havia cerca de 1.084 cursos de graduação em turismo e/ou hotelaria no Brasil e nesse quantitativo um quarto estavam localizados na região nordeste.

Durante essa mesma década novos cursos nasceram e também foram ganhando, graças seus aprimoramentos em grades curriculares, novos *status* terminando a década sendo a região nordeste a segunda região a ter o maior número de cursos do eixo turismo e hotelaria, como ilustrado na tabela 2.

ESTADOS	BACHARELADO				TECNOLÓGICO			
	T	H	T e H	GT	H	GL	G	E
Rio de Janeiro	24	4	1	12	3	3	3	1
São Paulo	105	31	2	28	30	8	31	19
Minas Gerais	42	3	4	12	3	1	5	5
Espírito Santo	14	1	0	6	1	0	2	1
TOTAL NO NORDESTE	185	39	7	58	37	12	41	26

Tabela 2 - Oferta dos cursos superiores em turismo, hotelaria e turismo e hotelaria na década de 2010 na Região Nordeste

Fonte: MOTA; ANJOS (2012)

Ressalta-se ainda que menos de 10% destes cursos até então estavam alocados em instituições de ensino superior públicas, escancarando a amplitude na distribuição desses dois cursos entre instituições de ensino superior privadas e as de ensino público (MOTA; ANJOS, 2012).

Como pode-se observar a região com maior quantitativo de cursos é a região sudeste, com 185 cursos distribuídos entre as categorias da tabela 3, sendo especificamente em cada estado:

ESTADOS	BACHARELADO				TECNOLÓGICO			
	T	H	T e H	GT	H	GL	G	E
Rio de Janeiro	24	4	1	12	3	3	3	1
São Paulo	105	31	2	28	30	8	31	19

Minas Gerais	42	3	4	12	3	1	5	5
Espírito Santo	14	1	0	6	1	0	2	1
Total no Nordeste	185	39	7	58	37	12	41	26

Tabela 3 - Oferta dos cursos superiores em turismo, hotelaria e turismo e hotelaria na década de 2010 na Região Sudeste

Legenda: T – turismo; H – hotelaria; GT – gestão de turismo; GL – gestão do lazer; G – gastronomia; E – eventos.

Fonte: MOTA; ANJOS (2012)

Ressalta-se ainda que menos de 10% destes cursos até então estavam alocados em instituições de ensino superior públicas, escancarando a amplitude na distribuição desses dois cursos entre instituições de ensino superior privadas e as de ensino público (MOTA; ANJOS, 2012).

Ainda de acordo com os autores, genuinamente a tipologia também teve suas ramificações, podendo ser encontrados cursos como tecnólogos, bacharelados e também licenciaturas, sendo claramente mais da metade bacharelados e 42% tecnológicos, deixando apenas um curso de licenciatura no Rio de Janeiro. E com o avanço da oferta novos desmembramentos dos mesmos foram sequenciados, diversificando a oferta e ampliando a qualidade com pós-graduação como mestrado e doutorado que em 2015 somavam-se, respectivamente, dois e quatro.

É importante destacar também que inicialmente os cursos técnicos onde o eixo turismo, hospitalidade e lazer encontram-se, de acordo com Algemiro e Rejowski (2015), possuindo suas atividades voltadas para a capacitação do aluno envolvendo questões práticas e teóricas, visam a ágil entrada no mercado de trabalho, “além da perspectiva de requalificação ou mesmo reinserção no setor produtivo” (MEC, 2012), isso de algum modo pode ser reflexo da área que possui geralmente como porta de entrada o nível operacional como meio de acesso mais disseminado.

Estes cursos técnicos nasceram de uma necessidade mundialmente alimentada pela necessidade do mercado em possuir mão de obra rápida e possuem como objetivo a adaptabilidade de acordo com o cotidiano social em que o mesmo se insere, portanto, pode acontecer da formação seja mais generalista possível abordando tipificações como operação e agenciamento, guiamento de turismo, eventos, entre outros (SILVEIRA et al., 2011).

O que pode se tirar deste crescimento da oferta dos cursos de turismo e hotelaria e suas variantes inseridas diretamente na educação turística é entendido da seguinte maneira:

A importância de qualificar e expandir o ensino de aspectos teóricos e práticos no ramo hoteleiro derivou do fato de que, embora o segmento da governança de um hotel sempre tenha sido, na essência, o que melhor caracterizou a natureza do serviço, outros setores passaram a ser agregados, estabelecendo diferenciais de padrões de conforto, de decoração/ambientação e de atrativos, num contexto de competitividade social em franca expansão (PERAZZOLO et al., 2010, p.87).

De maneira unilateral, é válido notar a demanda dentre as inúmeras vertentes que na medida em que o tempo avançou foram agregadas ao curso de hotelaria.

Há que se reconhecer a coerência entre o modelo de formação adotado no País e a origem da demanda historicamente estabelecida para a criação dos cursos de hotelaria, marcada pela necessidade de aprimorar as formas de gestão dos diferentes setores que se foram agregando ao complexo hoteleiro ao longo do tempo, bem como as relações que os hotéis passaram a estabelecer no universo empresarial, turístico e social de modo geral. (PERAZOLLO et al., 2010, p. 88)

Afinal, isso se reflete na compreensão de que a empresa hoteleira está presente no desenvolvimento do turismo em qualquer região (CORREIA; SALGADO; COSTA, 2012). No que tange especificamente o curso de hotelaria, em 2018, os dividiam-se em instituições federais e privadas, sendo bacharelados ou tecnólogos.

Os dados da Sinopse Estatística do ensino Superior/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP/Ministério da Educação– MEC (2018) registraram 46 cursos de hotelaria no Brasil sendo 14 em IES públicas federais e 3 estaduais, e 29 em IES privadas, que podem ser cursos tecnológicos ou bacharelados (MENEZES; SILVA, 2021, p. 57).

Tais instituições reproduzem seus projetos pedagógicos tendo em vista fatores específicos de cada região em que estão localizadas que por sua vez despejam nesses projetos dentre várias características que podem ser:

Os conhecimentos e saberes considerados necessários à formação das competências estabelecidas a partir do perfil do egresso; estrutura e conteúdo curricular; ementário; bibliografias básica e complementar; estratégias de ensino; docentes; recursos materiais; serviços administrativos; serviços de laboratórios; e infraestrutura de apoio ao pleno funcionamento do curso (MENEZES; SILVA, 2021, p.58)

Arrematando então estes conceitos, compreende-se que a educação turística obteve seu crescimento exponencialmente ao decorrer das décadas deste a sua criação, segmentando-se para suprir a emergência do sistema em que a mesma se

localiza, visto que tal diversas áreas afins refletem a magnitude que o país apresenta e retém.

O desenvolvimento de projetos pedagógicos, encarregados por cada instituição de ser produzido, reflete também as particularidades que cada contexto social percebido pelo mesmo e permite serem reavaliados de acordo com a necessidade.

3 VISITAS TÉCNICAS: ENSINO-APRENDIZAGEM NOS CURSO DE TURISMO E HOTELARIA

3.1 A educação no ensino superior no século XXI

A Conferência Mundial sobre Educação Superior realizada em 2009, destacou durante sua edição, em suma, que a educação superior deve dar uma resposta suficientemente satisfatória para com os anseios sociais na medida em que forem aparecendo e enquanto a mesma existir, portanto deve-se, afinal, contribuir para que haja um propósito de convivência que contemple o respeito e a dignidade das pessoas (BURNEO; FLOR, 2014). Mais a fundo, o indivíduo mais afetado por tal necessidade, o discente, centrado nessa preocupação nos revela que o desenvolvimento de um currículo acadêmico deve seguir o seu público alvo, nesse caso o personagem citado anteriormente, durante toda a sua graduação.

No Brasil, as Instituições de Ensino Superior baseadas na Lei de Diretrizes e Bases de 1996, devem espelhar as criações e implementações dos Projetos Pedagógicos nos Cursos (PPCs) nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), pois “cada curso dispõe de seu projeto pedagógico tendo em vista as especificidades da respectiva área de atuação” e, sendo assim, compreende-se que o plano pedagógico do curso “deve expressar os principais parâmetros para a ação educativa e devem conter os meios para atingir os objetivos formativos e o perfil profissional do egresso” (MENEZES; CAVALCANTI, 2020).

Baseadas em parâmetros nacionais, as instituições de ensino ao desenvolverem as grades curriculares de seus respectivos cursos, buscam contemplar três aspectos: ensino, pesquisa e extensão, distribuindo-os de maneira indissociável como concebe o artigo 207 da Constituição Brasileira de 1988, onde as diretrizes e bases da educação nacional foram estabelecidas (MOITA; ANDRADE, 2009).

De maneira específica na hotelaria, autores como Correia, Salgado e Costa (2017) e Menezes e Cavalcanti (2020) supõem em suas pesquisas que se um conjunto de competências forem desenvolvidas, por consequência, a empregabilidade do discente pode aumentar de maneira significativa, podendo, de certa forma, aprimorar a inserção destes profissionais no mercado profissional, aumentando assim a competitividade.

Desta forma, organiza-se então um conjunto de componentes curriculares de diversas áreas que são inseridas em um contexto teórico e prático, das mais amplas às mais específicas, abrangendo os saberes, competências, habilidades, experiências, vivências e valores visando a formação de profissionais e cidadão (MASETTO, 2011). E dentre tais contextos teóricos e práticos destacam-se as visitas técnicas como um aliado nas atividades de aprendizado.

3.1 A importância das visitas técnicas como instrumento complementar à prática na formação dos estudantes de turismo e hotelaria

O fim do século XX, identificado diversas vezes como o início da era da informação, trouxe um embate para o cotidiano estudantil que sinaliza para quem está inserido nele novas exigências, novos ares a serem respirados, pois tornou-se impossível de não perceber que “as aprendizagens devem evoluir e não podem mais ser consideradas como simples transmissão de práticas mais ou menos rotineiras” (UNESCO, 2001, p. 93). Os debates que envolvem a teoria e a prática dentro das instituições de ensino acontecem com certa frequência.

Isso evidencia as contribuições dos estudos aplicados em campo, em que alunos e professores realizam encontros além da universidade, estabelecendo uma maior aproximação com a prática realizada no mercado de trabalho (ANNA, 2019, p. 29).

Cabe inferir então que, conhecer o campo em que se espera que o graduando atue é vital para não só a visualização de sua função perante o sistema industrial em que o mesmo está inserido, mas o auxilia a desenvolver sua percepção perante o mercado que, além de mutante como é o mercado turístico, exige cada vez mais deste profissional, sendo assim, dentre algumas maneiras de se ter contato com este mercado, este trabalho destaca as visitas técnicas como auxiliador na formação deste profissional.

A visita técnica liga-se a uma perspectiva de um conhecimento prático, além da sala de aula em que aponta para o alcance das competências do profissional de turismo. (CARVALHO; VIEIRA; VIANA, 2012, p. 93).

Brito et al., (2012) trazem em uma de suas pesquisas que dentre as atividades teórico-práticas inseridas no contexto da educação superior as visitas técnicas são as

que mais “ampliam os conhecimentos trazidos pela prática educativa do estudo do turismo para com os acadêmicos do curso”. Ainda de acordo com os autores é importante frisar que:

A união entre o turismo e a educação através das atividades desenvolvidas ao longo do curso pelo método do turismo pedagógico passam a abordar uma nova prática no ensino-aprendizagem como fator diferencial para a formação e ampliação dos conhecimentos a serem adquiridos pelos alunos, sendo que o estudo da teoria é desenvolvido na prática (BRITO et al., 2012, p. 77).

Para Araújo (2015) às visitas técnicas direcionam a percepção do estudante para as instalações da organização, permitindo que o mesmo tenha um vislumbre das características operacionais das instalações, organograma, dentre outras questões superficiais, como até o atendimento de um dos colaboradores. Tais visitas ao incentivarem esses novos entendimentos alocam um contexto de oportunidades e “o aluno constrói e reconstrói o conhecimento de forma ativa e participativa” incentivando-se assim a autonomia dos discentes frente ao mercado de trabalho. Ainda segundo o autor:

A atividade permite o contato do aluno com experiências novas e diversificadas, permitindo a este a construção de uma visão mais ampla sobre a profissão e o questionamento desta no contexto social. Por outro lado, aprimora a visão crítica do aluno em relação ao mundo do trabalho, o seu papel enquanto profissional e o papel da empresa inserida no sistema capitalista de produção (ARAÚJO, 2015, p. 88).

Corroborar-se este pensamento ao analisar Demo (2011) que preconiza que o ensino superior deve ter como objetivo o incentivo aos estudantes na busca de seus próprios conhecimentos, fomentando assim a sua própria criticidade e o desenvolvimento de práticas profissionais, além da descoberta de identificação.

Tal identificação com o contexto fora sala de aula reflete na construção do curso e na experiência do discente que estará disponível para o mercado de trabalho desde que ingressa na instituição, mencionado o fato também de o mercado turístico exigir uma formação e aperfeiçoamento constante, pois o turismo é:

Uma área de conhecimento que depende de inúmeras disciplinas para investigar e explicar sua área de interesse (...) Mas, além disso, são potencialmente interdisciplinares pois podem servir como ponto de foco no qual as disciplinas podem se unir para apresentar novas interpretações ou novos conhecimentos (BENI, 1992, p.08).

Porém, antes de chegarmos as visitas técnicas, compreende-se que deve haver um uma grade curricular para se destacar, mesmo que somente pela sua origem e não estrutura, mas entender como um curso superior do eixo turismo e hotelaria, por exemplo, é disposto. E para responder à essa questão, identifica-se o curso de Hotelaria e sua a grade curricular da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) que demonstra, que ao ser construído nos moldes das necessidades inerentes do mercado de trabalho local, consisti em sua essência o desenvolvimento da aptidão dos discentes para atuarem em um mercado em constante transformação e que, visivelmente, interfere no âmbito social, ambiental e principalmente econômico da sociedade (UFMA, 1987).

Isso foi reconhecido logo na criação do curso em seu plano pedagógico, ainda tecnólogo, ao reportar que a formação do profissional de hotelaria, setor que faz parte do setor de turismo, estava disposto a garantir o atendimento profissional às demandas, em especial às indústrias que estavam na época se instalando na capital (UFMA, 1987).

Partindo deste princípio, o primeiro passo para os professores do curso para adaptar o currículo ao mercado turístico em 2006, na primeira reformulação, foi ser repensado para além da estrutura curricular do mesmo, o que se faz correto ao analisar a:

A construção de um currículo supõe ainda que professores e especialistas saiam um pouco de dentro da universidade, para considerar o que está acontecendo na sociedade, as mudanças que estão se operando, as necessidades atuais da população, o mercado de trabalho e as novas exigências das carreiras profissionais, bem como as representações e os contatos com a realidade (MASETTO, 2011, p. 103).

A partir daí direcionou-se esforços, então, para avaliar o perfil profissional do aluno de hotelaria e depois às demandas que o contexto local exigia do setor em que o turismo se enquadra, o de serviços no caso, visando com que o futuro graduado pudesse superar desafios mutantes. Portanto, colocando o discente sob um novo olhar, buscando uma formação intelectual mais preparada para o mercado de trabalho (UFMA, 2006).

Após isso, o curso ao ser pela primeira vez reformulado para se formar profissionais de grau superior bacharelado demonstrou de fato adaptar-se novamente

às demandas do mercado de trabalho ao mencionar que possui por um de seus objetivos

Propiciar uma sólida formação teórico-prática que permita aos futuros profissionais da hotelaria a proposição de projetos e programas operacionais, turísticos, assim como eventos de âmbito local, regional, nacional e/ou internacional. (UFMA, 2006, p.45)

Essa, até então, nova percepção do curso estabelece o que Pontes (2002) compreende ao dizer que o ensino se trata para além de metodologias predeterminadas, cuida também de fatores intelectuais políticos e de gestão de pessoas e recursos, fatores estes que são adquiridos com a experiência dos métodos de ensino.

Isso está inserido diretamente nas ementas das disciplinas onde se leciona pelos professores a gestão de empreendimentos de serviços e de restauração. Essa expansão disciplinar incentiva o aluno a experimentar o trabalho em suas diversas formas, tais formas que o fazem pensar afim de ultrapassar as dificuldades. Além de expandir o campo perceptivo do docente afinal “a investigação sobre a prática profissional, a par da sua participação no desenvolvimento curricular, constitui um elemento decisivo na identidade profissional dos professores” (PONTES, 2002, p. 47).

Até então o que se observa nesse tipo de inovação, na maneira com que ambos os personagens envolvidos neste ciclo atuam, é a de que o aperfeiçoamento no foco do curso de hotelaria busca satisfazer um mercado em constante mudança e ainda reforça que isso nos traz a interdisciplinaridade que por sua vez carrega consigo um novo horizonte a ser desbravado como em áreas da administração, psicologia, sociologia, economia e da área da saúde (CARVALHO, 2006).

Afinal a hotelaria é uma atividade como qualquer outra no ramo industrial, inserida num contexto de características que moldam a sua finalidade para fornecer hospedagem, alimentação, entretenimento, segurança e bem-estar aos seus clientes e mover o conhecimento para fora das aulas de aula traz uma realidade necessária, pois essa aproximação abre um leque de possibilidades (MAURÍCIO; RAMOS, 2011).

Lashley (2000) nos traz que operar num contexto extra disciplinar, ou seja, fora do eixo de ensino em que o curso de hotelaria se insere, por exemplo: o das ciências sociais aplicadas, também beneficia a solução de situações adversas, visto que “os problemas não são vistos pelo ponto de vista de uma única disciplina”.

Vale frisar que a ideia que norteia o desenvolvimento do ensino não está voltada para um ponto de luz isolado em meio ao universo, o problema inicialmente sim, mas “a resolução não está primariamente dentro das estruturas universitárias...”, a coerência do questionamento e da resposta encontra-se “no uso de uma variada gama de critérios para o julgamento (LASHLEY, 2000, p. 55). Para esclarecer o entendimento que traz a luz o questionamento do ensino superior em hotelaria leva-se em consideração não somente o ambiente universitário:

Pelo contrário, ele [o ensino] se origina no mundo dos negócios e no ambiente externo à universidade, como grupos de interesse específicos, institutos de pesquisa, empresas de consultoria, entre outros. A aplicabilidade, ou a efetiva utilidade na solução de problemas do mundo real é que ratificam sua importância na composição do currículo (CARVALHO, 2006, p. 63).

Nesse ritmo expansivo, compreende-se que em um momento sanar um problema é algo de se identificar como uma qualidade relevante em um profissional, entretanto, atualmente isso é apenas uma das partes nesse processo em que o discente se insere.

O mercado procura por estudantes com visão e habilidade não apenas para resolver problemas, mas também para encontrá-los. Preparando os alunos para pensar mais globalmente pode ajudá-los a gerenciar sob uma variedade de circunstâncias econômicas e poupar as instituições de educação da necessidade de reestruturar drasticamente seus programas em curtos períodos de tempo” (CARVALHO 2006, p. 64)

Ainda nesse sentido, as tais questões globais giram em torno de suprir uma demanda mercadológica que consiste no empenho de uma metodologia que busca compreender as nuances em que este profissional está inserido, afinal:

Atender ao mercado impõe desafios bastante complexos no processo de formação. É preciso estabelecer um quadro conceitual de competências para professores e alunos, encarando-os como futuros profissionais. A procura da competência profissional, com reflexos na qualidade, exige metodologia cuidadosamente planejada e atitudes pessoais firmes como: a) espírito de iniciativa, autonomia, criatividade; b) saber onde e como buscar a informação; c) saber outras línguas e culturas d) cultivar relações interpessoais. (TRIGO, 1994, p. 107)

Essa tarefa latente: de estar em constante adaptação, requer que para isso o conhecimento seja de maneira fluente, portanto, sendo um agente crucial e que acompanha o protagonista em sua jornada já que a pesquisa é uma dimensão

cirúrgica na ampliação das chances na inclusão do mercado de trabalho e sem este fator não há como destacar as capacidades ainda insuficientes para serem trabalhadas

Como de acordo com Silva e Rosa (2009) que reconhece a educação como um acesso a um conjunto de bens e atividades culturais, tecnológicas e informativas que ao serem combinadas tornam-se potencializadores de oportunidades de renda e de bem-estar.

Este trabalho entende também que o protagonismo educacional, citado anteriormente, é objetivado pelo curso de bacharelado em hotelaria da universidade federal do maranhão, visto que a formação do profissional no curso é voltada para atuar em um mercado altamente competitivo e em constante transformação e que além disso atividades desempenhadas durante o curso “possuem um impacto profundo na vida social, econômica e no meio ambiente das sociedades onde são desenvolvidas” (UFMA, 2019).

Refletindo sobre o pressuposto se põe em destaque então em um lado a coerência entre proporcionar uma educação que sirva as exigências do mercado e contemple a teoria sendo uma preocupação das universidades brasileiras constante e em outro a adaptação das instituições, já mencionada anteriormente, é vista principalmente nas reformulações nas diretrizes dos cursos de graduação que por sua vez afetam diretamente na maneira que as empresas recrutam os profissionais (CORREIA, 2009).

Entretanto, reforça-se ainda que ambos os lados não são antagonistas, isto é, por comportarem-se o suficiente para se complementarem cria-se um vínculo que os mantém próximos, sendo a pesquisa o elo que garante a integração do conteúdo das demais disciplinas auxiliando a evolução da estrutura em que docência e discentes possam se apoiar (CARVALHO, 2009).

Essa correlação de mercado e formação no ensino superior também agrupa questões que vão além do desenvolvimento do ensino nas universidades, ela focaliza no discente que vem em um momento de transição marcado principalmente pelos desafios em desempenhar novos papéis (CORREIA, 2019).

Nesse sentido, a academia também faz contribuições, mesmo que de maneira tímida, em estudos que versam sobre o mercado, exclusivamente econômico, que é a atividade turística.

Os estudos que investigam o fenômeno das atividades características do turismo têm crescido talvez pelo desenvolvimento do setor no mundo e no Brasil. No entanto, é importante salientar que embora haja uma literatura substancial sobre este campo do conhecimento, há ainda um número limitado de estudos realizados sobre o mercado de trabalho turístico, a relação entre turismo e educação, e mais recentemente a respeito da inserção dos egressos no mercado de trabalho. (CORREIA, 2019, p. 17).

Pois é justamente esse mercado que “pressiona a universidade do século XXI a transformar o conhecimento e os recursos humanos em produtos a serem explorados comercialmente” (CORREIA, 2019, p. 23) propondo dessa maneira que:

A natureza da educação na sociedade contemporânea está vinculada ao mercado de trabalho, que requer à sua disposição uma enorme massa de força de trabalho com qualificação técnica que lhe garanta maior produtividade (CORREIA, 2019, p. 27).

E enquanto navega-se nessa corrente marítima, encontra-se no mesmo barco o discente, que necessita estar preparado para atuação no mercado e buscando por consequência se estabelecer frente às diversidades sociais, visto que esse momento significa a saída de um ambiente controlado e a entrada em cenário com novas formas de se relacionar com as pessoas e que exige cada vez mais diferentes habilidades (CORREIA, 2019).

Sendo assim, compreende-se que um profissional do turismo deve se estabelecer entre muitas exigências do mercado e para fins de facilitar nossa navegação em um mar até caótico torna-se fundamental a inserção de novas práticas, ou da prática em si, como uma das metodologias ativas que busquem a aprendizagem autônoma do estudante o preparando para assumir o posto de profissional da área da hotelaria no caso (MORAN, 2018). Esse incentivo que converge para uma junção entre o turismo e a educação e direciona a criticidade do discente cria um método que passa a:

Abordar uma nova prática no ensino-aprendizagem como fator diferencial para a formação e ampliação dos conhecimentos a serem adquiridos pelos alunos, sendo que o estudo da teoria é desenvolvido na prática. (BRITO, ROS, PERINOTTO, 2012, p. 19)

Nakamura e Machado (2012) acrescentam nesse pensamento ao ressaltarem que a melhor maneira de incentivar o aprimoramento do indivíduo é “ensinando-lhe a fazer perguntas à realidade”, tal comportamento colabora com o aprimoramento

inclusive do censo de criticidade do discente. E é a prática prospectada a partir da teoria e exigida pelo meio profissional, que justifica um dos pilares deste trabalho. Como, por exemplo, a educação em hospitalidade

Começou da necessidade de treinar pessoas para o trabalho, capacitando os aprendizes nas tarefas que lhes seriam delegadas, sem maiores preocupações em relação à crítica ou reflexão (CORREIA, 2020, p. 45).

Afim de não mais deixar o estudante sem uma voz em seu interior, ou a não estimulação da mesma hoje, pode-se destacar as visitas técnicas que contribuem com a percepção também de que o docente não deve estar somente enclausurado entre as paredes físicas acadêmicas, “ele precisa oportunizar seus alunos de ver, ouvir e participar do mundo e do verdadeiro cenário que o espera após a sua formação” (GONÇALVES; ALMEIDA, 2020, p. 43).

Afinal as visitas técnicas:

Têm papel fundamental para contribuir com os profissionais que dela necessitam, mostrando sua importância para a formação dos futuros profissionais que precisam do espaço para desenvolver estudos e pesquisas e se atualizar na área específica do seu curso. Assim, deslocar-se a uma empresa ou instituição, durante a realização do curso, promove a oportunidade de aprofundar os conhecimentos da ciência e relacionar com aplicações tecnológicas (SOUZA et al., 2012, p. 33)

Portanto expõe-se uma realidade que assegura as habilitações em turismo e hotelaria com suas raízes fincadas em satisfazer as proposições do mercado, enfatizando o saber-fazer. O avanço ao decorrer o tempo, o entendimento de características específicas de cada local, o discente seguindo um caminho muita das vezes incerto e o docente buscando sempre manter o engajamento do estudante em um caminho que a educação esteja presente, aspectos já discutidos neste trabalho, demonstra que ter uma correlação entre a educação e o ambiente profissional pode trazer à luz resultados positivos para todos envolvidos neste contexto.

3.2 Turismo pedagógico: o Grand Tour como aliado na formação dos discentes de turismo e hotelaria

Não é de hoje que o turismo vem atingindo novos patamares e locais para sua prática. O turismo pedagógico, ferramenta conhecida e utilizada na educação na prática para demonstrar a teoria da sala de aula no campo onde ela acontece, relacionando os conteúdos curriculares com a situação de aprendizagem, estimula também valores éticos e atitudes formativas, afinal “no contexto de ensino, alunos muitas vezes necessitam de novas realidades de exploração, sendo necessário à inovação para que a aprendizagem se torne algo espontâneo” (SCREMIN; JUNQUEIRO, 2012, p. 53).

Sobre tais deslocamentos, estes possuem um rastro na história desde o século XVIII. Essas viagens eram “praticadas inicialmente por jovens aristocratas ingleses aos principais centros culturais da Europa, com o objetivo de aperfeiçoar seus estudos para seguir e consolidar uma carreira profissional”, as viagens até então possuíam o nome de “viagens de estudo” (BONFIM, 2010).

Assim, estas viagens consistiam na:

Organização de viagens culturais mediante o acompanhamento de professores especializados da própria instituição de ensino com programas de aulas e visitas a pontos históricos ou de interesse para o desenvolvimento educacional dos estudantes (BENI, 2002, p. 44).

Afinal para as famílias da época a educação inglesa somente era reconhecida como completa frente a uma viagem de ao menos três anos pela Europa.

Decorrente desta prática, o turismo pedagógico moldou um caminho entendido como fundamental pra alcançar o conhecimento, tirando tempos específicos para o incentivo aos estudos, reconhecimento de novas culturas e também do lazer em períodos intercalados (CALADO et al. 2020).

Bonfim retrata em um de seus trabalhos que o turismo pedagógico “compartilha com a ideia de uma educação diferenciada”, destacando que é ‘voltada principalmente aos interesses de um mundo melhor’, inserindo também a qualidade de vida e preservação de bens e recursos naturais, culturais, etc. (BONFIM, 2010.)

Uma questão pertinente a este trabalho, é o de que se tratando deste método de ensino, é de suma importância que os objetivos além de claros devem estabelecer uma correlação que produza o entendimento da realidade em que os estudantes vivem e que isso só é possível devido a referência real e observado do contexto, pois sendo assim a criticidade do estudante pode ser instigada (BONFIM, 2010).

Os autores como Nakamura e Machado (2012) relatam em seu trabalho intitulado “Turismo Pedagógico e as Possibilidades de Ampliação de Olhares: Roteiro Pedagógico na cidade de Santo Inácio-PR” que “viajar, conhecer pessoas e apreciar lugares possibilita ao aluno justamente o que é proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais”, isto é, um dos contextos que se dá devido à isso é o de que a “cidadania ativa” só é vivenciada por meio da experiência com o objeto de estudo.

Isso para o turismo pedagógico, cerne desta parte do trabalho e característica fundamental para o objeto de estudo do mesmo é tão precioso quando as oportunidades que os discentes têm ao vivenciarem os locais em que estão se dirigindo, mais do que necessário, esta parte da jornada acadêmica nos traz o seguinte fato:

O Turismo Pedagógico procura apresentar aos estudantes a oportunidade de aprender na prática o que foi visto nos conteúdos trabalhados em sala de aula. É preciso instituir um sentido significativo às experiências pedagógicas, porque enquanto o conhecimento for ilustrado de forma fragmentada, como parte da realidade, permanecerá sempre inacabado. Através da utilização desse mecanismo facilitador do processo ensino-aprendizagem, o que mais chama a atenção é a possibilidade de se trabalhar efetivamente a interdisciplinaridade, saindo dos limites da sala de aula e apresentando mundo de referências reais palpáveis (NAKAMURA; MACHADO, 2012, p. 33).

Esta modalidade de ensino, pode ser explorada num contexto físico, geográfico, ecológico, histórico, etc. proporcionando sempre uma nova visão sobre conteúdos abordados em sala de aula. E como exemplo de um dos campos em que este turismo pedagógico acontece é no campo, podendo ser vivenciado junto à natureza, neste exemplo acontece da seguinte forma:

Os alunos entram em contato com a comunidade local, sentem as dificuldades do cotidiano da localidade e adquirem novos conhecimentos e informações sobre o espaço rural, interagindo com os atrativos/recursos turísticos visitados. (PERINOTTO, 2008, p. 66)

Podem ocorrer também em locais históricos, repletos de memórias como em um espaço que tenha servido à Ditadura Militar (GROSSI, OLIVEIRA, LIMA, 2017). Este idealizado a partir do projeto “CEFET *campus* Petrópolis: Histórias de um prédio público por excelência” e a Comissão Municipal da Verdade, desta vez evidenciando em seus objetivos a elaboração:

De duas vistas técnicas com o objetivo de resgatar a memória dos locais de significância referentes ao golpe de 1964 e à Ditadura Empresarial-Militar no município (GROSSI; OLIVEIRA; LIMA, 2017, p. 44).

Visitando locais que referenciavam ao golpe militar de 1964 e ao regime militar de Petrópolis tais como Edifício Centenário, a 67ª Delegacia de Polícia, Casa da Morte, o Palácio Rio Negro, entre outros, porém por último o Centro Alceu Amoroso Lima pela Liberdade (CAALL) (GROSSI, OLIVEIRA, LIMA, 2017).

Mais um exemplo pode ser identificado no curso de turismo e hotelaria em uma universidade federal nordestina que partiram em busca do conhecimento também para além das salas de aula, frente ao desconhecido e objetivando em suma adquirir conhecimento tendo contato com empreendimentos, locais e organizações que estão disponíveis no ramo em que em sua maioria já atuam ou após formados, irão atuar, tal iniciativa é o objeto de estudo deste trabalho: o Projeto Grand Tour, na Universidade Federal do Maranhão.

O projeto contou com 3 edições que aconteceram entre 2018 e 2019 em duas cidades brasileiras, Fortaleza no Ceará e São Paulo capital, todas as edições foram voltadas de maneira exclusiva para discentes do curso de hotelaria e turismo que se destinavam para ter contato com empreendimentos públicos e privados em outro estado, sendo duas edições na cidade mais populosa do país e uma em um dos estados que relembresse um litoral, a indústria hoteleira e o clima, da cidade de origem.

O projeto em questão é coordenado pelo Núcleo de Pesquisas e Documentações em Turismo (NPDTUR) com parceria com o Departamento de Turismo e Hotelaria, com coordenações e centros acadêmicos dos referidos cursos e a Empresa Júnior de Turismo (LABOTUR) (UFMA, 2018). Por objetivo, o projeto teve por objetivo:

Realizar visitas técnicas a empresas do setor de hospitalidade, órgãos públicos de turismo e organizações não governamentais é um dos objetivos do projeto. Além das visitas, os alunos conhecerão os principais pontos turísticos da região metropolitana da capital paulista. (UFMA, 2018, p. 22).

Embora as duas primeiras edições tenham ocorrido na cidade de São Paulo é importante reconhecer a programação de ambas as edições. A seguir a programação da edição São Paulo realizada em março de 2018:

1º DIA (09/04/18)	
Horário	Atividade
03h00	Apresentação no Aeroporto de São Luís com destino a São Paulo
07h00	Café da Manhã no Aeroporto de Guarulhos
08h30	Visita Técnica ao Hotel Fast Sleep – Aeroporto de Guarulhos
10h00	Visita Técnica ao GRU Airport
12h00	Almoço
15h00	Visita aos principais pontos turísticos do centro de São Paulo (Teatro Municipal, Vale do Anhangabaú, Praça da Sé e Bairro da Liberdade);
18h00	Jantar
20h00	Visita Técnica ao Instituto de Reintegração do Refugiado (ADUS)
2º DIA (10/04/18)	
Horário	Atividade
07h00	Café da Manhã no Hotel
09h00	Visita Técnica a São Paulo Turismo
10h30	Visita Técnica ao Anhembi Centro de Eventos
12h00	Almoço
14h00	Visita Técnica ao Cora Residencial Sênior Jardins
18h00	Jantar
19h30	Visita Técnica aos cursos de Gastronomia, Hotelaria e Turismo do Centro Universitário SENAC – Santo Amaro
3º DIA (11/04/18)	
Horário	Atividade
07h00	Café da Manhã no Hotel
9h00	Visita ao Farol Santander
12h00	Almoço
14h00	Visita Técnica ao Mercado Municipal (Mercadão)
15h00	Rua 25 de Março
19h00	Jantar
20h00	Visita a Livraria Cultura do Conjunto Nacional (Av. Paulista)
4º DIA (12/04/18)	
Horário	Atividade
08h00	Café da Manhã no Hotel
09h00	Visita ao Hotel Holiday Inn Parque Anhembi;
12h00	Almoço
14h30	Visita Técnica ao Hospital Israelita Albert Einstein
18h00	Jantar
20h00	Noite Livre
5º DIA (13/04/18)	
Horário	Atividade
7h00	Café da Manhã no Hotel
8h00	Manhã Livre
12h00	Almoço
16h00	Apresentação no Aeroporto de Guarulhos com destino a São Luís/MA

Tabela 4 - Programação das atividades da primeira edição Grand Tour – SP

Fonte: PROJETO GRAND TOUR, (2018)



Figura 2: Reunião de discentes e docentes antes do embarque para a primeira edição Grand Tour – SP.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

O projeto buscou agregar visitas sobre empreendimentos abordados durante trabalhos em disciplinas específicas de cada curso. Na segunda edição as atividades seguiram o mesmo propósito e foram divididas da seguinte maneira:

1º DIA (21/05/18)	
Horário	Atividade
03h00	Apresentação no Aeroporto de São Luís com destino a São Paulo
07h00	Café da Manhã no Aeroporto de Guarulhos
09h00	Visita Técnica ao Hotel Fast Sleep – Aeroporto de Guarulhos
12h00	Almoço
14h00	Tarde Livre
18h30	Visita à Livraria Cultura do Conjunto Nacional e Avenida Paulista
20h00	Jantar
2º DIA (22/05/18)	
Horário	Atividade
07h00	Café da Manhã no Hotel
09h00	Visita Técnica a São Paulo Turismo
10h30	Visita Técnica ao Anhembi Centro de Eventos
12h00	Almoço
14h00	Visita Técnica ao Hotel Ibis Styles Anhembi
18h00	Jantar
19h30	Visita Técnica aos cursos de Gastronomia, Hotelaria e Turismo do Centro Universitário SENAC – Santo Amaro
3º DIA (23/05/18)	
Horário	Atividade
07h00	Café da Manhã no Hotel
08h30	Visita aos principais pontos turísticos do centro de São Paulo (Teatro Municipal, Vale do Anhangabaú, Praça da Sé, Bairro da Liberdade, Rua 25 de Março e Mercado Municipal)

12h00	Almoço
14h00	Visita Técnica ao Cora Residencial Sênior Jardins
17h00	Visita ao SESC Av. Paulista
18h00	Jantar
19h00	Noite Livre
4º DIA (24/05/18)	
Horário	Atividade
08h00	Café da Manhã no Hotel
09h00	Visita ao Hotel Intercontinental;
12h00	Almoço
14h30	Visita Técnica ao Hospital Israelita Albert Einstein
18h00	Jantar
20h00	Visita Técnica ao Instituto de Reintegração do Refugiado (ADUS)
5º DIA (25/05/18)	
Horário	Atividade
7h00	Café da Manhã no Hotel
8h00	Manhã Livre
12h00	Almoço
16h30	Visita Técnica ao GRU Airport
18h00	Apresentação no Aeroporto de Guarulhos com destino a São Luís/MA

Tabela 5 - Programação das atividades da segunda edição Grand Tour – SP

Fonte: PROJETO GRAND TOUR, (2018)



Figura 3: Visita ao Hotel Intercontinental em São Paulo.

Fonte: AUTOR, (2022).

Já na terceira edição, realizada na cidade de Fortaleza, no Ceará, o projeto almejou levar 18 estudantes novamente de turismo e hotelaria e 3 professores para fins de liderar o grupo. Da mesma forma que ocorreu na segunda edição e primeira a terceira edição teve suas atividades divididas da seguinte maneira:

1º DIA (08/04/19)	
Horário	Atividade
04h00	Apresentação no Aeroporto de São Luís com destino a Fortaleza
07h00	Café da Manhã no Aeroporto de Fortaleza
10h00	Visita Técnica ao Shopping Rio Mar Fortaleza
12h00	Almoço
16h00	Visita Técnica ao Centro Cultural Dragão do Mar
17h00	Visita Técnica a Catedral Metropolitana e Mercado Municipal
19h00	Jantar
20h00	Visita a Feirinha Beira Mar
2º DIA (09/04/19)	
Horário	Atividade
07h00	Café da Manhã no Hotel
09h00	Visita Técnica a Secretaria de Turismo do Ceará
12h00	Almoço
14h00	Centro de Eventos do Ceará
19h00	Jantar - Casa de Show de Humor - Lupus Bier
3º DIA (10/04/19)	
Horário	Atividade
07h00	Café da Manhã no Hotel
9h00	Visita ao Hotel do Beach Park
12h00	Almoço
14h00	Visita ao Beach Park
19h00	Jantar
20h00	Noite Livre
4º DIA (12/04/19)	
Horário	Atividade
04h00	Deslocamento para o Município de Jijoca de Jericoacoara
08h00	Café da Manhã na estrada
10h00	Visita aos principais atrativos do Parque Nacional de Jericoacoara (Pedra Furada, Lagoa do Paraíso)
12h00	Almoço na Lagoa do Paraíso
15h00	Visita Técnica ao Essenza Hotel
16h30	Visita a sede do ICMBIO do Parque Nacional de Jericoacoara
18h00	Retorno a cidade de Fortaleza
5º DIA (13/04)	
Horário	Atividade
7h00	Café da Manhã no Hotel
8h00	Manhã Livre
12h00	Almoço
15h00	Visita Técnica ao Shopping RioMar
18h00	Jantar
21h00	Apresentação no Aeroporto de Guarulhos com destino a São Luís/MA

Tabela 6 - Programação das atividades da terceira edição Grand Tour – CE

Fonte: PROJETO GRAND TOUR, (2018)



Figura 4: Visita ao complexo Crocobeach em Fortaleza – CE.
Fonte: AUTOR, (2022).

Como pode-se observar, nas três edições o projeto não poupou esforços em realizar uma dinâmica constante de visitas em empreendimentos privados e órgãos públicos, visto que de uma perspectiva, como a do turismo, estão intrínsecos ao setor e são personagens que podem da sua maneira, indiretamente ou diretamente, contribuir com o aprendizado desta prática, além de destinar um tempo também para o lazer e entrosamento dos estudantes.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o objetivo geral de analisar as contribuições do projeto Grand Tour na formação de estudantes dos cursos de turismo e hotelaria da Universidade Federal do Maranhão, partiu-se, inicialmente, de uma leitura do referencial teórico sobre a educação em turismo e hotelaria no Brasil e a relevância das atividades práticas na formação discente.

A pesquisa bibliográfica esmiuçou ambas as áreas do turismo e hotelaria, delimitando-se ao seu contexto pedagógico, quanto a sua origem nacional e seus desdobramentos, buscando rever a inovação prática do docente e o fator da prática como ponto de ignição para o desenvolvimento, além de traçar uma linha que compreenda o discente e docente como agentes que busquem constante troca com o mercado de trabalho. Essa etapa da bibliografia é fundamental para a pesquisa científica, conforme argumentam Pizzi et al. (2012), facilitando seu desenvolvimento.

Entende-se essa pesquisa como exploratória e descritiva, já que a familiarização com o assunto permeia a pesquisa e de caráter qualitativo, permitindo uma compreensão mais profunda do objeto do estudo (MARCONI e LAKATOS, 1990; GOGOI E BALSANI, 2006).

Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário semiestruturado com 11 perguntas abertas para entrevista com seis discentes, e nove perguntas para quatro docentes participantes do projeto de edições diferentes. Dos 68 participantes do projeto foi retirado uma amostra de 6 discentes e 4 docente que responderam ao único critério de ter participado de ao menos uma das três edições do projeto Grand Tour.

Por meio do questionário para os discentes, buscou-se identificar suas motivações para participação no projeto, as possíveis contribuições para sua formação e quais vivências podem ser assemelhadas com as disciplinas em turismo e/ou hotelaria. Almejou-se, ainda, analisar suas compreensões sobre as visitas técnicas e o seu papel na formação dos estudantes em hotelaria e turismo, além de entender se há uma ligação entre o mercado de trabalho e essa metodologia.

O questionário para os docentes, por sua vez, contemplou suas formações e experiências profissionais, suas percepções sobre as visitas técnicas e o entendimento também da inserção das mesmas no cotidiano educacional, além de suas respectivas compreensões a respeito do projeto. Buscou-se identificar também

seus apontamentos acerca das atividades práticas exercidas durante o projeto e suas edições.

Diante das limitações impostas pela pandemia do novo coronavírus, e da localidade de todos os participantes, entrevistador e entrevistados, recorreu-se ao recurso da chamada de vídeo via *Google Meets* como estratégia para coleta de dados. As entrevistas ocorreram durante a segunda semana do mês de janeiro de 2022 e o conteúdo das entrevistas foi coletado mediante autorização dos entrevistados, com sigilo sob de suas identidades. O conteúdo gravado foi posteriormente transcrito para a análise. Para evitar os ruídos presentes durante a chamada pelo *Google Meets*, utilizou-se a extensão “*Voicy*” para fins de filtrar melhor a voz dos entrevistados e garantir uma melhor análise do conteúdo.

5 ANÁLISES E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

Nesta seção serão analisados os resultados apresentados pela pesquisa realizada com os discentes e docentes que seguindo exclusivamente pelo critério de em algum momento ter participado do projeto Grand Tour, seguido pela discussão dos mesmos. Nesta parte inicial do capítulo, será descrito sobre o perfil geral dos entrevistados, dados importantes recolhidos mediante as entrevistas. Serão contrapostos também argumentos dos mesmos em momentos específicos. Após isso será analisado também as respostas coletadas das entrevistas com os docentes de ambos os cursos de turismo e hotelaria, feito isso, será realizado as discussões.

5.1 Análises com enfoque nos discentes sobre a prática e o projeto Grand Tour

Como mencionado no capítulo dos processos metodológicos deste trabalho, para que se pudesse colher resultados utilizou-se de entrevistas com um roteiro semiestruturado com perguntas abertas através da plataforma *Google Workspace: Meet*. Inicialmente o universo desta pesquisa foi estabelecido da seguinte maneira:

Ao serem perguntados sobre suas idades, dos 6 discentes entrevistados somente um preferiu não mencionar a sua própria, mas quando questionados sobre seus gêneros todos responderam, assim como sobre suas formações, lembrando que as suas respectivas identidades foram protegidas.

ENTREVISTADO	IDADE	GÊNERO	FORMAÇÃO
A	--	Feminino	Graduanda em Hotelaria
B	23	Feminino	Graduanda em Hotelaria
C	26	Masculino	Graduanda em Turismo
D	23	Feminino	Graduanda em Turismo
E	36	Masculino	Graduando em Turismo
F	27	Feminino	Graduada em Hotelaria

Tabela 7 - Identificação dos entrevistados discentes

Fonte: AUTOR, (2022)

Adiante, quando perguntados sobre suas opiniões sobre suas compreensões sobre as visitas técnicas e sua importância todos tiveram um *feedback* parecido em relação as mesmas, porém vale destacar uma resposta a respeito do curso de hotelaria:

Olha, eu acho que a visita técnica principalmente no nosso curso que a gente não tem a prática, eu acho que ela amplia e muito assim, a nossa visão com relação a tudo que envolve o curso porque muitas vezes a gente só fica em sala de aula aprendendo a teoria e meio que imaginando como seria, como é que é e aí quando a gente faz uma visita técnica a gente consegue visualizar, né. De forma mais real que de fato a gente vai encontrar no mercado, né. (ENTREVISTADO A, grifo nosso)

Porém, outra resposta que também contribuiu com um fato importante mencionado na primeira pergunta pelo entrevistado A, o de “Não ter prática” no curso de hotelaria:

Infelizmente na nossa faculdade, a gente não tem a prática dentro do curso, a gente tem apenas a teoria, então as visitas técnicas, né, a gente sair da sala de aula para conhecer hotéis, para conhecer espaços de eventos, se tornam um complemento na formação, a gente conhecer um pouco, o dia a dia dos hotéis, viajar como ocorreu também, para conhecer outros segmentos, conhecer hospitais e hotéis como eu já falei, e os setores em si, né? ver como funciona o dia a dia de cada setor. Então pra mim por ter essa carência da prática no curso, se tornou essencial para eu conhecer realmente do que se tratava minha área. Sair da teoria para a prática, porque no estágio a gente tem essa experiência, mas as visitas em si a gente acaba saindo um pouco da sala de aula né? e supre essa deficiência que a gente tem no curso, de não ter prática. (ENTREVISTADO B, grifo nosso)

Percebe-se essas questões da ausência da prática, ao se identificar que embora ainda ocorra o estágio de cunho obrigatório, os mesmos geralmente são experiências pelos discentes próximos do término de suas graduações, sendo assim, destacando-se o papel das visitas técnicas como fonte inicial de contato, como mencionado pelo entrevistado B em:

O fato de mostrar por aluno do que se trata, no que você tá se formando, não apenas pelos livros, mas da gente ir pra dentro das empresas, de hotéis, espaços de eventos, hospitais, sair mesmo pra prática, realmente preencher aquela lacuna que tem no nosso curso, que até hoje eu tenho curso.

Para o entrevistado E, as visitas técnicas funcionam da seguinte maneira “Às vezes, você tem uma visão quando você está na sala de aula, a teoria ela te passa uma visão de o que tem que ser feito, qual é o certo e quando você faz uma visita técnica [...] Você consegue perceber algumas coisas”, porque “Às vezes a gente também só ver o lado bom das coisas”. O entrevistado cita um exemplo ocorrido em questão que estava presente:

Eu lembro que uma vez a gente fez uma visita técnica num hotel aqui em São Luís um desses. De luxo daqui de São Luís e quando você passava na área que era só dos funcionários gente era um negócio assim, tenebroso, sabe? E teria todo luxo na parte dos hóspedes e quando você vai ali... foi a parte que era dos funcionários era um negócio sabe era tudo escuro cheio de mofo. Eu fiquei de cara, eu acho que é bom pra gente ter essa visão, vendo de fato as coisas na vida real, né. A gente sabe que a academia é uma coisa, o real, geralmente, são cores bem diferentes (ENTREVISTADO, grifo nosso).

Os dois primeiros entrevistados possuem uma reclamação em comum que direcionam seus apontamentos para uma falha do curso em suas percepções, neste caso, a falta da prática traz para ao menos um dos dois, uma ausência durante sua formação. Para o terceiro exemplo, o entrevistado E, discente de turismo, colaborou com esta pesquisa ao salientar que as visitas técnicas reforçam a graduação em turismo. Vale frisar que, todos os entrevistados antes de vivenciarem o Grand Tour já tinham presenciado visitas técnicas ao decorrer de sua graduação, sem ressalvas. Um deles até menciona que foi, em sua maioria, com o coordenador do projeto, o entrevistado A no caso, relata que “A maioria das visitas técnicas que eu fiz ao longo da graduação foram das disciplinas ministradas pelo professor Ruan”.

Finalizando essa primeira parte do questionário, o entrevistado D frisa que “As visitas técnicas são de extrema importância para um acadêmico. Por que assim, como eu falei também, ela abre o leque, que te leva para o bastidor e como que funciona o bastidor”. Tal pensamento reforça o conhecimento dos empreendimentos turísticos, por exemplo, citado pelo entrevistado E.

Ao serem questionados sobre qual diferencial o projeto Grand Tour teria ainda sobre as visitas técnicas desempenhadas durante a graduação, foi obtido os seguintes relatos:

O entrevistado E, menciona em seu depoimento que as visitas técnicas elaboradas durante o Grand Tour não tiveram muita diferença se comparadas com as desempenhadas localmente, apenas os aparatos dispostos na cidade visitadas tinham:

Não teve muita diferença não. Tem diferença digamos que não na palavra, mas na ideologia. Digamos, em relação, a tipo estruturais obviamente são completamente diferentes, né? São Paulo: o que a gente fez lá no SENAC São Paulo fiquei chocado, sabe? Assim, com o SENAC com os quartos de hotel pros meninos praticar, a diferença é nesse quesito, né? De porte das coisas, de características e tal, mas eu acho que na teoria assim, né? Sabe? No conceito, elas foram iguais por isso. Aqui a gente visitou. Lá a gente fez visita entendeu? Eu te falo que foram iguais, mas ideologicamente não é falada outra nesse sentido sabe? (ENTREVISTADO E, grifo nosso)

O entrevistado F partiu do princípio de que na verdade “o Grand Tour possibilitou a gente ver a realidade de em outros Estados [...] A gente ter contato com a hotelaria de fora”. Ainda assim, indo de encontro ao que o entrevistado E disse sobre somente a diferença ser nos atrativos, o entrevistado F completa que:

Então, é até mesmo a questão de abrir as ideias, outras possibilidades também de mercado por exemplo. Digamos que lá em São Paulo tenha um outro empreendimento que a gente poderia colocar e crescer dentro da hotelaria e aqui em São Luís não tem então é interessante por conta disso. A gente ter acesso a outras realidades.

Estes pensamentos se contrapõem quando no primeiro identifica-se uma visão simplista a respeito do projeto e sobre o que se propõe a fazer e no segundo subtende-se que há uma visão empreendedora por trás, que busca tornar real em um local como São Luís por exemplo uma possível nova realidade.

Enquanto isso, o entrevistado C retrata durante sua entrevista que o projeto, ao ser correlacionado com as visitas técnicas vivenciadas na cidade de São Luís que “Eu acho que teve muita diferença”. E ainda complementa seu raciocínio ao dizer que:

Tudo foi muito bem pensado para a gente ter mais conhecimento sobre determinada área. Tudo começa com o turismo e o turismo começa justamente com o *Grand Tour*, desde? Na Europa quando inicia o turismo. Eram alunos de saúde, de Medicina, que iam pra outros lugares, principalmente pela Europa mesmo pra agregar conhecimento. O turismo começou dessa maneira [...] Óbvio, as visitas técnicas que a gente tinha (regulares, durante a semana e finais de semana) na cidade de São Luís eram pensadas também para ganhar conhecimento técnico, mas o *Grand Tour* parece que era uma coisa maior, o nome já falava “*Grand Tour*” parecia que era uma coisa maior do que só uma saída final de semana, só se juntar com o professor no Centro Histórico da cidade. Eu sentia essa diferença. Foi durante o *Grand Tour* – apesar de que eu participei do *Grand Tour* da edição que foi pra Fortaleza e eu já conhecia Fortaleza, mas não a que eu conheci no projeto. (ENTREVISTADO C, grifo nosso)

O entrevistado B complementa esse último pensamento ao reconhecer que há o diferencial entre as abordagens já vivenciadas e traz um novo olhar para o projeto ao dizer que “você também está sendo um usuário”, dando a entender que os participantes do projeto vão para além da visão técnica e que não se deve esquecer que antes de tudo estes participantes também são clientes destes artefatos turísticos.

É por que além de estudante você também está sendo um usuário, você está indo atrás não somente de conhecimento, mas também de experiência né?

E eu acho que aqui é algo mais objetivo em si né? A visita técnica, e a viagem não, é um conjunto de experiência! Entendeu? É algo muito maior é, você vai no aeroporto e você vai conhecer como que funciona, você tá indo como cliente e ao mesmo tempo você tá naquela perspectiva de conhecer, né? Você vai se hospedar em um hotel, ou então você vai utilizar ali um serviço, por exemplo o Beach Parque, você tá indo como cliente, mas também você tá indo com a perspectiva de estudante, então eu acho que o diferencial é isso! (ENTREVISTADO B, grifo nosso).

Esta perspectiva condiz com a narrativa de que as visitas técnicas ocorridas no Grand Tour mostraram novos olhares para os discentes, que embora somente um dentre os seis tenha o entendimento de que é a mesma coisa só mudando o lugar, a maioria compreende que o projeto visa esse tipo de expansão.

Contudo, vale ressaltar que o Entrevistado E resume seu pensamento sobre um possível diferencial do projeto em relação às visitas técnicas realizadas nacionalmente da seguinte forma.

É realmente comparar a realidade, né? É tipo assim sabe aquele medo de início de um sonho e deu tudo certo? É mais ou menos isso São Luís é tipo assim como se tu tivesse no início do sonho ainda e o que a gente viu, quando foi pra São Paulo era o “tudo dando certo”.

Isso nos remete que embora as visitas para ele pareçam as mesmas, ainda assim, comparar as realidades traz à tona um diferencial perante as visitas locais. Os entrevistados também tiveram de responder especificamente sobre o Grand Tour, nesse caso se o projeto contribuiu para com sua formação e desta forma obteve-se as seguintes respostas:

Eu acho que sim assim, talvez não tenha contribuído tanto quanto as outras pessoas porque assim por exemplo São Paulo é um lugar que eu já ia muito. Nessa época ele era quase um morador de São Paulo então eu ia tipo cinco seis vezes no ano pra São Paulo, então assim, muito do que a maioria das pessoas viram que foi nele, que nunca tinha ido pra São Paulo eu já vi, né. Então assim, você que nunca saiu de São Luís, foi diferente. Mas eu acho que assim, falando de turismo especificamente eu acho que pra mim não foi tão novidade mais por isso entendeu? (ENTREVISTADO E, grifo nosso)

Ressalta-se que o Grand Tour possuía como objetivo levar os discentes através de uma visão técnica e pedagógica através das cidades em que se deslocaram, portanto, pode ser que este entrevistado estivesse insatisfeito devido questões pessoais. Porém tais questões, quando mesmo que desalinhadas para com o projeto para o Entrevistado C foi possível destinar seus esforços para a área em que, mesmo com dúvidas, estava inserido.

O *Grand Tour* me fez ver que eu realmente gosto da área e, quero trabalhar com isso. Não sei se foi a experiência de ver a organização do *Grand Tour* ou de trabalhar com o turismo, porque eu gosto muito de fazer acontecer, de organizar. Exemplo: organizar uma viagem ao lugar tal para um grupo de 50 pessoas. Tem que organizar bebida, transporte, hospedagem e guias de turismo. Gosto de ter o bom tratamento com o turista, principalmente porque eu participei dois anos da minha vida como estagiário em um museu lidando diretamente com a parte final, o cliente final, que é o turista. Passar tudo o que a gente tinha na nossa cidade para o turista era muito bom. Então eu queria ver também o que era organizar, aplicar tudo isso, pegar uma coisa que não está boa de um jeito e conseguir consertar, conseguir trazer turistas e passar o conhecimento para o turista. Então o *Grand Tour* me fez ter vontade mais ainda de ser turismólogo, sem dúvidas nenhuma.

Tal percepção é identificada de maneira semelhante no entrevistado D ao dizer que o projeto Grand Tour “Tirou aquela visão limitada que eu tinha antes e hoje me deu mais uma visão ilimitada de várias outras funções que eu posso exercer, de vários outros empregos que eu posso ter. Então, foi de extrema importância” já que segundo o mesmo antes do projeto “eu era apenas 50% realizada apenas”, segundo este mesmo entrevistado:

Logo após, que nós fomos para o Grand Tour e que eu vi aquele mundo que é o aeroporto de Guarulhos, que eu tive o primeiro contato sem ser o aeroporto que nós temos aqui - que é um aeroporto que acredito que o tamanho do aeroporto aqui é o tamanho de um portão do aeroporto em Guarulhos. Então, chegando lá, abriu a minha mente, me deu mais opções, tirando aquela que é bem assim “Ah, se eu não for Comissária eu vou fazer o quê?”. Não é bem assim! Se eu não for comissária, eu posso ser uma Gestora de Aeroportos, tem vários aeroportos, vários no Brasil, no mundo inteiro, né? Eu nunca tive aquele foco de só ficar aqui, não tenho problema com isso. Onde tiver o emprego que eu quero, eu mudo. Eu não sou presa aqui. Então, abriu esse meu leque e me deu até hoje um conforto maior. Por que, assim, eu pensava “Se eu não for comissária, eu vou ser o quê?”. Nós sabemos que Turismólogo pode trabalhar em muitas áreas, mas áreas em si, sendo bem sincera, não chamam minha atenção, não tem o meu amor, a minha paixão como a aviação, como os aeroportos e a Gestão Aeroportuária tem. (ENTREVISTADO D, grifo nosso).

Já para o entrevistado A, o projeto contribuiu com sua formação quando de sua maneira a visão teórica pode ser sobreposta pela prática, por ver quem está trabalhando naquele ambiente em que pode ser mencionado apenas teoricamente na academia.

Porque assim quando a gente não está no mercado, a gente fica só imaginando, né. E aí vendo as visitas técnicas, vendo a prática das pessoas, ainda assim a gente fica na teoria e quando a gente está no mercado, aí a gente começa a ver que algumas coisas fazem sentido né. E outras nem tanto né? Algumas coisas por exemplo que a gente aprende no curso que na prática a gente nem vai utilizar, e outras que a gente deveria atender e acaba

que não aprende aí o que vai contribuir quando a gente tá inserido no mercado de trabalho, são essas visitas que a gente fez ao longo da graduação. (ENTREVISTADO A, grifo nosso).

Pode se observar até aqui que os discentes mais jovens, que por consequência estão ainda em dúvida e/ou preocupados com seu futuro pós formados tiveram graças ao projeto, ou um caminho novo a ser desbravado descoberto, ou sua ânsia em continuar na educação superior renovada. Tal dilema, é vivenciado de maneira plena por uma maioria significativa entre os graduandos.

E para o entrevistado B a experiência para com o projeto contribuiu para com sua perspectiva ampliando-a, melhorando questões como postura, questão de organização e questões referentes a disponibilidade. Ao ser questionado sobre tais apontamentos o entrevistado frisou que “é de você saber né? Se organizar com os seus horários, de saber que você precisa conciliar várias coisas, a questão da profissão hoteleira, tem muito da conciliação, entendeu?”.

Passado este momento, buscou-se saber se o projeto que experiências ao longo do projeto os discentes puderam associar com as disciplinas cursadas respectivamente em seus cursos. Para isso, identificam-se as seguintes informações:

Quando a gente visitou os hotéis, lembrou muitas coisas das matérias do professor Ruan, de Gestão de Hotelaria e de Alimentos e Bebidas. Também as aulas do professor Anderson, de Tecnologia da Informação. A tecnologia pode agregar bastante ao setor turístico, seja ele de transporte, para a área de A&B, ou para facilitar a organização e os projetos dentro de um empreendimento. Foram essas duas matérias: Tecnologia da Informação e Gestão de Alimentos e Bebidas e Hotelaria (ENTREVISTADO C, grifo nosso).

Teve várias, assim, essa questão de alimentos e bebidas, a gente conheceu muitos estabelecimentos. Na questão de lazer e recreação o Beach Parque, a gente conheceu não só o complexo em si, mas hotéis que fazem parte, e a gente vê que nos hotéis, não é só porque tem um hotel em um dos maiores complexos aquáticos do Brasil, que você vai ter um hotel que não vai ter recreação, então assim, a gente conseguia ver, né, que assim, é muito trabalho, basta ter um atrativo, sabe? Ele também pode se tornar atrativo, por que quando o parque fecha, as pessoas, elas têm que ter uma outra coisa pra se divertir, além da praia (ENTREVISTADO B, grifo nosso).

A de São Paulo casa muito com o Turismo Urbano. Eu fiz até essa cadeira de férias com o professor Ruan inclusive. Por que São Paulo é uma cidade mais urbana mesmo. Por exemplo, se você quer um turismo de praia você não vai para São Paulo, isso é óbvio. Mesmo em interiores, tem praias lindas, mas não é o foco. No caso de Fortaleza, as cadeiras de administração. Foi o que eu pude casar, mas foi o que eu associava com São Luís. O Turismo I e II que a professora Linda falava bastante de muitos pontos. E em algumas visitas técnicas aqui em São Luís, a cadeira de Patrimônio. E alguns pontos em Fortaleza também eu vi em Patrimônio. Em São Paulo eu caso atualmente com todas que eu já tive, mais Turismo Urbano e Gestão mesmo. Gestão

geral que nós temos, é até o 1º período. Que eu lembre é só (ENTREVISTADO D, grifo nosso).

Nota-se que os participantes das edições do projeto Grand Tour tiveram suas percepções em diferentes disciplinas onde o entrevistado C anexou seus pensamentos em disciplinas voltadas para a área de alimentos e bebidas, área está inclusive que faz parte do curso de hotelaria quando se está realizando um dos estágios obrigatórios. O segundo, o entrevistado B, voltou sua atenção para a questão do lazer e recreação, percebendo os serviços diferenciados dentro de um meio de hospedagem. E o terceiro que identificou a disciplina de gestão do turismo urbano, ministrada inclusive pelo coordenador do projeto, como próxima ao vivenciada durante o Grand Tour. Além de disciplinas como Fundamentos do Turismo I e II e também de Patrimônio.

Chegado ao término dessa subcategoria do questionário, questionou-se aos discentes se em suas percepções o projeto Grand Tour aproximava-os do mercado de trabalho. E para início na exemplificação destas respostas obtém-se as seguintes informações:

Para o entrevistado A, o projeto aproxima “porque além da gente fazer o *networking*, foi perguntado, não por mim, mas outros colegas que estavam lá, sobre se eles aceitavam currículos eles disseram que si”. Para o entrevistado B o projeto aproxima também porque “a gente sai da zona de conforto”, pois:

Pra quem pretende trabalhar aqui né, destino São Luís, então a gente acaba percebendo o que tem de diferente na Cidade, a gente consegue ver, o que que tem de melhor, né, no caso do destino e São Paulo e destino Fortaleza, dentro desses segmentos que eu falei, dos hotéis, da gastronomia da questão de eventos, da restauração, hotelaria hospitalar, na questão do lazer e da recreação, e trazer, de alguma filtrar o que a gente pode estar implementando aqui em São Luís.(ENTREVISTADO B, grifo nosso).

O entrevistado C, que segundo mencionado em sua entrevista é formado em um dos cursos do eixo, mas não trabalha ainda na área nos revelou o seguinte:

Consegue, como me aproximou e me mostrou que realmente Hotelaria é o que eu quero fazer, mas infelizmente ainda não consegui. É o que eu quero, sendo bem simples e bem selecionado o destino no *Grand Tour*. Não é suma escolha aleatória e é um grande desafio também fazer isso, escolher qualquer cidade, ver se o turismo funciona em qualquer lugar do Brasil; mas selecionando bem a cidade, com os professores que tem um grande conhecimento e já viajam bastante o nosso país sabendo escolher o destino certo para mostrar os empreendimentos certos e como realmente estes

funcionam, o *Grand tour* acerta em cheio, fazendo com que o aluno se aproxime mais ainda do mercado de trabalho, porque - não sei se muito acontece no curso de Hotelaria - no curso de Turismo era bem comum no primeiro período entrarem quarenta alunos; no segundo, trinta e cinco; no terceiro, diminui pra trinta e cinco e a evasão vai acontecendo, porque não tem muita coisa que prenda logo no começo do curso (ENTREVISTADO C, grifo nosso).

Embora este trabalho não possua e seu escopo a leitura sobre a problemática da evasão dos egressos em um dos cursos ou em ambos, o entrevistado nos leva a compreender que o Grand Tour estaria resolvendo um problema que assola em cheio ambos os cursos pertencentes ao Departamento de Turismo e Hotelaria. O mesmo conclui seu pensamento ao dizer que:

Se o *Grand Tour* acontecesse todos os anos e o aluno que está no primeiro período já tivesse a oportunidade de participar desse projeto, pode ter certeza de que vai pensar antes de sair do curso, vendo como ocorre a prática daquilo que é estudado. O *Grand Tour* cumpre o seu propósito que é o de aproximar o profissional/aluno à sua área de trabalho (ENTREVISTADO C, grifo nosso).

O pensamento sobre os egressos, popularmente chamado de calouros, é encontrado também na fala do entrevistado D ao supor que:

Consegue, ele abre a visão do aluno. Nós vamos para os bastidores e aí nós temos o conhecimento da quantidade de funções diferentes. Então aquele que pensa em fazer só aquilo, ele pensa em fazer a opção A, B e C. Você entra com a opção A e B. Você conhecendo um bastidor, você fazendo uma visita, você passa a ter a opção A, B, C e D. Igual como nós fizemos as visitas nos hotéis lá em Fortaleza, certo... “Ah, eu quero ser hoteleiro.”, mas você pode ser um Maitre, você pode ser Chefe de departamento, você não precisa ser só o hoteleiro que fica ali. Você vê que tudo é departamentalizado, que você não precisa necessariamente trabalhar em um departamento, você pode trabalhar em 1, 2, 3 e 4. Então isso, é sem dúvidas, de extrema importância principalmente pra quem tá começando. e um dos focos que o professor Ruan sempre colocou pro pessoal do 1º, 2º período, porque realmente nós entramos no curso com uma visão limitada. Ele nos levando pra uma visita técnica dessas abre a mente do acadêmico que algumas vezes tá até desmotivado no curso, no meu ponto de vista muda completamente (ENTREVISTADO D, grifo nosso).

E como dito anteriormente neste trabalho, o projeto possui um objetivo técnico e pedagógico específico para os cursos de eixo turismo e hotelaria, portanto, o fator pessoal, caso a pessoa possua formações em outra área pode nos parece que pode pender para um lado menos convidativo ao Grand Tour, o que não é de fato visto como uma experiência negativa, pois ainda assim agrega ao conhecimento do profissional, mas pode ser percebido apenas como pano de fundo e não tão

convindicativo para o embasamento do alicerce profissional, observa-se isso no depoimento do entrevistado F ao dizer que o projeto não contribuiu com a sua formação profissional.

Olha, eu vou dizer que não porque eu sigo uma área que eu mudei, assim foram situações outras experiências e aí eu fui gostando de outras áreas, mas não foi por conta do Grand Tour. Olha, dentro do Grand Tour assim eu gosto de muitas coisas, então eu fui mais pra conhecer. Pra conhecer, ter experiência de outros lugares, conhecer outros empreendimentos porque eu como como aluna eu queria ter essa oportunidade de estar experimentando. Eu queria experimentar um pouquinho de cada coisa no período em que eu estava como estudante do curso. Então todas as oportunidades que eu pudesse abraçar eu abraçava não tinha eu vou porque eu quero e conhecer a área de porque eu quero trabalhar na área de hotelaria, hotéis. Ou quero trabalhar na área de restaurante... tinha muito, não era uma coisa fixa eu queria experimentar então acredito que com o Grand Tour com as visitas técnicas né isso daí seria mais fácil pra mim porque aí no caso. Os profissionais ali tinham um ambiente e eu pude estar aprendendo um pouquinho mais do dia a dia daquelas pessoas (ENTREVISTADO F, grifo nosso).

Por último, nessa sub categoria, buscou-se sanar a dúvida sobre a seguinte questão: *O projeto Grand tour influenciou de alguma forma o profissional que você ou será? Se sim, de qual forma?* E foi obtido o seguinte paralelo:

O Grand Tour, ele contribuiu muito para a minha conclusão de curso, por exemplo, eu desenvolvi, é, a minha monografia, né. Foi assim uma das inspirações e motivações por eu ter conhecido o Cora Residencial, o hospital Albert Einstein e a própria ONG e a minha intenção é quanto graduada era, na verdade ainda é atuar nessa área da hotelaria hospitalar [...] (ENTREVISTADO A, grifo nosso).

Aqui, neste caso, o Grand Tour auxiliou o entrevistado a concluir uma das etapas cruciais na vida de um acadêmico de ensino superior: a: criação, desenvolvimento e entrega de um trabalho de conclusão de curso. Já para o entrevistado B o projeto o auxiliou na sua inteligência emocional.

Porque a nossa área né, a gente lida com pessoas e atendimento ao público, e vindo e conversando com quem já tem bastante experiência, né? Claro que a gente precisa passar por determinados momentos, a gente precisa de criar experiência, mas a gente conversando né com as pessoas, observando também, a gente vê que é uma das coisas que mais direcionam a gente. “olha você tem que ser forte por que é muito instável, né? Então a inteligência emocional é um dos pontos que o profissional, ele deve buscar (ENTREVISTADO B, grifo nosso).

Para o entrevistado D o projeto não só o influenciou e o auxiliou com sua escolha profissional, devido um fator, como a visão limitada por exemplo, mas também o acalmou, vejamos:

Me acalmou de uma forma e me estimulou mais no curso, me estimulou muito. Por que eu ficava *“Eu vou ter cadeira tal, tal e tal pra uma área que eu não quero nem me ver pintada de ouro”*. Mas tem outras cadeiras que vai casar com isso aqui, entendeu? Igual aquele meme fala *“Eu vou escolher tal curso pra eu estudar só coisas que eu gosto. Eu conto ou você conta?”*, porque não é bem assim. Nós estudamos um pouco de tudo. As visitas técnicas do Grand Tour abriram o leque que mudou toda a minha carreira profissional e trouxe uma paz muito grande. De brinde ainda veio essa paz!

E por último, o entrevistado E menciona que no projeto, devido uma alta demanda vivenciada aprendeu a olhar para outras áreas, que mesmo inexistentes localmente, é uma possível escolha profissional, tendo enfoque em questão a hotelaria hospitalar, concluindo seu pensamento com “...também me ensinou olhar pra outras áreas que a gente não pode no turismo que a gente não vê muito. Sabe, tipo assim hotelaria hospitalar, está lá...”.

No fim das entrevistas com os discentes foi perguntando a respeito de pontos negativos e positivos a respeito do projeto e suas sugestões para próximas edições. Um dos entrevistados menciona que os empreendimentos foram bem escolhidos, mas que como é corrido estes locais poderiam ter sido visitados com mais calma. O entrevistado A em questão reconhece que tais questões podem ser advindas do agendamento para com os organizadores e também o distanciamento geográfico, o entrevistado recomendou novas cidades para o projeto incluir em suas perspectivas como Salvador e Rio de Janeiro.

O entrevistado B disse que devido ser um pouco desgastante a semana intensa de visitas, sendo assim, adicionar o fim de semana poderia ser uma ideia a ser levada em consideração porque “é bom porque a gente consegue ver a movimentação da cidade, consegue ver como é que o morador vivencia”.

Os entrevistados C e D partem do princípio de trazer os discentes para participarem mais da escolha dos locais a serem visitados ainda durante o período de maturação da edição do projeto, entretanto, este último salienta da necessidade de focar em egressos mais recentes nos cursos, pois segundo ele

Porque é um período que é tudo ali muito novo. Tá conhecendo tudo e tem gente que entra só por entrar, porque foi “*o que passou*” e aí leva a se apaixonar de uma forma diferente, a olhar de uma forma diferente, o que eu acho que faz toda a diferença (ENTREVISTADO D, grifo nosso).

E para finalizar essa primeira parte deste capítulo e das entrevistas, para o entrevistado F o projeto deve possuir um planejamento maior, buscando uma certa rotina anual na oferta do mesmo, “Se fosse talvez já alguma coisa planejada já anualmente acho que seria. Mais fácil de outras pessoas participarem porque já era uma coisa mais certa.” Tal recomendação se dá devido os participantes terem de arcar com suas próprias despesas, mesmo que o projeto englobe descontos e tarifas promocionais em pacotes como de grupo por exemplo. Então, prever com mais antecedência pode diminuir a discrepância entre discentes que podem ou não viajar.

5.2 Análises com enfoque nos docentes sobre a prática e o projeto Grand Tour

No universo do docente nesta pesquisa identificou-se que todos possuíam ao menos sua formação já com mestrado e possuíam suas graduações, ou em turismo, ou em hotelaria. Todos os quatro são professores do Departamento de Turismo e Hotelaria (DETUH) de como ocorrido nas entrevistas com os discentes, apenas um dos participantes não mencionou ou preferiu não divulgar sua idade. O quadro de distribuição dos colabores desta pesquisa ficou assim:

ENTREVISTADO	IDADE	GÊNERO	FORMAÇÃO
A	39	Feminino	Hotelaria Administração Mestrado e Doutorado
B	40	Masculino	Hotelaria e Letras Mestrado e Doutorado
C	38	Masculino	Turismo e Mestrado
D	--	Feminino	Turismo e Pedagogia Mestrado e Doutorado

Tabela 8 - Identificação dos entrevistados docentes

Fonte: AUTOR, (2022)

Após as perguntas introdutórias com suas respectivas respostas na tabela 8 descrita acima, iniciou-se o questionário na subcategoria que envolve a compreensão

a respeito da prática das visitas técnicas no contexto da prática docente, dentre os quatro entrevistados foi obtido o seguinte resultado:

O entrevistado A nos trouxe o fato de que por ter ministrado muitas disciplinas de cunho teórico e prático as visitas eram recorrentes:

Por que eu passei por várias disciplinas dentro do curso de hotelaria. Praticamente eu já ministrei todas. Ministrava muitas disciplinas práticas, que eram as disciplinas antigas: Hotel I, Hotel II, Restaurante I, Restaurante II. Até no curso de Turismo também, de Gestão de Meio de Hospitalidade. Nessas disciplinas, que são disciplinas teórico-práticas, têm módulos práticos, eu sempre realizava visita técnica e sempre fazia uma imersão com os meus alunos em hotéis. Então, ainda que fosse um tempo menor do que realmente a parte prática exigia, eu entrava em contato com hotéis como se fosse uma visita técnica estendida. Não era um estágio, mas o aluno ficava ali um dia em cada setor pra ver como funcionava. Então, não era uma visita de uma tarde. Ele tinha uma visão melhor do empreendimento. Era assim que eu fazia quando eu ministrava as disciplinas. (ENTREVISTADO A, grifo nosso).

O entrevistado C relatou que devido a pandemia e as normativas da instituição de ensino superior o aconselhamento foi de não ser feito.

Lá em dezembro de dois mil e dezenove. Aí realmente depois que começou a pandemia a universidade tem as normativas, né? Que não aconselham que a gente faça atividades presenciais daí não se fez mais visitas técnicas o que é muito ruim, mas a gente tem tentado assim ao máximo possível alguns hotéis tem hotel que dá pra você fazer uma visita virtual, né? Entrar no site ali e fazer aquelas coisas com trezentos e sessenta. eu sempre faço isso nas aulas pra tentar mostrar um pouco dos espaços lá do que os setores, né? Que a gente, que o hóspede tem acesso pelo menos pra que os alunos vejam, mas de fato foi uma perda muito grande assim, né? Para os alunos que entraram, a gente tem aluno que está estudando já há quatro períodos sem ter feito atividade aula presencial e sem ter ido muito provavelmente a um hotel ainda.

Após isso questionou-se sobre a opinião dos mesmos a respeito do papel das visitas técnicas na formação dos discentes do departamento de turismo e hotelaria, todos apontaram no mesmo sentido: asseverando que são importantes para a formação dos discentes, mesmo que com ressalvas, estas encontradas no relato do entrevistado A: “Eu acho que a visita técnica, como eu falei, é sempre bem-vinda. Em umas situações ela vai ser essencial, em outras ela é bem-vinda, mas ela é sempre bem-vinda, porque o aluno sempre aprende.” Ao ser questionado sobre tal compreensão o entrevistado disse que:

Eu acho que a visita técnica é sempre interessante. É uma estratégia, uma ferramenta interessante na dinâmica de sala de aula. Mas eu acho que ela não é essencial em determinadas disciplinas. Em determinadas disciplinas, como eu falei, a disciplina era Teoria e Prática de Hotel I ou Teoria e Prática de Hotel II, então tem que ter prática. Na falta do laboratório, a gente tem que ter alguma alternativa pro aluno ter algum contato prático ali dentro da disciplina. Então essas eu acho que a visita técnica é essencial. Mas em disciplinas mais teóricas eu não acho que seja essencial, eu acho que ela é um *plus*, mas ela não é essencial. Dá pra ficar sem visita técnica, e eu acho que tem coisas mais importantes às vezes que a visita técnica nesse tipo de disciplina. (ENTREVISTADO A, grifo nosso).

Já para o entrevistado B as visitas técnicas tratam de um momento em particular para o alunado que consiste em uma oportunidade, de conhecer, de decidir e compreender, além de se estudar, sob o olhar do docente, novas metodologias ativas para prática pedagógica.

É o momento pro alunado ter a oportunidade de conhecer o dia a dia da empresa, inclusive ele vislumbrar um pra ideia de um dia estar ali. Poxa, será que eu não posso estar aqui, fazer networking, conhecer o campo de estudo dele, de atuação profissional, sabe? E aí também desmistificar um pouco o que ele compreende dentro da teoria e ele vê aquilo ali aplicado na prática. Então, a visita técnica, já que eu tenho um texto específico pra visita técnica, eu vejo como uma oportunidade do alunado começar a vivenciar mais o prático do que ele vem vendo e discutindo em sala de aula. Essa é a transposição. E a gente inclusive nesse estudo que a gente nesse que vai publicar agora e nesse outro que a gente está coletando dado, uma das estratégias que a gente tem discutido, enquanto a composição da prática pedagógica dos professores, é que eles de fato consigam ao máximo incorporar ferramentas pedagógicas e estratégias que consigam desenvolver esse nível de competência no alunado. Ou seja, visita técnica, metodologias ativas, entre outras práticas que são importantes pro pra habilidade de saber fazer (ENTREVISTADO B, grifo nosso)

Olha, o aluno tem a possibilidade de conhecer a realidade, né? Porque ele vai estar lá. Ele vai ver né? Por mais tecnologia que se coloque em sala de aula, ele vai sentir, ele vai ouvir as pessoas falando, ele vai ouvir até o tom de voz do recepcionista. Entende? (ENTREVISTADO D, grifo nosso).

Neste segundo caso, o entrevistado D cita que mesmo que por mais que sejam inseridas as tecnologias ainda assim o ideal é estar em contato presencial. Este pensamento colabora com o apresentado pelo entrevistado B em partes, ao assumir que pode sim se utilizar a tecnologia como um *tour* virtual por um ambiente, porém as visitas técnicas são mais adequadas.

Quando se adentrou a subcategoria que envolvia a utilização das visitas técnicas como aliadas na inserção dos discentes no mercado de trabalho as seguintes respostas foram coletadas:

A partir do momento que ele faz uma visita técnica ele também conhece campos que ele pode atuar. Então, às vezes pode ser da iniciativa do aluno depois procurar aquele empreendimento, deixar o currículo, tentar fazer um estágio ainda que seja sem remuneração, porque ele quer aprender. Eu acho que a visita faz essa ponte com o mercado de trabalho e isso é positivo para o aluno nesse aspecto também, porque às vezes ele pode fazer uma rede de contatos durante essa visita. E aí é mais fácil as portas se abrirem quando você já tem um contato, do que quando você é um desconhecido (ENTREVISTADO A, grifo nosso).

[...] Vocês estão fazendo network dentro do da formação de vocês. Seja com os professores, seja com os teus colegas de turma ou outras pessoas que você interaja. Tem uma visita técnica, tem um convidado, um palestrante que vem na universidade, o que seja. O networking mudou a minha vida profissional, abriu grandes portas e eu vejo nessas oportunidades de visitas técnicas, como uma forma de fortalecimento do conhecimento, né, de até o estímulo. Nós temos assim o nosso alunado que via de regra, é de baixa renda, tem menos acesso a determinados serviços. E que muitas das vezes ele nunca ele nunca ficou hospedado num lugar. Nunca se hospedou numa pousada, nunca foi num restaurante que fosse um pouco mais elaborado, e essa é uma oportunidade, dele emergir nesse universo, sabe assim né? De na verdade imergir nesse universo de profissional, em que ele tem potencial pra atuar sabe? (ENTREVISTADO B, grifo nosso).

Ainda para este entrevistado fatos próximos ao aspecto pessoal podem também influenciar na consolidação da vida profissional de um discente, vejamos:

A minha inspiração pra ser professor universitário eu tenho o meu pai professor universitário e é claro que isso me estimulou, eu estava no segundo período do meu curso de turismo quando uma professora dando aula pra mim eu olhei “assim eu quero isso aqui pra minha vida” e aí como é que você descobre os seus potenciais vocações se você não vivencia aquilo ali? Como que eu vou saber que eu posso trabalhar num supermercado se eu não conheço o bastidor de um supermercado? Como que por exemplo a experiência. De um Grand Tour. Eu vou numa barraca de praia como a né? *Crocobeach*... aquela eu vou na barraca de praia que ela *Crocobeach* lá indo lá na Praia do Futuro. Quando que eu dentro da minha formação eu posso imaginar que um dia eu trabalho numa barraca daquela? Que não é exatamente uma. Barraca já, né? Eu achei um complexo, sabe? Eu acho são esses tipos de oportunidade. É esse tipo de oportunidade que o aluno acaba tendo né? Networking, inspiração, conhecimento que ele vai adquirindo, temas que vão surgindo pra ele. Eu quero estudar isso aí, eu quero começar a aprofundar meu olhar e meu conhecimento sobre esse sobre esse tema, sobre esse tipo de empresa, ele pode desenvolver, isso pode motivar o desenvolvimento de um TCC na vida dele, ou uma oportunidade de estágio que ele busca por conta. Essas visitas, está entendendo? Então tem muita coisa que pode ser estimulada através disso.

Tal entendimento nos expõe duas situações até então apresentadas em duas percepções, na primeira onde o discente entrevistado A nos revelou que através do Grand Tour que houve o despertar para o tema de seu trabalho de conclusão de curso e a segunda para o docente nos trazendo que este contato com a área de atuação

pode significar mais portas abertas. Exemplifica-se este raciocínio no entrevistado C ao dizer que:

Isaque, a gente tem experiência de por exemplo na realização de uma visita técnica o pessoal do hotel pediu ao aluno pra levar o currículo lá, o gerente gostou da postura do aluno e tal e disse olha você está em que período? Você não quer trazer seu currículo? E o aluno levou o currículo e foi contratado. Isso já aconteceu com alunos meus mais de uma vez. Uma outra aluna foi em restaurante também. A gente fez uma visita do projeto de extensão, o “profissionalização da hospitalidade” Quando foi no outro mês a aluna disse “ah professor vou trabalhar lá no restaurante”. Então, é. está assim, oh, diretamente porque o mundo do trabalho, né? Veio o aluno ali, conhece o aluno ali e tal, como porque contribui pra que o aluno tenha, adquira, desenvolva, né? Essa postura profissional de você ver como é o ambiente, né? Tipo ver como é um hotel, bacana, como é organizado ali a recepção e tal e de repente o aluno se sentir mais motivado a estar ali, a trabalhar ali, né? E também conhecer mais (ENTREVISTADO C, grifo nosso).

E em relação a formação dos discentes em turismo e hotelaria e importância do Grand Tour neste aspecto o entrevistado D menciona que a iniciativa é “excelente [...] porque tem um professor que está disposto a fazer isso e porque é um projeto do curso [...] elas têm um papel fundamental na formação”. Para o entrevistado C o Grand Tour soluciona uma carência de experiência dos discentes participantes:

[...] primeiro, a importância, a experiência. De fazer uma viagem tipo de pegar desde o início, né? De planejar, comprar o pacote, entender como funciona o pacote de viagens, depois planejar a sua viagem e tal, roupa de frio, roupa assim e roupa tal, depois viajar. Alguns alunos não podiam ter essa experiência então isso também faz parte, né, da nossa vida pessoal e profissional, também saber como a viagem é cansativa quando você chega em um hotel, ou às vezes está mal-humorado, é porque você acordou de madrugada pra viajar e tal e a experiência toda da viagem em si, a experiência de conhecer um pouco a cidade de São Paulo, de andar de metrô e tudo isso aí e também. É a contribuição de conhecer as empresas, as organizações que a gente não poderia conhecer aqui em São Luís. [...] Isaque, ainda a experiência de ficar hospedada em hotel, muitos alunos nunca tinham ficado então lembro que. Chegou tipo umas oito horas da manhã no hotel lá perto da Paulista. O check-in era duas horas então a gente organizou aquela história de guardar as bagagens de todo mundo e tal como era o grupo, né? Só juntou lá numa sala, tem quem nem acreditou.

Já para o entrevistado A, em sua experiência até os dias atuais, o mesmo não reconhece outra iniciativa parecida, embora em um recorte histórico isso seja provado, atualmente o projeto pode contar com essa percepção, porém com objetivos mais modernos, traçando novas perspectivas para o aluno:

Por que quando você tá numa realidade diferente você tem capacidade de fazer comparação com a sua realidade. Às vezes, a gente acha que a nossa realidade é muito ruim, ou que é muito boa. A gente vê outras realidades e a gente consegue fazer essa reflexão e essa comparação. Então isso daí já é um aprendizado pro aluno. Porque eu acho que a gente tem que pensar na formação do aluno não só na formação técnica, mas na formação como pessoa, como cidadão, no *soft skills* dele também, a capacidade de se relacionar, de se colocar no mundo, de ter empatia de ter uma leitura analítica e lógica do que ele vê no mundo. Eu acho que uma viagem proporciona isso. E no caso do Grand Tour, como é uma viagem específica voltada para conhecimento, ela já é pensada dessa forma. Então, são vários empreendimentos que vão ser visitados que o aluno vai ter possibilidade de saber como funciona o gerenciamento daquele empreendimento, qual é o público alvo, como é a organização, como é a estrutura organizacional, qual o papel do hoteleiro ali, quais são as oportunidades para os profissionais de hotelaria. Ele vai ver como as pessoas se colocam, se apresentam. Eu acho que é um caso a ser estudado, a ser escrito, a fazer artigo. Porque é uma possibilidade pedagógica, uma ferramenta muito incrível, que tem a possibilidade de fazer o Grand Tour. Esse é o meu ponto de vista como docente [...]

Porque você tem horário, você tem forma de apresentação, você tá ali caminhando em grupo, então você tem que aprender a lidar com o grupo em viagem, que às vezes não é muito fácil. São várias pequenas coisas que, às vezes, a gente pensa que não tem desenvolvimento naquilo ali. Mas, para além da função técnica, eu acho que tem um desenvolvimento muito grande do aluno nesse processo, como pessoa. (ENTREVISTADO A, grifo nosso).

E ao serem questionados sobre a possível contribuição do projeto em suas práticas docentes os entrevistados resumiram suas opiniões nas seguintes falas:

Teve, porque eu terminei fazendo visitas técnicas também, conhecendo outros empreendimentos e o funcionamento de outros empreendimentos. Eu lembro que no de Fortaleza a gente visitou, teve entrevista com Secretário de Turismo, com pessoal do mercado de artesanato, no parque ecológico, de um hotel que era um dos maiores hotéis lá. A gente termina sempre pegando ali algum exemplo, alguma situação que dá para utilizar em sala de aula. Eu acho que um positivo pro docente (ENTREVISTADO A, GRIFO NOSSO). Então a gente aprende, né? No caso a gente professor, tal, até na viagem a gente tá ali como organizador da viagem, né? Então não estava só como passageiro. A gente estava ali organizando, por exemplo, o professor Ruan ficava indo falar com todos os alunos no avião, pra saber se estava passando bem ou não e tal. Então, a gente tem essa experiência, essa aprendizagem na organização do grupo todo, tal. Modo de agenciar uma viagem, a planejar e a experiência e a aprendizagem de conhecer essas empresas, essas organizações, esses processos [...] (ENTREVISTADO C, grifo nosso).

Por último, assim como das experiências dos discentes buscou-se para tirar dos relatos dos docentes possíveis sugestões ao projeto e também considerações após terem vivenciado o projeto Grand Tour. O entrevistado B informou que em sua opinião um dos pontos positivos do projeto é a exploração dos laços entre todos os participantes, discentes e docentes e mercado de trabalho, vejamos:

Eu acho que há também uma a questão do fortalecimento da rede dos laços profissionais e acadêmicos dos alunos que de turmas diferentes e cursos diferentes. Numa viagem dessa interação é melhor. Dali sai uma nova parceria de amizade, de pesquisa, de estudo. Eu acho que isso é muito importante pro fortalecimento das relações entre os alunos, mas também entre alunos e professores (ENTREVISTADO B, grifo nosso).

O mesmo recomenda que baseando-se no Grand Tour se desenvolva uma ferramenta de pesquisa que venha agregar informações sobre as experiências de quem está inserindo ativamente no projeto, “e a gente consiga gerar uma série histórica de opiniões de percepções acerca do Grand Tour” sendo, por exemplo “eu diria assim, pode ser essa ideia de uma mensuração”.

De outro lado estava o entrevistado C pontuando em sua experiência uma questão mais voltada para o quão cansativo uma semana intensa de visitas técnicas pode ser, podendo atrapalhar a aprendizagem.

A gente tinha visita, sabe, de manhã, de tarde, de noite. E eu percebi que isso ficava muito cansativo, isso atrapalhava até aprendizagem mesmo, a experiência. Então, eu lembro de uma das sugestões que a gente colocou e os alunos. Alguns alunos pediram isso é que a gente podia tinha que fazer no máximo mesmo duas visitas por dia porque não adianta querer fazer três visitas por dia e aí você terminar ficando super cansado a gente viu que isso não era ideal, então essa é uma das coisas que eu considero que poderia melhorar (ENTREVISTADO C, grifo nosso).

E uma das sugestões seria trazer o projeto para dentro do departamento através do apoio deste ambiente acadêmico, através do apoio às viagens acadêmicas. O mesmo concluiu sua fala com a seguinte fala:

Eu acredito que a gente tem condições. Quando passar a pandemia, né? Tudo e tal estiver mais tranquilo de organizar uma viagem. Por exemplo pra Argentina, pro Uruguai, enfim... porque né o gosto é um pouco maior e aí já vai ser uma experiência internacional é eu acho que o sonho o próximo desafio o sonho nosso é realizar uma viagem é de aprendizagem internacional. (ENTREVISTADO C, grifo nosso).

O entrevistado D, assevera que a falta de institucionalização do projeto dificulta, em seu ponto de vista, algumas questões como principalmente a segurança dos participantes, que embora com seguros pessoais, a instituição de ensino, segundo o mesmo não detém o conhecimento do projeto, criando assim uma ausência jurídica não institucionalização do projeto no departamento. Verificado a resposta de todas as perguntas partimos para as discussões a respeito das informações coletadas.

5.3 Discussões

De acordo com os entrevistados a experiência intensiva realizada ao Projeto Grand Tour trouxe aspectos relevantes para suas formações. Embora a minoria acredite que o projeto não teve alguma influência dentro de suas carreiras profissionais, outros insistem em nos trazer mudanças positivas em suas vidas.

Os relatos positivos foram encontrados tanto pelos discentes quanto por docentes ao darem a entender que ambos colheram progressos, de um lado houve quem o percebesse como um incentivo em persistir no curso, ou de encontrar-se em meio as possibilidades aparentemente limitadas, tirando dúvidas, abrindo um leque possibilidades, como de acordo com Brito et al., (2012) nos revelando que o papel das visitas técnicas para os acadêmicos seria justamente desse.

Um dos progressos pode ser entendido também pelos entrevistados que até o projeto não tinham nem sequer viajado para fora do estado do seu próprio estado, ou nunca tinham viajado de avião, ou até mesmo nunca tinham visto aparelhos turísticos voltados ao campo pedagógico, como por exemplo do SENAC. E notar este progresso de vivência como ponte de conexão entre esses discentes e oportunidades a serem descobertas reforça o que Silva e Rosa (2009) entendem como papel da educação, que é como oportunidade de renda e bem-estar.

Percebeu-se também durante as entrevistas, sendo mencionado por um dos entrevistados docentes, e reforçado pelos discentes, que de fato as visitas podem mostrar um norte, ou um novo para alguns discentes, inclusive gerando empregabilidade, já que devido alguns exemplos citados por ambas categorias dos entrevistados, em algumas visitas já ministradas pelos docentes e presenciado por discentes, entregaram seus currículos e foram até mesmo chamados para ocupar vagas de emprego.

Esta expansão na percepção do mercado de trabalho, como possível de acesso, advém principalmente das visitas técnicas, afinal, segundo Araújo (2015) o acadêmico pode ter acesso às rotinas e características operacionais executadas pelos colaboradores da empresa em que visitam. Isso se reflete também ao entrevistado que até participar do projeto se via limitada em suas áreas de atuações.

Os discentes também mencionaram em suas entrevistas disciplinas das mais diversas áreas, que retratam setores como o de alimentos e bebida e das áreas de comunicação social, além de planejamento e manutenção de meios de hospedagem,

como de fácil associação ao vivenciado durante o projeto Grand Tour, corroborando com o que Mauricio e Ramos (2011) entendem pela atividade hoteleira: que está inserida num contexto provedor de hospedagem, alimentação, segurança e entretenimento e bem-estar.

Vale ressaltar que o projeto que teve sua participação num contexto extra disciplinar, trouxe questões que não eram observadas com frequência na sala de aula ou que nunca seriam, sendo coerente com que Carvalho (2006) nos traz, afinal o estudo superior em hotelaria nasceu num mundo externo, no contexto dos negócios, em que os discentes tiveram a oportunidade de observar.

As preocupações de discentes que até então presumiam sobre suas carreiras profissionais como dependentes de uma oferta limitada de campos de atuação foi acalentada, trazendo para um dos entrevistados até uma paz em sua vida pessoal. Esse contexto incerto, com novos papéis a serem interpretados na vida adulta é uma das preocupações da academia e é debatida por Correia (2019) que nos traz em um de seus estudos essa correlação incerta entre o estudante e o contexto profissional que ele está se inserindo.

Para os discentes ficou claro a concepção do projeto, a de leva-los a conhecer sob uma perspectiva técnica e pedagógica contextos que reluzem suas potenciais áreas de atuação e o papel das visitas técnicas inseridas no mesmo, como dito por Moran (2018) que visa esclarecer que a autonomia e o pertencimento à sua área de trabalho, do discente em questão, pode ser incentivada por metodologias ativas, contribuindo com Brito e Peritontto (2012) que nos revelam que o diferencial de uma nova prática, o Grand Tour por exemplo, amplia conhecimentos.

Esse fator da realidade levou a alguns discentes, por já se reconhecerem como empreendedores, a observarem ações tomadas pelas empresas visitadas como possíveis oportunidades no local onde residem, isto é, após ensinados a questionar a realidade decidiram em algum momento tomar uma atitude. Nakamura e Machado (2012) no contexto acadêmico colaboram com este contexto salientado que essa é a melhor maneira de incentivar o aprimoramento individual.

Os docentes salientaram também que a iniciativa parte de uma concepção de um organizador que visa a não exclusividade do ensino recluso dentro da sala de aula e segundo Gonçalves e Almeida (2020) o docente precisa de fato priorizar os alunos e suas respectivas visões para além do ambiente físico de uma sala de aula por exemplo. Nesse quesito o projeto Grand Tour rompeu as barreiras físicas levando

durante três edições em uma semana por cada edição intensa de visitas e contato com a prática.

O Grand Tour também oportunizou, não obstante este trabalho em questão de conclusão de curso, como também o desenvolvimento de trabalhos acerca de outras áreas, como para um dos discentes entrevistados. Encontra-se este respaldo em um pensamento de Souza et al., (2012) que nos traz sua percepção sobre as visitas técnicas como importantes para se atualizarem sobre o mercado de trabalho e também desenvolver estudos e pesquisas a respeito do que reconhecem em campo.

O projeto em questão reforça também o que Scremin e Junqueiro (2012) observam dos discentes que muitas vezes necessitam de novos ares, necessitam de uma inovação para o aprendizado espontâneo.

O Grand Tour mostrou-se ser aliado em diversos tempos, sendo no incentivo para docentes investirem em uma metodologia, no caso das visitas técnicas, de maneira mais recorrente. Salientou também a possibilidade de institucionaliza-lo já que nas 3 primeiras edições houve uma procura assídua por parte dos discentes, ocasionando numa segunda edição no mesmo local, São Paulo no caso, devido a procura. Tal relevância foi notada também em uma das entrevistas por se descobrir que uma quarta edição já estava planejada, para Gramado, e que, somente por via do surgimento da pandemia de COVID-19, toda a programação teve de ser suspensa.

Vale ressaltar também que nas 3 edições sempre houve o entendimento de que este projeto buscava romper as barreiras que embora mencionadas por alguns entrevistados, de alguma maneira pode também estar afetando demais estudantes, neste caso a ausência de prática, tendo somente a qualidade do estágio como fonte de contato para com o mundo profissional que, repetidamente dito e agora reforçado, está do lado de fora das quatro paredes de uma sala de aula. E que embora ações como o *networking* tão valioso para um dos entrevistados, sejam incentivadas por um dos docentes, ainda assim inserir tal modalidade inserido no contexto social amplia oportunidades e gera entrosamento dentre indivíduos que, às vezes, até ocupam o mesmo espaço, mas raras foram as vezes, fora do projeto, em que foram permitidos a troca de experiência.

O turismo pedagógico pregado pelo Grand Tour traz para os discentes a oportunidades de reforçar o visto em sala de aula, em disciplinas, em outras visitas técnicas e pode, na medida do possível, direciona-los para áreas até então, às vezes, pouco faladas, ou até inexistentes pra os mesmos, gerando inicialmente a entrada no

mercado de trabalho e também o aprimoramento de técnicas utilizadas em outras visitas técnicas por docentes integrantes do projeto. Como, por exemplo, citado por um dos entrevistados docentes, uma espécie de briefing antes das viagens técnicas.

Sobre a estrutura do projeto, mesmo em uma semana intensiva de visitas, Calado et al., (2020) reforça em suas considerações que de fato, o turismo pedagógico, no caso âmbito do turismo em que o projeto se encaixa, determina para cada ocasião, no caso dia, uma oportunidade para inicialmente já incentivar os estudos, reconhecer novas culturas e também o lazer, visto que de acordo com sua grande de disposição da programação alguns momentos foram destinados para isso.

Isso reforça também o que um dos entrevistados menciona ao dizer que os participantes do projeto também são consumidores, eles estão ali com olhares aguçados e desenvolvendo seu senso crítico, mas em determinados momentos também usufruem de serviços como de mobilidade urbana, metrô, trens. Tornando a experiência completa.

Tal compreensão é explorada por Nakamura e Machado (2012) ao nos mostrar que o turismo pedagógico mira justamente em instituir um sentido ao que só se conhece teoricamente. Trazendo uma formação mais completa. Segundo Perinotto (2008) os participantes sentem a realidade local, o cotidiano adquirindo novas informações.

Ambos os grupos de entrevistados percebem, em sua maioria, a relevância do projeto, preconizando mais os pontos positivos, dando sugestões como a internacionalização do projeto e também o ofertando como um evento que ocorra periodicamente, sendo a institucionalização e a recorrência anual, por exemplo, dois fatores próximos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta monografia, analisaram-se as contribuições do projeto Grand Tour na formação de estudantes dos cursos de turismo e hotelaria da Universidade Federal do Maranhão. Esse projeto concebe uma metodologia que envolve a prática e promove, por meio de uma programação de reconhecimento do local, visitas técnicas a diferentes organizações públicas, privadas e não-governamentais, numa realidade diferente da qual, habitualmente os discentes estão acostumados na cidade de São Luís. Assim, docentes e discentes, respectivamente, podem desenvolver olhares críticos; para os docentes, é uma oportunidade de instigar o engajamento do aluno no empenho de sua função como estudante; já no caso do discente, a instabilidade futura do seu empenho de função, que geralmente assola o início do curso, torna-se menos abrupta devido o reconhecimento de seu campo de atuação.

Através de uma metodologia, como as visitas técnicas, os discentes podem sanar suas dúvidas, acompanhar e desenvolver sua criticidade ao observar o comportamento de profissionais já atuantes na área, partem também para desenvolver suas participações junto dos demais através de *networking* e também tornam-se alvos de fácil acesso de gestores que ao receberem tais indivíduos podem observar um potencial em seus perfis.

De acordo com os sujeitos entrevistados, o *Grand Tour* contribui de diferentes formas para a formação robusta dos discentes, a saber: a) quando esse sujeito ainda desconhece a área em que está inserido, o projeto apresenta as possibilidades de atuação profissional; b) formação a partir do momento em que se propõe uma semana intensa de encontros com gestores e seus empreendimentos que, por diversas vezes, ou não existem na localidade onde os visitantes residem, ou caso existem são de pequeno porte e os mesmos o conhecem; c) há também os discentes que encontram novas áreas onde agora pretendem trabalhar, ou se reencontram e redescobrem seus objetivos para finalmente desenvolver-se na área de sempre pretendida – mesmo que não estejam atuando depois de formados.

O contato com outros empreendimentos através do projeto contribui, mesmo que não diretamente, com a academia servindo de objeto de estudo ou de porta de entrada para o encontro de pesquisas adentro. Uma das contribuições que podem resumir o projeto ao papel mais adequado pode ser a das interações, entre colegas, entre professores e colegas, entre conhecidos e desconhecidos e por que não entre

o discente e ele próprio? Como bem citado durante as entrevistas, houve até quem encontrasse a paz devido ao projeto.

Porém, durante o desenvolvimento deste trabalho, notou-se que mesmo com materiais sobre visitas técnicas ou que abordem o tema em contextos como estágio curricular, educação turística, ainda não há um desenvolvimento amplo de pesquisas que alinhem a prática ao turismo pedagógico. Uma das limitações encontradas também foi a quantidade de entrevistados em ambas as categorias e a pesquisa não ter incluído os gestores dos empreendimentos visitados durante as edições.

Assim, diante o apresentado, propõe-se pesquisas relacionadas a projetos da natureza de atividades extracurriculares, como o Grand Tour, que considerem a percepção dos gestores dos empreendimentos participantes e também a aplicação e o desenvolvimento de pesquisas que alinhem o *feedback* dos participantes e, especificamente no caso do projeto objeto desta monografia, que visem em seus objetivos comparar as percepções dos participantes de todas as edições.

.

REFERÊNCIAS

AIREY, D.; TRIBE, J. **Education for Hospitality** In: In Search of Hospitality: Theoretical Perspectives and Debates. Oxford, Inglaterra: Butterworth-Heinemann, 2000.

ALGEMIRO, M.; REJOWSKI, M. Formação técnica e superior em turismo e hospitalidade no Rio de Janeiro. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 3, n. 2, 2015.

ANNA, J.S. Potencialidades das visitas técnicas na docência universitária: aplicações nas disciplinas de representação da informação. **Revista Internacional de Educação Superior**, v. 5, n.12, 2019.

ANSARAH, M. G.; REJOWSKI, M. Cursos superiores de Turismo e Hotelaria no Brasil. **Revista Turismo em Análise**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 116-128, 1994.

BENI, M.C. **Experiência Internacional do Ensino de Turismo e Hotelaria – modelos para avaliação**. In: Turismo em Analise - Volume 3, São Paulo; ECA-USP, 1992.

BRASIL. **Lei nº 9.394, 20 de dezembro 1996**. Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996.

BRITO, A.S.; DA ROS, J.P; PERINOTTO, A.R.C. **Turismo pedagógico como prática educativa no ensino superior**: O caso do curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal do Piauí–UFPI (Parnaíba/Brasil). Turismo y Desarrollo Local, n. 13, 2012.

BURNEO, P.; FLOR, M.C.R. El Desarrollo curricular de la escuela de hotelería y turismo de la pontificia universidad católica del Ecuador. Breve diagnóstico y propuestas de mejoramiento. In: **Libro de actas VI Congreso Latinoamericano de Investigación Turística. 1ª ed. EDUCO–Facultad de Turismo-Universidad Nacional del Comahue. Neuquén**. 2014.

CALADO, J.C.; et al. **Turismo Pedagógico**: favorecimento da aprendizagem no ensino superior a partir do olhar discente.

CARVALHO, M.; LESTE, EACH–USP. PBL no Ensino da Hotelaria–Reflexões Iniciais. **IV SeminTUR–Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL. Caxias do Sul**, 2006.

CARVALHO, R.C.; VIEIRA, S.; SANTOS VIANA dos, M. **Visitas Técnicas**: Ensino-Aprendizagem no Curso de Turismo. 2012, v.12, n.7.

CORREIA, J.C. Educação, Turismo e Hotelaria: narrativas dos egressos do Curso de Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão sobre Formação e Mercado de Trabalho. In: **Rev. Eletrônica Pesquisa e educação**. Santos, Vol. 11, número 24, p. 234-251, maio-ago. 2019.

CORREIA, L. M. M., SALGADO, M. A.; COSTA, C. M. M. Ensino superior em hotelaria: Estágio curricular em licenciatura. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, 2017, v.8, n.4.

DE SOUZA BONFIM, M.V. Por uma pedagogia diferenciada: uma reflexão acerca do turismo pedagógico como prática educativa. **Turismo-Visão e Ação**, v. 12, n. 1, p. 114-129, 2010.

DE SOUZA, M. A.; OTT, E. **Uma abordagem sobre o controle operacional e a avaliação de desempenho nas instituições particulares de ensino superior**. *Anais Do Congresso Brasileiro De Custos – ABC*.

DEMO, P. **Formação Permanente e Tecnologias Educacionais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, 2ª ed.

FONSECA FILHO, A.S. Educação e Turismo: Reflexões para Elaboração de uma Educação Turística. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 1, n.1, p. 5-33, set. 2007.

FRANCO, H. **A contabilidade na era da globalização**. São Paulo: Atlas, 1999.

GONÇALVES, A.C.; ALMEIDA, E.O. Visita técnica: uma modalidade de ensino prático no ensino técnico. **Revista Ensino, Saúde e Biotecnologia da Amazônia**, RESBAM. v. 2, n.5, 2020.

GROSSI, D.; OLIVEIRA, G.G.; LIMA, P.F.S. **lugares de memória da ditadura empresarial-militar em Petrópolis-RJ em visita técnica**: experiência de turismo pedagógico. 11º Fórum Internacional de Turismo do Iguaçu. Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil, 2017.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 7ª Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LASHLEY, C.; MORRISON, A. **In Search of Hospitality**: theoretical perspectives and debates. Oxford, Inglaterra: Butterworth-Heinemann, 2000.

MARCONI, M.A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MASSETO, M.T. Inovação Curricular do Ensino Superior. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v.7 n.2, 2011.

MEC - Ministério da Educação. **Catálogo Nacional de Cursos Técnicos**. Brasília, MEC, 2012.

MENEZES, P.D.; CAVALCANTI, D.R. Ensino superior e formação profissional em hotelaria: estudo de caso do Curso de Bacharelado em Hotelaria da UFPB. **RITUR-Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 10, n. 2, p. 19-35, 2020.

MOITA, F.M.; ANDRADE, F.C.B. de. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, p. 269-280, 2009.

MOLINA, S.; RODRÍGUEZ, S. **Planejamento Integral do turismo**: um enfoque para a América Latina. Bauru: Edusc, 2001.

MOTA, K.C.N.; ANJOS, F.A. Educação superior em turismo no Brasil: Análise da oferta de cursos superiores no nordeste brasileiro pelos institutos federais. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. São Paulo, p.48, 2012.

NAKAMURA, G.K.; MACHADO, A.B. Turismo pedagógico e as possibilidades de ampliação de olhares: roteiro pedagógico na cidade de Santo Inácio-PR. **Mostra Interna de Trabalhos de Iniciação Científica**, v. 6, p. 1-15, 2012.

PERAZZOLO, O.A.; SANTOS, M.M.C.; PEREIRA, S. **Meios de hospedagem no contexto do turismo**: considerações sobre o acolhimento e a formação profissional. Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL, v. 6, 2010.

PERINOTTO, A.R.C. Turismo pedagógico: uma ferramenta para educação ambiental. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 8, n. 1, p. 100-103, 2008.

PONTE, J.P. Investigar a nossa própria prática. **Refletir e investigar sobre a prática profissional**, p. 5-28, 2002.

RUSCHMANN, D. **Turismo no Brasil**: análises e tendências. São Paulo: Manole, 2002.

SCREMIN, J.; JUNQUEIRA, S. Aprendizado diferenciado: turismo pedagógico no âmbito escolar. **Caderno de Estudos e Pesquisa de Turismo, Curitiba**, v. 1, p. 26-42, 2012.

SERRANO, R. M. S. M. Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire. **Grupo de Pesquisa em Extensão Popular**, v. 13, n. 8, p. 01-15, 2013.

SILVA, A.; SILVA, J.; ROSA, W. **Juventude negra e educação superior**. In: CASTRO, J. A.; AQUINO, L.; ANDRADE, C. (Orgs.). Juventude e políticas sociais no Brasil. Brasília: Ipea, p. 259-290, 2009.

SILVA, A.L.; DE MENEZES, P.D. Ensino superior em hotelaria: relação entre formação profissional e prática no mercado de trabalho. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 9, n. 2, p. 195-214, 2021.

SILVEIRA, C.E.; MEDAGLIA, J.; GONÇALVES, J.M.G. Quatro décadas de ensino superior de turismo no Brasil: dificuldades na formação e consolidação do mercado de trabalho e a ascensão de uma área de estudo como efeito colateral. **Turismo - Visão e Ação**, vol. 14, núm. 1, enero-abril, 2012.

SOUZA, C.B.; LOBATO, J.F.P. **A relação teoria e prática no ensino superior**. 2012.

TEIXEIRA, R.M. **ensino superior em turismo e hotelaria no Brasil**: um estudo exploratório. Turismo em Análise. São Paulo, 12 (2), 2001.

TRIGO, L.G.G. **A importância da educação para o Turismo**. In: LAGE, Beatriz Turismo na Teoria e Prática, São Paulo: Atlas, 2000.

UNESCO. Mec-Educação. Um tesouro a descobrir. **Relatório para a Unesco da comissão internacional sobre a Educação para o século XXI**. 6 ed. São Paulo. Cortez. Brasília. DF, 2001

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Hotelaria**, 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A - AUTORIZAÇÃO PRÉVIA PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Prezado (a) Sr (a)._____ agradeço a atenção e a contribuição para o desenvolvimento deste projeto científico, orientado pelo Prof. Ms. Ruan Tavares Ribeiro, para graduação em Hotelaria na Universidade Federal do Maranhão.

O objeto de estudo da presente pesquisa é a utilização da prática na formação dos estudantes de turismo e hotelaria na Universidade Federal do Maranhão com enfoque nas visitas técnicas realizadas no Projeto Grand Tour. O título preliminar do trabalho de conclusão de curso é: O Projeto Grand Tour como um aliado na formação prática dos estudantes de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

A entrevista terá duração média de 30 minutos, pautadas por assuntos referentes ao projeto, a saber: Turismo pedagógico, uso da prática no ensino, visitas técnicas e a formação em turismo e hotelaria na Universidade Federal do Maranhão.

Solicita-se autorização para gravar o conteúdo da entrevista, na certeza de que a gravação poderá ser interrompida a qualquer momento, de acordo com sua determinação. Após a entrevista, os dados serão transcritos, analisados e publicados. Por isso, também se solicita sua autorização para utilizar o áudio em apresentações em eventos e outras publicações científicas. Para dar andamento ao projeto, peço que avalie a proposta, preencha um dos tópicos a seguir, assine e date este documento:

() Autorizo a gravação da entrevista relacionada acima, assim como a utilização de sons da mesma em apresentações, eventos e publicações científicas, **mantendo o sigilo absoluto a respeito da minha pessoa.**

Ciente:_____ Data: __/__/__

Comprometo-me, finalmente, a enviar uma cópia deste termo (com assinatura, os dados documentais e o número do pesquisador, bem como o do orientador do projeto) para seu controle afim de que eventuais dúvidas sejam sanadas a qualquer momento. Agradeço e subscrevo-me. Atenciosamente,

Isaque Costa Mendes
CPF: 069.739.843.98
Celular: (98) 98189- 9188

AUTORIZAÇÃO PRÉVIA PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Prezado (a) Sr (a) Davi Andrade agradeço a atenção e a contribuição para o desenvolvimento deste projeto científico, orientado pelo Prof. Ms. Ruan Tavares Ribeiro, para graduação em Hotelaria na Universidade Federal do Maranhão.

O objeto de estudo da presente pesquisa é a utilização da prática na formação dos estudantes de turismo e hotelaria na Universidade Federal do Maranhão com enfoque nas visitas técnicas realizadas no Projeto Grand Tour. O título preliminar do trabalho de conclusão de curso é: O Projeto Grand Tour como um aliado na formação prática dos estudantes de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

A entrevista terá duração média de 30 minutos, pautadas por assuntos referentes ao projeto, a saber: Turismo pedagógico, uso da prática no ensino, visitas técnicas e a formação em turismo e hotelaria na Universidade Federal do Maranhão.

Solicita-se autorização para gravar o conteúdo da entrevista, na certeza de que a gravação poderá ser interrompida a qualquer momento, de acordo com sua determinação.

Após a entrevista, os dados serão transcritos, analisados e publicados. Por isso, também se solicita sua autorização para utilizar o áudio em apresentações em eventos e outras publicações científicas. Para dar andamento ao projeto, peço que avalie a proposta, preencha um dos tópicos a seguir, assine e date este documento:

() Autorizo a gravação da entrevista relacionada acima, assim como a utilização de sons da mesma em apresentações, eventos e publicações científicas, **mantendo o sigilo absoluto a respeito da minha pessoa.**

Ciente:  _____ Data: 06/02/2022
Prof. Davi Andrade

Comprometo-me, finalmente, a enviar uma cópia deste termo (com assinatura, os dados documentais e o número do pesquisador, bem como o do orientador do projeto) para seu controle a fim de que eventuais dúvidas sejam sanadas a qualquer momento.

Agradeço e subscrevo-me. Atenciosamente,

Isaque Costa Mendes
CPF: 069.739.843.98
Celular: (98) 98189- 9188

AUTORIZAÇÃO PRÉVIA PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Prezado (a) Sr (a). Mateus Ramos, agradeço a atenção e a contribuição para o desenvolvimento deste projeto científico, orientado pelo Prof. Ms. Ruan Tavares Ribeiro, para graduação em Hotelaria na Universidade Federal do Maranhão.

O objeto de estudo da presente pesquisa é a utilização da prática na formação dos estudantes de turismo e hotelaria na Universidade Federal do Maranhão com enfoque nas visitas técnicas realizadas no Projeto Grand Tour. O título preliminar do trabalho de conclusão de curso é: A Prática na Formação em Turismo e Hotelaria: utilização de visitas técnicas no Projeto Grand Tour na Universidade Federal do Maranhão.

A entrevista terá duração média de 30 minutos, pautadas por assuntos referentes ao projeto, a saber: Turismo pedagógico, uso da prática no ensino, visitas técnicas e a formação em turismo e hotelaria na Universidade Federal do Maranhão.

Solicita-se autorização para gravar o conteúdo da entrevista, na certeza de que a gravação poderá ser interrompida a qualquer momento, de acordo com sua determinação.

Após a entrevista, os dados serão transcritos, analisados e publicados. Por isso, também se solicita sua autorização para utilizar o áudio em apresentações em eventos e outras publicações científicas.

Para dar andamento ao projeto, peço que avalie a proposta, preencha um dos tópicos a seguir, assine e date este documento.

☒ Autorizo a gravação da entrevista relacionada acima, assim como a utilização de sons da mesma em apresentações, eventos e publicações científicas, mantendo o sigilo absoluto a respeito da minha pessoa.

Ciente: Mateus Ramos Ferreira Data: 08/01/2022

Comprometo-me, finalmente, a enviar uma cópia deste termo (com assinatura, os dados documentais e o número do pesquisador, bem como o do orientador do projeto) para seu controle a fim de que eventuais dúvidas sejam sanadas a qualquer momento.

Agradeço e subscrevo-me. Atenciosamente,

Isaque Costa Mendes - CPF: 069.739.843.98 - Celular: (98) 98189- 9188

AUTORIZAÇÃO PRÉVIA PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

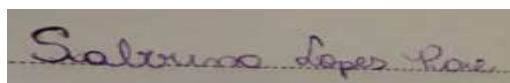
Prezado (a) Sr (a) Sabrina PAE, agradeço a atenção e a contribuição para o desenvolvimento deste projeto científico, orientado pelo Prof. Ms. Ruan Tavares Ribeiro, para graduação em Hotelaria na Universidade Federal do Maranhão.

O objeto de estudo da presente pesquisa é a utilização da prática na formação dos estudantes de turismo e hotelaria na Universidade Federal do Maranhão com enfoque nas visitas técnicas realizadas no Projeto Grand Tour. O título preliminar do trabalho de conclusão de curso é: A Prática na Formação em Turismo e Hotelaria: utilização de visitas técnicas no Projeto Grand Tour na Universidade Federal do Maranhão. A entrevista terá duração média de 30 minutos, pautadas por assuntos referentes ao projeto, a saber: Turismo pedagógico, uso da prática no ensino, visitas técnicas e a formação em turismo e hotelaria na Universidade Federal do Maranhão.

Solicita-se autorização para gravar o conteúdo da entrevista, na certeza de que a gravação poderá ser interrompida a qualquer momento, de acordo com sua determinação. Após a entrevista, os dados serão transcritos, analisados e publicados. Por isso, também se solicita sua autorização para utilizar o áudio em apresentações em eventos e outras publicações científicas. Para dar andamento ao projeto, peço que avalie a proposta, preencha um dos tópicos a seguir, assine e date este documento.

(X) Autorizo a gravação da entrevista relacionada acima, assim como a utilização de sons da mesma em apresentações, eventos e publicações científicas, **mantendo o sigilo absoluto a respeito da minha pessoa.**

Ciente:



Data: 08/01/2022

Comprometo-me, finalmente, a enviar uma cópia deste termo (com assinatura, os dados documentais e o número do pesquisador, bem como o do orientador do projeto) para seu controle a fim de que eventuais dúvidas sejam sanadas a qualquer momento.

Agradeço e subscrevo-me. Atenciosamente,

Isaque Costa Mendes
CPF: 069.739.843.98
Celular: (98) 98189- 9188

AUTORIZAÇÃO PRÉVIA PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Prezado (a) Sr (a). Mayra Santos Galvão, agradeço a atenção e a contribuição para o desenvolvimento deste projeto científico, orientado pelo Prof. Ms. Ruan Tavares Ribeiro, para graduação em Hotelaria na Universidade Federal do Maranhão.

O objeto de estudo da presente pesquisa é a utilização da prática na formação dos estudantes de turismo e hotelaria na Universidade Federal do Maranhão com enfoque nas visitas técnicas realizadas no Projeto Grand Tour. O título preliminar do trabalho de conclusão de curso é: A Prática na Formação em Turismo e Hotelaria: utilização de visitas técnicas no Projeto Grand Tour na Universidade Federal do Maranhão.

A entrevista terá duração média de 30 minutos, pautadas por assuntos referentes ao projeto, a saber: Turismo pedagógico, uso da prática no ensino, visitas técnicas e a formação em turismo e hotelaria na Universidade Federal do Maranhão.

Solicita-se autorização para gravar o conteúdo da entrevista, na certeza de que a gravação poderá ser interrompida a qualquer momento, de acordo com sua determinação.

Após a entrevista, os dados serão transcritos, analisados e publicados. Por isso, também se solicita sua autorização para utilizar o áudio em apresentações em eventos e outras publicações científicas.

Para dar andamento ao projeto, peço que avalie a proposta, preencha o tópico a seguir, assine e date este documento.

() Autorizo a gravação da entrevista relacionada acima, assim como a utilização de sons da mesma em apresentações, eventos e publicações científicas, **mantendo o sigilo absoluto a respeito da minha pessoa.**

Ciente:

Mayra Santos Galvão Data: 10/01/22

Comprometo-me, finalmente, a enviar uma cópia deste termo (com assinatura, os dados documentais e o número do pesquisador, bem como o do orientador do projeto) para seu controle a fim de que eventuais dúvidas sejam sanadas a qualquer momento.

Agradeço e subscrevo-me. Atenciosamente,

Isaque Costa Mendes - CPF: 069.739.843.98 - Celular: (98) 98189- 9188

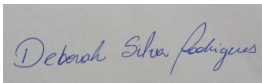
AUTORIZAÇÃO PRÉVIA PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Prezado (a) Sr (a) Déborah Rodrigues, agradeço a atenção e a contribuição para o desenvolvimento deste projeto científico, orientado pelo Prof. Ms. Ruan Tavares Ribeiro, para graduação em Hotelaria na Universidade Federal do Maranhão.

O objeto de estudo da presente pesquisa é a utilização da prática na formação dos estudantes de turismo e hotelaria na Universidade Federal do Maranhão com enfoque nas visitas técnicas realizadas no Projeto Grand Tour. O título preliminar do trabalho de conclusão de curso é: A Prática na Formação em Turismo e Hotelaria: utilização de visitas técnicas no Projeto Grand Tour na Universidade Federal do Maranhão.

A entrevista terá duração média de 30 minutos, pautadas por assuntos referentes ao projeto, a saber: Turismo pedagógico, uso da prática no ensino, visitas técnicas e a formação em turismo e hotelaria na Universidade Federal do Maranhão. Solicita-se autorização para gravar o conteúdo da entrevista, na certeza de que a gravação poderá ser interrompida a qualquer momento, de acordo com sua determinação. Após a entrevista, os dados serão transcritos, analisados e publicados. Por isso, também se solicita sua autorização para utilizar o áudio em apresentações em eventos e outras publicações científicas. Para dar andamento ao projeto, peço que avalie a proposta, preencha um dos tópicos a seguir, assine e date este documento.

(X) Autorizo a gravação da entrevista relacionada acima, assim como a utilização de sons da mesma em apresentações, eventos e publicações científicas, **mantendo o sigilo absoluto a respeito da minha pessoa.**

Ciente:  Data: 08/01/2022

Comprometo-me, finalmente, a enviar uma cópia deste termo (com assinatura, os dados documentais e o número do pesquisador, bem como o do orientador do projeto) para seu controle a fim de que eventuais dúvidas sejam sanadas a qualquer momento.

Agradeço e subscrevo-me. Atenciosamente,

Isaque Costa Mendes
CPF: 069.739.843.98
Celular: (98) 98189- 9188

AUTORIZAÇÃO PRÉVIA PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Prezado (a) Sr (a) Mônica Araújo agradeço a atenção e a contribuição para o desenvolvimento deste projeto científico, orientado pelo Prof. Ms. Ruan Tavares Ribeiro, para graduação em Hotelaria na Universidade Federal do Maranhão.

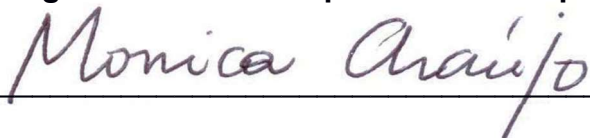
O objeto de estudo da presente pesquisa é a utilização da prática na formação dos estudantes de turismo e hotelaria na Universidade Federal do Maranhão com enfoque nas visitas técnicas realizadas no Projeto Grand Tour. O título preliminar do trabalho de conclusão de curso é: O Projeto Grand Tour como um aliado na formação prática dos estudantes de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

A entrevista terá duração média de 30 minutos, pautadas por assuntos referentes ao projeto, a saber: Turismo pedagógico, uso da prática no ensino, visitas técnicas e a formação em turismo e hotelaria na Universidade Federal do Maranhão.

Solicita-se autorização para gravar o conteúdo da entrevista, na certeza de que a gravação poderá ser interrompida a qualquer momento, de acordo com sua determinação.

Após a entrevista, os dados serão transcritos, analisados e publicados. Por isso, também se solicita sua autorização para utilizar o áudio em apresentações em eventos e outras publicações científicas. Para dar andamento ao projeto, peço que avalie a proposta, preencha um dos tópicos a seguir, assine e date este documento:

() Autorizo a gravação da entrevista relacionada acima, assim como a utilização de sons da mesma em apresentações, eventos e publicações científicas, **mantendo o sigilo absoluto a respeito da minha pessoa.**

Ciente:  Data: 06/02/2022

Comprometo-me, finalmente, a enviar uma cópia deste termo (com assinatura, os dados documentais e o número do pesquisador, bem como o do orientador do projeto) para seu controle a fim de que eventuais dúvidas sejam sanadas a qualquer momento.

Agradeço e subscrevo-me. Atenciosamente,

Isaque Costa Mendes
CPF: 069.739.843.98
Celular: (98) 98189- 9188

AUTORIZAÇÃO PRÉVIA PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Prezado (a) Sr (a) Cristianelia Costa Alves agradeço a atenção e a contribuição para o desenvolvimento deste projeto científico, orientado pelo Prof. Ms. Ruan Tavares Ribeiro, para graduação em Hotelaria na Universidade Federal do Maranhão.

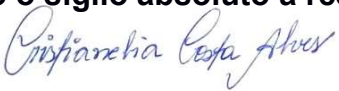
O objeto de estudo da presente pesquisa é a utilização da prática na formação dos estudantes de turismo e hotelaria na Universidade Federal do Maranhão com enfoque nas visitas técnicas realizadas no Projeto Grand Tour. O título preliminar do trabalho de conclusão de curso é: O Projeto Grand Tour como um aliado na formação prática dos estudantes de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

A entrevista terá duração média de 30 minutos, pautadas por assuntos referentes ao projeto, a saber: Turismo pedagógico, uso da prática no ensino, visitas técnicas e a formação em turismo e hotelaria na Universidade Federal do Maranhão.

Solicita-se autorização para gravar o conteúdo da entrevista, na certeza de que a gravação poderá ser interrompida a qualquer momento, de acordo com sua determinação.

Após a entrevista, os dados serão transcritos, analisados e publicados. Por isso, também se solicita sua autorização para utilizar o áudio em apresentações em eventos e outras publicações científicas. Para dar andamento ao projeto, peço que avalie a proposta, preencha um dos tópicos a seguir, assine e date este documento:

() Autorizo a gravação da entrevista relacionada acima, assim como a utilização de sons da mesma em apresentações, eventos e publicações científicas, **mantendo o sigilo absoluto a respeito da minha pessoa.**

Ciente:  Data: 06/02/2022

Comprometo-me, finalmente, a enviar uma cópia deste termo (com assinatura, os dados documentais e o número do pesquisador, bem como o do orientador do projeto) para seu controle a fim de que eventuais dúvidas sejam sanadas a qualquer momento.

Agradeço e subscrevo-me. Atenciosamente,

Isaque Costa Mendes
CPF: 069.739.843.98
Celular: (98) 98189- 9188

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS ENTREVISTADOS

PARA DISCENTES:

- 1) Idade; formação (os); gênero; experiências profissionais; cargos/funções;
- 2) Na sua opinião, qual a importância da visita técnica para o aprendizado dos discentes?
- 3) Ao longo da formação em turismo e hoteleira, você já tinha participado de visitas técnicas? Na sua opinião, em relação as visitas técnicas, qual o principal diferencial do Grand Tour?
- 4) Qual a motivação, ou as motivações, que lhe levaram a participar do Projeto Grand Tour?
- 5) O projeto Grand Tour contribuiu para a sua formação em turismo/hotelaria? Se sim, de que forma? Se não, porquê?
- 6) Dentre as atividades realizadas ao longo do Grand Tour, qual você pode destacar como mais relevante e por quê?
- 7) Quais experiências você teve ao longo do Grand Tour que podem ser associadas às disciplinas cursadas em turismo e/ou hotelaria?
- 8) Na sua opinião, o Projeto Grand Tour consegue aproximar os discentes do mercado de trabalho?
- 9) Na sua opinião, o projeto Grand Tour influenciou de alguma forma o profissional do turismo/hotelaria que você é /será? Se Sim, de que forma?
- 10) Você pode elencar dois pontos positivos e dois negativos do Grand Tour?
- 11) Que sugestões você daria para o aperfeiçoamento do Projeto Grand Tour nos próximos anos?

PARA DOCENTES:

- 1) Idade; formação (os); gênero; experiências profissionais; cargos/funções; disciplinas que já ministrou nos cursos de turismo e ou hotelaria; mestrado/doutorado (área);
- 2) Qual foi sua participação no projeto Grand Tour? Participou de qual/quais edições?
- 3) Você costuma realizar visitas técnicas ao longo das disciplinas que ministra nos cursos de Turismo e Hotelaria?
- 4) Qual o papel das visitas técnicas na formação dos discentes de turismo e hotelaria na sua opinião?
- 5) Levando em consideração o mercado do turismo /hotelaria: as visitas técnicas podem ser vistas como uma importante aliada para a inserção dos alunos no mercado de trabalho?
- 6) Em relação ao Projeto Grand Tour, qual a importância do mesmo para a formação dos alunos de Turismo e Hotelaria?
- 7) Em relação ao projeto Grand Tour, o mesmo pode ter contribuído para a sua prática docente/disciplinas que ministra ou já ministrou? Se sim, poderia citar algum exemplo?
- 8) Você pode elencar dois pontos positivos e dois negativos do Grand Tour?
- 9) Que sugestões você daria para o aperfeiçoamento do Projeto Grand Tour nos próximos anos?

APÊNDICE C - TRANSCRIÇÕES

DISCENTE A

ENTREVISTADOR: Bom, primeiramente eu queria te agradecer e eu queria que você se identificasse como pessoa em si: como idade, formação, qual curso que você cursa ou se já graduou, seu gênero, experiências profissionais, cargos e funções.

ENTREVISTADO: OK. Estou em fase de conclusão do curso da graduação em hotelaria, é eu não gostaria de dizer minha idade, sou do gênero feminino e... O que mais?

ENTREVISTADOR: A tua experiência.

ENTREVISTADO: Sim. Eu participei da primeira edição Grand Tour que foi 2018, foi em abril se não me falha a memória de 2018, né. Ainda o projeto nós fomos meio que as cobaias né. Aqui, porque nós fomos os a primeira a primeira turma aí né. E aí entre no grupo né. Fazia parte alunos do curso de turismo e hotelaria e fomos conduzidos né. O projeto na verdade ele foi idealizado né. E todo formatado pelo professor Ruan né. Que é o docente que do curso e a professora Mônica. foi a professora que também contribuiu, também acompanhou, porque além dele, era necessário outro professor pra acompanhar, no nosso caso foi a professora Mônica.

E nós passamos uma semana na cidade de São Paulo conhecendo os mais variados empreendimentos do ramo hoteleiro, também conhecemos o Holiday, conhecemos o SENAC de São Paulo, o hospital Albert Einstein e conhecemos também o Cora Residencial. Eu particularmente queria muito, quando foi apresentado o projeto eu me interessei bastante principalmente pelo fato do Cora Residencial, porque eu já conhecia assim da TV e eu tinha muita curiosidade em conhecer de perto aquela estrutura e tudo mais. E como tu falou e algumas pessoas, que todo mundo queria ir, na verdade né. Mas a gente estudante que na época eu, por exemplo, não trabalhava, mas eu já no último mês da viagem eu assinei o contrato a bolsa né, da FAPEMA, a do projeto de turismo de base comunitária então eu pude custear né. As despesas até lá, mas a minha passagem mesmo eu ganhei de presente de aniversário com um colega do curso.

Aí com isso eu pude conhecer...na verdade, tudo logicamente queria conhecer né. Um hotel de grande porte né. Com muitas vagas como é o caso de Holiday. O

hospital né. O Albert Einstein né. Que é aquela complexidade, né. Mas na verdade, de tudo mesmo eu queria conhecer o Cora residencial. Era, quando o professor falou que ele estaria entre um roteiro. Eu fiquei assim no desespero pra conhecer. E inclusive me emocionei muito até de lembrar, volta uma emoção porque é uma estrutura assim surreal né. É uma casa de acolhimento, né. Que acolhe idosos, alguns são permanentes, outros, deixa eu lembrar aqui rapidamente era como se fosse uma creche eles passam um dia e aí depois eles voltam das suas residências pra uma estrutura muito grande assim. A gente não teve acesso, a gente só teve acesso à área comum.

ENTREVISTADOR: Para darmos continuidade eu vou fazer uma pergunta agora importante, eu queria saber a tua opinião. No caso a segunda pergunta do questionário, né. Qual é a importância da visita técnica pro discente da Universidade Federal do Maranhão?

ENTREVISTADO: Olha, eu acho que a visita técnica principalmente no nosso curso que a gente não tem a prática, eu acho que ela amplia e muito assim, a nossa visão com relação a tudo que envolve o curso porque muitas vezes a gente só fica em sala de aula aprendendo a teoria e meio que imaginando como seria, como é que é e aí quando a gente faz uma visita técnica a gente consegue visualizar, né. De forma mais real que de fato a gente vai encontrar no mercado, né.

ENTREVISTADOR: Ao longo do curso de hotelaria você fez outras listas técnicas ali no Grand Tour?

ENTREVISTADO: Fiz, a maioria das visitas técnicas que eu fiz ao longo da graduação foram das disciplinas ministradas pelo professor Ruan, né. Em restaurante professor Marco Aurelio, com o professor Davi em hotel, na verdade eu acho que eu fiz até bastante visita técnica, mas a que eu fiz com maior quantidade de todas foram as ministradas pelo professor Ruan.

ENTREVISTADOR: E assim, na sua opinião em relação ao Grand Tour com essas visitas técnicas, o Grand Tour apresenta qual principal diferencial?

ENTREVISTADO: Ah, sim, porque a gente amplia, né, a nossa visão porque são mercados totalmente diferentes, né. Porque a gente no caso foi conhecer a hotelaria como é que é a hotelaria no Sudeste, né. Como funciona uma metrópole como é o

caso de São Paulo. E assim, por exemplo, lá no Albert Einstein a gente não pode ver que, por exemplo, o que a gente aprende na teoria, né. Que o profissional de hotelaria ele pode atuar em várias áreas né? Aqui a gente vê que é bem limitado assim, né. Porque o mercado é muito restrito, lá em São Paulo a gente pode ver que de fato o hoteleiro ele pode sim atuar em outras áreas como é o caso lá no Albert Einstein por exemplo um serviço de concierge, e aí eu lembro que na hora que é quando a gente chegou eu perguntei pra uma das concierge, na verdade que nos acompanhou qual era a formação dela e ela falou que ela era formada em hotelaria, e aí ela trabalha, né. No hospital *top dos tops*.

ENTREVISTADOR: E o que te levou a querer ir pro Grand Tour, você mencionou que você ganhou a passagem, mas eu imagino que você queria ir, né. Se você aceitou o presente, você queria ir.

ENTREVISTADO: O que me motivou mesmo, foi exatamente conhecer o os empreendimentos, né? De uma grande cidade, mas principalmente o Cora residencial, porque também ao longo da graduação, eu participei de projetos voltados para pessoas idosas por eu também já ter tido vivências com pessoas idosas, então sempre me tocou muito e eu já tinha visto reportagem sobre o Cora então quando surgiu a possibilidade, né. Quando eu vi que lá o Cora Residencial estava no roteiro, então essa foi a minha maior motivação pra conhecer, queria ver de perto o que seria tudo aquilo. Eu já fiquei assim tipo super mega hiper ansiosa para o dia, porque a gente fazia visitas era mais ou menos duas, três visitas, é um pouco corrido, mas ali deu pra aproveitar bastante. Eu acho que eu não aproveitei tanto quanto eu gostaria porque eu fiquei imensamente emocionada.

Eu costumo dizer, falei com o professor na época, foi um sonho assim, o caminho todo pra lá eu fui assim imaginando, sabe? Fiquei com aquela assim, ficou uma emoção até de eu lembrar agora eu fico emocionada.

ENTREVISTADOR: E você acha que o projeto Grand Tour contribuiu com a sua formação?

ENTREVISTADO: Acredito que sim, porque assim quando a gente não está no mercado, a gente fica só imaginando, né. E aí vendo as visitas técnicas, vendo a prática das pessoas, ainda assim a gente fica na teoria e quando a gente está no mercado, aí a gente começa a ver que algumas coisas fazem sentido né. E outras

nem tanto né? Algumas coisas por exemplo que a gente aprende no curso que na prática a gente nem vai utilizar, e outras que a gente deveria atender e acaba que não aprende aí o que vai contribuir quando a gente tá inserido no mercado de trabalho, são essas visitas que a gente fez ao longo da graduação. Tu consegue me entender?

ENTREVISTADOR: Entendo.

ENTREVISTADO: Por exemplo nas disciplinas principais do curso, por exemplo as de hotéis que é um hotel novo, é a gente aprende muita teoria, termo técnico, mas por exemplo a gente não teve acesso ao sistema, a gente não conhece quais são os sistemas que são utilizados e os veículos hospedagens, então quando a gente entra, quando a gente entra no mercado de trabalho, a gente se prepara pra uma outra realidade, quase que um outro mundo, aí a gente só fica naquela o que junta na verdade são só os tempos que a gente aprende, os termos técnicos, mas assim, sistema que eu acho que deveria ser repassado, eu acho não sei se isso seria mais complexo, mas eu acho que poderia. Então quando a gente conhece uma realidade que a gente não tem prática nem vivência ao longo do mercado e, por exemplo, pra mim é tudo novo.

ENTREVISTADOR: Dentre as visitas realizadas no Grand Tour de visitas, tu consegue me destacar alguma visita técnica que chamou atenção, qual a mais relevante?

ENTREVISTADO: Eu esperei a visita do SENAC São Paulo, também, a estrutura, né, que é oferecido lá o SENAC São Paulo, chamou também bastante atenção por conta da prática deles, atuam ali na prática. Além disso as salas de aula, lá elas têm o laboratório prático também. É que é assim, é dividido assim que é as cadeiras né, cadeiras normais pra estudante e tem uma UH completa na sala de aula. Então eles aliam ali a teoria e a prática. Tem a UH, tem assim a parte da recepção, tinha tudo, então é bem mais riquíssimo, além deles terem laboratório eles ainda tinham o hotel né. Antes da conclusão do curso eles vão lá e tem a prática, e também lá é separado, né. Tem gastronomia, lá é separado, tem também cerimonial, lá também é separado da faculdade, quando a gente estava lá, o professor que recebeu a gente ele comentou que a turma de evento que ela estava realizando um casamento, eles praticavam, compreendeu? Eles ainda não estavam formados ainda, mas estavam ali

na prática, daí eles organizaram um casamento, fazem externamente, ele até chegou a realizar um casamento homoafetivo.

ENTREVISTADOR: Entendi. É que experiências durante o Grand Tour que tu conseguiste associar com as disciplinas do curso?

ENTREVISTADO: Teve uma no Holiday que a gente conheceu, um hotel, que eu vi na disciplina do professor Ruan inclusive, que era de Comunicação empresarial. Sobre essa questão da comunicação. E lá eles passam... o professor até chegou a comentar na aula, sobre a questão do ruído, questão da informação, alguma coisa voltada pra essa área. De lá... Na verdade, quando eu fui na viagem eu ainda não fazia a disciplina de hotelaria hospitalar, porque eu fiz a disciplina de hotelaria hospitalar nesse semestre que eu fiz a viagem, não, o mesmo ano que fiz a viagem, mas eu fui acompanhando os colegas que na época faziam uma disciplina e eu vi, porque algumas pessoas sabiam que a gente ia para Grand Tour, e ficavam procurando a respeito para fazer trabalho, por exemplo, o hospital Albert Einstein se era daquele jeito, pediu que eu comentasse para a pessoa falar na apresentação, e aí quando a gente apresentou na época da disciplina, na verdade não foi nem na época de apresentação de trabalho, mas nas aulas mesmo eu fui perceber muita coisa, e também eu pude perceber algumas coisas que na época eu fazia hotel dois.

ENTREVISTADOR: Em relação ao projeto tu acha que ele aproxima o discente do mercado de trabalho?

ENTREVISTADO: Sim, acredito que aproxima muito. Ele aproxima porque além da gente fazer o *network*, né. Porque a gente soube, por exemplo, foi perguntado na época, não por mim mas outros colegas que estavam lá, sobre se eles aceitavam currículos, eles disseram que sim, que aceitavam currículo, que poderia mandar, deram os contatos além disso... Deixa eu ver o que mais. Eu acho que é isso.

ENTREVISTADOR: Na sua opinião, o projeto Grand Tour influenciou de alguma forma o profissional que você é ou será? Se Sim, de que forma?

ENTREVISTADO: Apesar de eu não estar, por exemplo, o Grand Tour, ele contribuiu muito para a minha conclusão de curso, por exemplo, eu desenvolvi é a minha monografia né. Foi assim uma das inspirações e motivações por eu ter conhecido o Cora Residencial, o hospital Albert Einstein e a própria ONG, e a minha intenção é

quanto graduada era, verdade ainda é atuar nessa área da hotelaria hospitalar, desmotiva um pouco porque aqui na nossa cidade, né, não tem mercado, né. Aí desmotiva um pouco, mais assim porque aqui de fato não... A hotelaria hospitalar ainda está engatinhando. Mas enfim, é o que eu gostaria e se pudesse estar lá, aonde tem mercado, era pra onde eu iria investir então e isso tudo por conta do que eu vi lá no Grand Tour, hotelaria hospitalar na prática.

ENTREVISTADOR: Nesse caso você consegue me identificar dois pontos positivos, dois pontos negativos do Grand Tour?

ENTREVISTADO: Os pontos positivos foram todos os empreendimentos e a gente conheceu, né. Todas as visitas técnicas que a gente fez, foi muito instrutiva, muito motivadora também. Né. Porque além, além dos empreendimentos da gente conheceu uma metrópole, e enquanto ponto negativo somente... É porque foi muito corrido, Né. Tipo a gente poderia ter visitado com um pouco mais de calma os locais. Mas aí também a gente tem não dependia também dos organizadores, mas do agendamento e tudo mais, é. E aí como eram muito distantes, né. Então era... A gente correu bastante, cansou bastante e não aproveitou como poderia, mas aí já... Mas não foi nada, por exemplo, ficamos no mesmo dia a gente conheceria o Cora Residencial e Albert Arte e o SENAC São Paulo, de manhã, de tarde e noite, sendo que são locais totalmente distantes então tem que ser bem que corrido como estava tudo agendado, a gente tinha que já sair, pra não atrasar pro outro mas nesse sentido assim. O que não foi o caso aqui, que eu fiz só pra mandar uma referência, mas isso aconteceu mais no primeiro dia que a correria foi maior porque no dia que a gente chegou, a gente já visitou, mas foi só isso na verdade pra mim não foi um ponto negativo, mas para dizer alguma coisa, é isso mesmo.

ENTREVISTADOR: Pra concluir o que você acha que pode ser melhorado, que tu acha que pode ser retirado e posto como sugestões para o projeto?

ENTREVISTADO: É. Eu acho que como sugestão, por exemplo, a cidade do Rio de Janeiro, mas que eu queria muito visitar é Pernambuco conhecer assim, Pernambuco e Salvador, Pernambuco que eu falo por todo o estado porque vai até a cidade mas assim, Salvador e Recife duas cidades aqui do Nordeste, que tem um fluxo muito grande, né. A gente está o ano todo e eu acho que seria interessante os alunos conhecerem, né. Como que funciona, como é que gerido. Porque você já teve um

Grand Tour de Fortaleza, Salvador e assim vai outra sugestão também, um local no máximo dois por dia, que os alunos pudessem aproveitar bastante né. Tirar qualquer dúvida, se não fosse tão, mas a gente sabe que isso não depende de quem organiza, mas da disponibilidade dos empreendimentos.

ENTREVISTADOR: Bom, no mais é isso, obrigado pela sua colaboração coma a pesquisa.

DISCENTE B

ENTREVISTADOR: Certo! Estou pronto! vamos lá! É um questionário portanto quero saber o que você faz, qual é a sua idade teu gênero, formação, experiências profissionais, cargos e funções que tu tenhas exercido, exerce ou já exerceu.

ENTREVISTADO: Tenho 23 anos, sou estudante atualmente do curso de hotelaria, na Universidade Federal do Maranhão. Atualmente trabalho como recepcionista em um hotel aqui de São Luís, as minhas outras experiências, uma das mais importantes foi como estagiária, no período das aulas presenciais, com duração de 10 meses, dentro de um hotel. Lá nesse estágio, eu passei pelos setores da recepção, setor de reservas, de governança e turismo social ... e um pouco de lavanderia também, eu tive na governança que conhecer um pouco do funcionamento do setor da lavadeira. É ... Na universidade, a experiência, é enquanto bolsista né?! Fiquei na Pró-reitoria de extensão acompanhando os projetos, em uma parte mais administrativa do setor, e também fiz um trabalho voluntário, na empresa Jr do curso de Hotelaria que é a *Hospitality Consult Júnior*, no período de 2018-2019, basicamente isso.

ENTREVISTADOR: Na sua opinião qual a importância das visitas técnicas?

ENTREVISTADO: As visitas técnicas, especificamente no curso de hotelaria da Universidade Federal do Maranhão, na minha formação, foram essenciais. Infelizmente na nossa faculdade, a gente não tem a prática dentro do curso, a gente tem apenas a teoria, então as visitas técnicas, né, a gente sair da sala de aula para conhecer hotéis, para conhecer espaços de eventos, se tornam um complemento na formação, a gente conhecer um pouco, o dia a dia dos hotéis, viajar como ocorreu também, para conhecer outros segmentos, conhecer hospitais e hotéis como eu já

falei, e os setores em si, né? ver como funciona o dia a dia de cada setor. Então pra mim por ter essa carência da prática no curso, se tornou essencial para eu conhecer realmente do que se tratava minha área. Sair da teoria para a prática, porque no estágio a gente tem essa experiência, mas as visitas em si a gente acaba saindo um pouco da sala de aula né? e supre essa deficiência que a gente tem no curso, de não ter prática.

ENTREVISTADOR: E aí você acha que as visitas técnicas, qual o papel delas nisso, nessa lacuna?

ENTREVISTADO: Exatamente o fato de mostrar por aluno do que se trata, no que você tá se formando, não apenas pelos livros, mas da gente ir pra dentro das empresas, de hotéis, espaços de eventos, hospitais, sair mesmo pra prática, realmente preencher aquela lacuna que tem no nosso curso, que até hoje eu tenho curso.

ENTREVISTADOR: Entendi então, você está em qual período atualmente?

ENTREVISTADO: No nono (9º) período.

ENTREVISTADOR: Entendi, então. Então vamos prosseguir né. No caso ao longo da tua formação em hotelaria tu participou de alguma visita técnica sem ser o Grand Tour?

ENTREVISTADOR: Sim, sim. Participei do Grand Tour, da edição um, que foi pra São Paulo e da edição dois que foi para Fortaleza.

ENTREVISTADOR: Sem ser do Grand Tour. Você participou de alguma visita técnica organizada no curso?

ENTREVISTADO: Sim, sim. A gente visitou o Hotel Ibis, visitou o American Flat e o Blue Tree também. O professor marcava e aí a gente ia pra uma empresa, não era um objetivo específico, né, mas era mais ou menos para abranger toda disciplina, até porque a gente não tem prática, então a oportunidade que a gente tinha de entrar na empresa, em um único dia ou em uma única tarde, então a gente já tinham que conhecer tudo, entendeu? Não era uma coisa específica “ah hoje a gente vai naquele hotel para aprender sobre os procedimentos na recepção” não! Era tudo, era em uma tarde, a pesar de se pouco, pra quem não tem nada acabava se tornando muito

enriquecedor pra formação! Então a gente ia numa tarde pra conhecer tudo, apesar de rápido, mas eu acho que é uma coisa que foi essencial.

ENTREVISTADOR: Sim entendo! Tu consegues me traçar um paralelo de comparação, diferencial, entre um conjunto de visitas do Grand Tour, e o que tu viveu fora do Grand Tour, em relação a também as visitas técnicas, por exemplo na graduação?

ENTREVISTADO: Diferenciar aqui? No caso São Luís pros outros locais?

ENTREVISTADOR: É pode ser, tipo assim, qual é o diferencial do Grand Tour pra ti? Por que visita técnica é visita técnica, sair da sala e visitar um local, então qual o diferencial do Grand Tour, qual é esse diferencial, se houve também né? Se teve algum!

ENTREVISTADO: Sim, o diferencial, é por que além de estudante você também está sendo um usuário, você está indo atrás não somente de conhecimento, mas também de experiência né? E eu acho que aqui é algo mais objetivo em si né? A visita técnica, e a viagem não, é um conjunto de experiência! Entendeu? É algo muito maior, é, você vai no aeroporto e você vai conhecer como que funciona, você tá indo como cliente e ao mesmo tempo você tá naquela perspectiva de conhecer, né? Você vai se hospedar em um hotel, ou então você vai utilizar ali um serviço, por exemplo o Beach Parque, você tá indo como cliente, mas também você tá indo com a perspectiva de estudante, então eu acho que o diferencial é isso!

ENTREVISTADOR: Entendo! Você consegue me dizer mais alguma coisa sobre o diferencial?

ENTREVISTADO: Aqui é algo mais específico né? São Luís é um nicho que é mais enxuto, a gente não tem muito segmento, e fora, a gente consegue ver a amplitude da nossa área de estudo, entendeu? É a questão da hotelaria hospitalar, a questão de eventos, a questão de gastronomia, a gente consegue ver, que pra fora, a gente tem uma oferta maior, entendeu? É um dos diferenciais que eu pude perceber na viagem!

ENTREVISTADOR: Entendo! E o que foi que te levou a querer participar do Grand Tour? Assim, qual foi a motivação que te levou ao projeto? Qual foi a motivação que

te fez ir por exemplo, duas vezes? Né?! O que foi que te fez ir na primeira e o que foi que te fez ir na segunda? Repetindo?

ENTREVISTADO: Assim, eu nunca viajei pra fora, então eu acho que um dos primeiros pontos é isso né! Sair de um local de conforto, então assim, sair de uma zona de conforto! conhecer mesmo! ter novas experiências, poder perceber como é minha área em outros locais também, mais ou menos isso!

ENTREVISTADOR: Hum entendo! Então, tu podes resumir pra mim, então que esse foi o fato de tu nunca ter saído de São Luís, o que te motivou?

ENTREVISTADO: Também, sim, sim, pode ser isso.

ENTREVISTADOR: Tem outra coisa, que tu queiras dizer?

ENTREVISTADO: Conhecer também os empreendimentos, muitos empreendimentos que a gente só vê em jornal ou em sites, você pode conhecer realmente como funciona dentro, entendeu? Isso também é um dos pontos! O conhecimento, buscar o conhecimento!

ENTREVISTADOR: Entendi! E o projeto ele contribuiu para sua formação em hotelaria?

ENTREVISTADO: Com certeza!

ENTREVISTADOR: De que forma?

ENTREVISTADO: Ampliando minha perspectiva de que, é ..., aqui em si né? Como eu já falei é um local que a gente tem pouco oferta de serviços, e infelizmente os serviços que a gente tem é um pouco inferior, né? Então eu acho que enquanto profissional a gente busca, se tornar um profissional reconhecido, com uma qualidade na nossa formação, então o mercado que existe grandioso lá fora, aqui a gente que precisa melhorar muita coisa, então acaba trazendo uma bagagem né, de fora para a nossa cidade. Eu acho que contribui nesse quesito!

ENTREVISTADOR: Então, tu achas que sair de São Luís e visitar outros hotéis, facilitou pra ti o teu trabalho, hoje em dia? Já que tu falou, que tu é recepcionista?

ENTREVISTADO: Questão de postura, questão de organização, a questão de disponibilidade!

ENTREVISTADOR: Como assim disponibilidade?

ENTREVISTADO: É de você saber né? Se organizar com os seus horários, de saber que você precisa conciliar várias coisas, a questão da profissão hoteleira, tem muito da conciliação, entendeu? É mais ou menos isso!

ENTREVISTADOR: Ah! Compreendi! Perfeito! Durante o projeto Grand Tour, vou de novo citar isso, você foi em duas edições né, se tu pudesse me destacar de cada uma, qual foi, pelo menos uma, a experiência do Grand Tour, pode ser qualquer coisa, o que foi que te chamou atenção, o que foi relevante pra ti? Dentre as vistas técnicas, principalmente? O que foi que quando tu voltou, chegou em casa e lembrou “poxa se não fosse o Grand Tour, não aconteceria”?

ENTREVISTADO: Vou pensar porque tem tanta coisa, várias coisas me marcaram...

ENTREVISTADOR: Pode falar todas elas, se quiser!

ENTREVISTADO: Olha, eu acho que em São Paulo, assim em eixo de Educação o SENAC, né? Que tem uma estrutura assim, que é de causar inveja, uma inveja boa né. Então assim, a deficiência que a gente vê aqui no curso, lá é totalmente o inverso. Então o primeiro encontro que dá vontade de sair espalhando, é da organização que a gente vê, o profissionalismo das pessoas, questão de estrutura, laboratório, são os primeiros pontos. O porte do Holiday Inn, um hotel muito famoso! Então assim, conhecer os bastidores e conversar com os profissionais e entender o que acontece em cada setor, também foi um dos pontos que marcou muito, conhecer os bastidores de um dos maiores hotéis do Brasil. Conhecer na questão de hotelaria hospitalar o Albert Einstein.

ENTREVISTADOR: Isso foi em São Pulo?

ENTREVISTADO: Foi em São Paulo! Ver a questão da estrutura do hospital, conversar com as profissionais, e não eu acho assim, que só de você está conversando, de estar fazendo aquele networking, já é algo que influencia muito nas tuas decisões, enquanto profissional. E também as diferenças culturais que a gente teve na cidade, né de ir na Liberdade, de ir na rua Augusta, de sair para lanchar, entendeu? Outra coisa, a gente visitou o sambódromo, outro ponto *EVENTOS*, a gente visitou o sambódromo e não só o sambódromo, onde acontece os desfiles, mas também todo aparato que a secretaria de turismo de São Paulo utiliza para realizar

eventos, a gente conheceu toda a estrutura. A gente conversou com profissionais da área. Então é outro ponto também que me marcou. deixa eu ver se tem outro ponto que eu me lembro de alguma coisa assim. E a gente também conheceu, assim, no eixo de hospitalidade, também uma ONG né? Que ensina, né, imigrantes, sobre essa questão do acolhimento, também em outros pontos, conversar ali com um estrangeiro, saber das motivações, também foi um dos pontos que a gente vê que, a área em si, a gente também pode estar trabalhando nessa questão. Deixa eu ver se tem mais alguma coisa ...

ENTREVISTADOR: É por que é uma programação muito extensa né, vocês acabam tendo vários de dias de turnos: manhã, tarde e noite. Teve vista de madrugada? Teve?

ENTREVISTADO: Não, não. De madrugada foi só mesmo o embarque, Ah, sim, o aeroporto também né, onde a gente conheceu um pouco da estrutura e de alguns espaços, lá no aeroporto de Guarulhos, que foi algo assim, assim foi mais mediano, assim, foi muito bom, sabe? Mas pra mim, não é aquela coisa assim, ai que bacana, foi muito bom! Mas pra mim não é uma coisa, assim que supere as minhas expectativas. Para outros alunos até sim, mas...

ENTREVISTADOR: Tu achas que isso tem a ver com a área específica do teu curso?

ENTREVISTADO: Assim, eles têm um hotel assim de passagem, de pequeno porte. Eu acho que não, assim tem um pouco, mas não algo que puxe muito, puxa mais para a área de turismo, entendeu? Os alunos de turismo, talvez tenham se identificado mais, entendeu? Mas eu não me identifiquei tanto, mas não quer dizer que não tenha sido bom, foi ótimo! Ótimo! Ótimo!

ENTREVISTADOR: Entendo!

ENTREVISTADO: Porém eu não me identifiquei!

ENTREVISTADOR: Você acha que a sua formação em hotelaria pesou, para que isso não acontecesse, esse deslumbramento com um aeroporto?

ENTREVISTADO: Com certeza! Sim!

ENTREVISTADOR: Ah! Você mencionou que para turismo pode ter sido importante né?

ENTREVISTADO: Exatamente!

ENTREVISTADOR: Nesse caso assim, então, que experiências durante o Gand Tour, você conseguiu associar as disciplinas do curso? e também se não teve nenhuma, nenhuma você conseguiu associar? não teve nada que tu pensou assim “poxa...”

ENTREVISTADO: Teve várias, assim, essa questão de alimentos e bebidas, a gente conheceu muitos estabelecimentos. Na questão de lazer e recreação o Beach Parque, a gente conheceu não só o complexo em si, mas hotéis que fazem parte, e a gente vê que nos hotéis, não é só porque tem um hotel em um dos maiores complexos aquáticos do Brasil, que você vai ter um hotel que não vai ter recreação, então assim, a gente conseguia ver, né, que assim, é muito trabalho, basta ter um atrativo, sabe? Ele também pode se tornar atrativo, por que quando o parque fecha, as pessoas, elas têm que ter uma outra coisa pra se divertir, além da praia.

ENTREVISTADOR: Entendo! Então assim, por exemplo, você acha que essas complementações de atividades de um empreendimento ou outro, foram identificados devido ao curso? Devido a alguma experiência que você teve dentro do curso? Em alguma disciplina?

ENTREVISTADO: Sim! Com certeza! A questão do espaço de eventos, que a gente também conheceu em fortaleza, a gente vê que aqui na cidade, a gente tem uma escassez de espaços assim. O parque que a gente foi! O parque estadual do Cocó, então a gente já vai, né, com uma questão ambiental, mas também influencia na questão da hospitalidade do espaço né? Então é uma outra área, os hotéis que a gente visitou também, então, assim, cada local que a gente vai, sempre acaba puxando alguma coisa do nosso curso entendeu?

ENTREVISTADOR: Sim! Por exemplo, qual foi o link mais importante pra ti, em relação a uma disciplina e o que você visitou?

ENTREVISTADO: Bom acho que não só uma, como eu já falei tem a questão da hotelaria hospitalar, como eu já falei que a gente visitou.

ENTREVISTADOR: Bom, na medida que tu for lembrando, você pode ser que você comente depois, não tem problema nenhum. Vamos lá mais uma pergunta. O projeto Grand Tour ele conseguiu te aproximar do mercado de trabalho? Ou conseguiria aproximar qual quer pessoa? Qual quer aluno do curso do mercado de trabalho?

ENTREVISTADO: Sim, Por que a gente acaba, como eu falei no início, a gente sai da nossa zona de conforto. Pra quem pretende trabalhar aqui né, destino São Luís, então a gente acaba percebendo o que tem de diferente na Cidade, a gente consegue ver, o que que tem de melhor, né, no caso do destino e São Paulo e destino Fortaleza, dentro desses segmentos que eu falei, dos hotéis, da gastronomia da questão de eventos, da restauração, hotelaria hospitalar, na questão do lazer e da recreação, e trazer, de alguma filtrar o que a gente pode estar implementando aqui em São Luís, eu acho que é mais ou menos isso, não é dizer que vai trazer a mesma coisa, entendeu? Mas é questão de filtrar, como a gente pode implementar né. Por que o certo é ir lá trazendo pra cá, de forma que possa dar certo aqui, também.

ENTREVISTADOR: No contexto Fortaleza – São Paulo, você então você tá me dizendo que conseguiria, o aluno na verdade, consegue filtrar as possibilidades de implementar uma técnica vista em São Paulo, e também uma que foi vista em Fortaleza?

ENTREVISTADO: Sim! Exatamente!

ENTREVISTADOR: A entendi então! É isso mesmo. Estamos chegando na última parte do questionário, tá bom? Então assim, no teu âmbito profissional tu acha que o projeto Grand Tour ele te influenciou de alguma maneira nessa formação?

ENTREVISTADO: Eu acho que, assim conhecendo mais né, como funciona em outros locais, a gente acaba vendo, se realmente é aquilo que a gente quer pra gente, então e acho que influencia né, na parte de dar continuidade né? Abre os nossos olhos por que a gente fica mesmo com uma expectativa né? “nossa eu queria tanto que no meu destino fosse assim”, só que são locais diferente, com estruturas diferentes, então eu acho que cada local tem potencial, né, então cabe a você como profissional se preparar, saber se posicionar, e essa questão de viajar, de você fazer intercambio para outros locais acaba contribuindo, nessa questão, profissional mesmo da pessoa.

ENTREVISTADOR: Entendo! Por exemplo se você conseguisse me identificar uma influência que você nota hoje em dia na tua vida profissional que é muito importante, acha que ela teria a ver com o Grand Tour?

ENTREVISTADO: Acho que a inteligência emocional, por que a nossa área né, a gente lida com pessoas e atendimento ao público, e vindo e conversando com quem

já tem bastante experiência, né? Claro que a gente precisa passar por determinados momentos, a gente precisa de criar experiência, mas a gente conversando né com as pessoas, observando também, a gente vê que é uma das coisas que mais direcionam a gente. “Olha você tem que ser forte por que é muito instável, né? Então a inteligência emocional é um dos pontos que o profissional, ele deve buscar.

ENTREVISTADOR: Então pra concluir aqui a nossa entrevista, você poderia me indicar dois pontos positivos, pelo menos e dois pontos negativos do Grand Tour?

ENTREVISTADO: Começando pelos pontos negativos, eu acho que o período, né? São destinos que tem muita coisa, então assim, talvez colocar um fim de semana, iria ser muito bom! Geralmente era de segunda a sexta, então mesmo aumentando o valor, acho que as pessoas pagariam, pra vivenciar o fim de semana né, pro que pro turismo, as coisas mudam, não é a mesma coisa da semana pro fim de semana, né? Então eu acho que gente acaba tendo uma perspectiva, dos dois tempos, né? E assim, foi um pouco intensa a semana, então em São Paulo eu acabei passando mal, então eu acho que, talvez, uma redução das atividades. Acabou sendo um pouco desgastante, era muita coisa que a gente acabava com pouco tempo pra assimilar, então andava muito lá, no sol, então acho assim, que isso a gente vivenciou muito em São Paulo, por que em Fortaleza, já mudou, a gente andava mais de transporte particular, e lá em São Paulo não, a gente andava muito de transporte público, então acabou sendo muito cansativo. É bom por que a gente consegue ver a movimentação da cidade, consegue ver como é que o morador vivência, mas do outro lado é cansativo, é ruim.

ENTREVISTADOR: Entendo! Então assim, de alguma maneira tu acha que esses pontos são positivos e/ou pontos negativos?

ENTREVISTADO: Não, eu acho que é a questão da organização, tanto que o organizador do evento, ele mudou, entendeu? Em São Paulo, foi pra economizar mais né, vamos utilizar o transporte público, o ônibus ou metrô, e ia andando mesmo né? Em fortaleza não, já foi mais a questão de, é o tempo que a gente tem, gente tem pouco tempo, a gente tem uma semana, e muitos locais, então vamos economizar esse tempo, então como?? A gente vai incluir no planejamento financeiro o transporte particular. Então todo mundo já vai organizado, financeiramente, para pagar o transporte particular. Assim a gente aproveita mais os passeios, entendeu?

ENTREVISTADOR: Perfeito! A última pergunta que eu te faço, é que se tu pudeste dizer alguma sugestão do que fazer ou que não fazer, para as próximas possíveis edições do Grand Tour, o que tu poderias dizer? O que você poderia contribuir comigo?

ENTREVISTADO: Acho que o que poderia fazer, seria aumentar para mais dias, né? Podendo ser aos fins de semanas. E do que não fazer, acho que como foi em São Paulo né, acho que já houve essa mudança, do transporte público. Talvez mudar também alguns pontos, acho que tem também muita coisa, talvez fazer uma segunda edição, mas que a gente conhecesse outros lugares também, na cidade em si, conhecer outros locais, por que teve outros locais que a gente não foi pela falta de tempo.

ENTREVISTADOR: Entendo então! Bom se tiver mais uma consideração pra fazer, mais alguma coisa, você quer falar mais alguma coisa?

ENTREVISTADO: Não, não. Somente isso!

ENTREVISTADOR: Então tá bom! Agradeço a sua participação! E muito obrigada!

ENTREVISTADO: De nada!

DISCENTE C

ENTREVISTADOR: Para começar, eu gostaria que você me dissesse sua idade, formação, gênero e quais experiências profissionais já teve ou está tendo.

ENTREVISTADO: Tenho 26 anos de idade, sou do gênero masculino. Sou formado em Turismo, bacharel em Turismo pela Universidade Federal do Maranhão, formado no ano de 2020. Infelizmente, fui formado exatamente um pouco antes da pandemia começar, então um dos primeiros setores mais afetados pela pandemia, na verdade o primeiro, foi a área de turismo. Então, infelizmente, tive poucas experiências profissionais dentro dessa área, bem pouco mesmo. A experiência profissional que tive foi mais durante o estágio como monitor em museus na cidade de São Luís e essa foi a minha ligação mais forte com o Turismo. Já trabalhei em outras áreas como atendimento, atendimento ao público e hoje trabalho no setor administrativo de uma

imobiliária, mas realmente com o setor turístico foi mais no período de estágio ainda pela faculdade.

ENTREVISTADOR: Pra dar início ao questionário específico do projeto, o que que você acha sobre as visitas técnicas, qual é o papel delas, como funcionam para você e como vê no contexto do curso que viveu. Qual a sua opinião sobre?

ENTREVISTADO: A visita técnica, sem dúvidas, é de grande importância para agregar conhecimento, principalmente prático, não só o teórico. O *Grand Tour*, nessa perspectiva, é excelente porque a gente pôde ver *in loco* o trabalho que a gente vê muito dentro da sala de aula em todos os aspectos. A multidisciplinaridade que o curso tem a gente consegue ver dentro do *Grand Tour*: desde o atendimento, as motivações de um turista sair de um local A pra um ponto B, então as disciplinas do Turismo são bem observadas dentro das visitas técnicas. É de grande importância mesmo para que a gente possa agregar mais conhecimento, ver realmente na prática tudo o que a gente via dentro da sala de aula. Então, tudo o que você vai aprender sim em uma visita técnica, você vê *in loco*, vê o profissional, você pode conversar ali diretamente com o profissional que você pretende ser. Então, as visitas técnicas são de grande importância para que um profissional seja formado em qualquer área que for.

ENTREVISTADOR: Durante o curso, teve contato com outras visitas técnicas além do *Grand Tour*?

ENTREVISTADO: A gente teve bastante visita técnica, principalmente por causa do objetivo do nosso curso como Turismo, que trata sobre muita coisa física, não só a história, não só a teoria, mas a gente precisa muito da prática. A gente falava muito disso, muito do que acontecia, muito das histórias, não só entender como em algumas matérias como Sociologia ou Filosofia relacionadas ao Turismo, como fundamento do Turismo, mas entender por que as coisas aconteciam e ver na prática o porquê aquilo ali acontecia não. Então pra isso tinham muitas visitas técnica sim pela cidade, mas em outras localidades, e eu pude fazer umas duas viagens como visitas técnicas, porque a partir do momento que você sai de um local e vai pra outro você acaba agregando conhecimento sobre qualquer coisa que você vá fazer no percurso. Você vai ver como é o transporte, hospedagem, alimentação em outros lugares, vê o setor de A&B em outros lugares, então realmente sair de um ponto, sair de casa (no curso de Turismo, pelo menos), você já começa a ter uma visita técnica.

ENTREVISTADOR: Verdade. Se você pudesse me dizer, na sua opinião, qual é o ponto que difere (se foi diferente ou se foi tudo igual) as visitas técnicas feitas em São Luís para a programação do *Grand Tour*?

ENTREVISTADO: Sim. Eu acho que teve muita diferença. Tudo foi muito bem pensado para a gente ter mais conhecimento sobre determinada área. Tudo começa com o turismo e o turismo começa justamente com o *Grand Tour*, desde? Na Europa quando inicia o turismo. Eram alunos de saúde, de Medicina, que iam pra outros lugares, principalmente pela Europa mesmo pra agregar conhecimento. O turismo começou dessa maneira, com pessoas normalmente ricas que faziam esse transporte de pessoas, organizavam grupos e iam para faculdades estrangeiras. Óbvio, as visitas técnicas que a gente tinha (regulares, durante a semana e finais de semana) na cidade de São Luís eram pensadas também para ganhar conhecimento técnico, mas o *Grand Tour* parece que era uma coisa maior, o nome já falava “*Grand Tour*” parecia que era uma coisa maior do que só uma saída final de semana, só se juntar com o professor no Centro Histórico da cidade. Eu sentia essa diferença. Foi durante o *Grand Tour* – apesar de que eu participei do *Grand Tour* da edição que foi pra Fortaleza e eu já conhecia Fortaleza, mas não a que eu conheci no projeto. Então, o *Grand Tour* foi muito importante mesmo pra que eu quisesse terminar meu curso, para que eu realmente pudesse ver “eu quero fazer isso aqui, eu quero participar disso bem aqui”.

ENTREVISTADOR: Sim, concordo. Mas, por exemplo, o que tinha de diferente no *Grand Tour* para as visitas em São Luís?

ENTREVISTADO: Não consigo nomear perfeitamente “ah isso bem aqui é diferente”. Mas realmente acho que teve na elaboração toda uma preocupação sim... mas como assim?

ENTREVISTADOR: Tem alguma coisa que você pensa ou que viveu na experiência do *Grand Tour* em que diz “se não fosse no *Grand Tour* isso não aconteceria”?

ENTREVISTADO: Não sei dizer assim... Acho que a parte do planejamento, tudo ali envolvia muito o Turismo, o que a gente estava fazendo era realmente uma coisa do Turismo. Até mesmo a questão de saber improvisar, na hora que acontecer, porque às vezes você está aqui em São Luís e já sabe mais ou menos como fazer tudo certo, mas viajar para um outro lugar onde você não tem muito convívio, talvez precise improvisar muito na hora: “Ah, aconteceu isso no deslocamento de grupo” ou você

sabe não deixar as coisas saírem muito do local, realmente ter que ter tudo ali na mão. Então, eu vejo isso pelos esforços dos professores que acompanharam a gente e aqui em São Luís é uma coisa mais calma, você conseguia se sair mais tranquilo se alguma coisa saísse do plano, mas lá em Fortaleza tinha que estar muito bem amarrado. Então o planejamento é maior sim, tem que ser tudo certinho. “Ah, faltou alguma coisa, o que eu vou fazer?” A gente tinha que trabalhar isso dentro da nossa mente de ter que improvisar na hora, qualquer coisa que dê errado você vai lá e “opa! Eu posso fazer isso, isso e aquilo”. Ter o know-how é diferente.

ENTREVISTADOR: Sim. Então você acha que o diferencial do Grand Tour para as visitas técnicas de São Luís foi esse preparo; as reuniões de antes do evento, etc.?

ENTREVISTADO: Sim.

ENTREVISTADOR: E o que te levou a participar do *Grand Tour*? O que você pode destacar pra mim que dá a ideia de “nesse dia em que eu fiquei sabendo que teria esse projeto, eu decidi que vale a pena economizar, separar um dinheiro pra viajar” o que te fez ter essa motivação para ir?

ENTREVISTADO: Acho que o sucesso da primeira. Acho que o de Fortaleza foi o segundo ou terceiro...Então o sucesso que foram a primeira e segunda edições foi muito importante. Realmente você escutar o pessoal dizer “Ah, a gente foi pra São Paulo...” O primeiro foi pra São Paulo, né? Se não me engano.

ENTREVISTADOR: Sim.

ENTREVISTADO: Todo mundo falava: “Ah a gente foi em São Paulo, na rede de hotéis tal, conheceu sobre isso e viu sobre aquilo”. Isso realmente foi muito importante porque é como se fosse uma grande maratona: “vamos aprender sobre isso, vamos fazer isso e fora que as visitas em São Luís eram muito esporádicas, porque em um final de semana saíamos, depois durante a semana e então só no semestre que vem a gente faria outra coisa. Já no *Grand Tour* em uma semana a gente faz programações direcionadas ao conhecimento. Existe uma similaridade entre Fortaleza e São Luís: duas cidades bem próximas, se parecem no clima..., mas obviamente que Fortaleza está quilômetros à frente de São Luís em questão de planejamento com o turismo, como o mercado trata o profissional de Turismo que acaba de sair da faculdade e eles

sempre deixaram bem claro que eles conversavam muito com os profissionais, tratavam de se informar. No Beach Park a gente viu bastante isso, eram sempre preocupados sobre como o estudante ia sair da faculdade e iria agregar dentro do mercado de trabalho. Então eu já conhecia Fortaleza, mas uma Fortaleza mais afastada do setor turístico, e isso me gerou muita atenção: o sucesso que foram os outros projetos e poder conhecer mais sobre uma cidade parecida com a nossa e o que a gente pode trazer de exemplo de lá pra cá e acabar aplicando aqui. E eu já estava no final da graduação, demorei cinco anos pra completar o curso, acho que estava no oitavo ou nono período.

ENTREVISTADOR: Nesse caso, por exemplo, no nono período teve alguma experiência durante o curso que fez pensar ou lembrar “eu vi isso durante o curso. Será se eu vou ver isso no Grand Tour?” Pensou em algum momento isso?

ENTREVISTADO: Não. A gente pensava mais quando a gente já estava no Grand Tour. “O que a gente estudou lá atrás é isso aqui, é bem legal ver isso *in loco*”. Uma coisa que eu gostei bastante foi ver na prática disciplinas de gestão de hotelaria e gestão de alimentos e bebida. Você vê ali só o que está por fora, né? Por exemplo, você vê um escritório com tudo organizado, mas não sabe o que está por trás. Então a gente foi e viu tudo, foi em lugares [14:30 não entendi]. A gente foi nos hotéis em Fortaleza, mas estudou lá na faculdade que por trás tem todo um fluxograma de funcionários e um empresariado que pensa na parte final. Então, dentro do *Grand Tour* a gente vê o que estudou antes acontecendo de fato. Durante o curso a gente não pensa “vou ver isso lá na frente”, mas a gente viu.

ENTREVISTADOR: O projeto em si contribuiu com a sua formação?

ENTREVISTADO: Sem dúvidas!

ENTREVISTADOR: De que forma?

ENTREVISTADO: Contribuiu para eu pensar, porque eu fiz o curso no começo pensando que era uma área que eu gostava, mas não sabia se queria trabalhar com isso. Eu via muito como um hobby. Pensava em fazer uma segunda graduação e ainda penso, mas juntando com o Turismo, como Publicidade e Propaganda. O *Grand Tour* me fez ver que eu realmente gosto da área e, quero trabalhar com isso. Não sei se foi a experiência de ver a organização do *Grand Tour* ou de trabalhar com o turismo,

porque eu gosto muito de fazer acontecer, de organizar. Exemplo: organizar uma viagem ao lugar tal para um grupo de 50 pessoas. Tem que organizar bebida, transporte, hospedagem e guias de turismo. Gosto de ter o bom tratamento com o turista, principalmente porque eu participei dois anos da minha vida como estagiário em um museu lidando diretamente com a parte final, o cliente final, que é o turista. Passar tudo o que a gente tinha na nossa cidade para o turista era muito bom. Então eu queria ver também o que era organizar, aplicar tudo isso, pegar uma coisa que não está boa de um jeito e conseguir consertar, conseguir trazer turistas e passar o conhecimento para o turista. Então o *Grand Tour* me fez ter vontade mais ainda de ser turismólogo, sem dúvidas nenhuma.

ENTREVISTADOR: Perfeito. Dentro de tudo o que você fez no *Grand Tour*, o que você visitou ou simplesmente viveu em Fortaleza que foi mais relevante?

ENTREVISTADO: Foi uma experiência tão boa e marcante que eu não consigo dizer só um fato. A experiência em si foi o que me marcou.

ENTREVISTADOR: Do *Grand Tour*?

ENTREVISTADO: A experiência de sair de casa, o *Grand Tour* em si. Sair de casa, se preparar, chegar lá... e logo no primeiro dia eu não dormi porque a gente saiu de madrugada, não dormi para pegar o avião, não dormi no voo porque é rápido e chegando lá a gente já deixou as coisas no *hostel* e saiu fazendo uma visita técnica. Tudo foi uma rajada de conhecimento, de visita técnica, não tem uma coisa específica. Foi a experiência no geral de ir com os amigos. Ter que estar rodeado de pessoas legais, interessantes, que querem aprender também pra poder te fazer querer crescer também.

ENTREVISTADOR: Mas teve algum lugar, algum empreendimento que você foi, algum passeio mais marcante?

ENTREVISTADO: A visita ao Beach Park, a conversa com os organizadores, gerente e funcionários. São dois pontos: a visita ao *Beach Park* e aquele primeiro hotel que a gente visitou que é...

ENTREVISTADOR: O *Grand Marquise*?

ENTREVISTADO: *Grand Marquise* Hotel. Foram o *Beach Park* e o *Gran Marquise*. Uma das principais atrações turísticas de todo o nordeste que é o *Beach Park* e um

dos principais prestadores dessa área turística da cidade de Fortaleza. É uma grande referência, além da visita ao *Marina Park Hotel* que foi excelente, conhecer os quartos de hotel, como funciona o restaurante, transporte e hospedagem. Então a visita ao *Marina Park Hotel*, ao *Grand Marquise* e ao *Beach Park* foram pontos chave.

ENTREVISTADOR: É, concordo. No caso, o que mais chamou a sua atenção foi a experiência do projeto em si, foi o sucesso de tudo aquilo que aconteceu antes e vendo que aquilo tudo se materializou, se tornou real.

ENTREVISTADO: Sim. Não dá pra dizer algo específico. É um grande projeto, é muito importante. Se pudesse acontecer todo ano para que um aluno que entrou no começo do ano, o professor Ruan até pensou em fazer um *Grand Tour* no começo de pandemia também. Se pudesse ter todo ano um *Grand Tour*, um professor ou grupo disposto a levar os alunos da cidade de São Luís, de Turismo e Hotelaria da UFMA se juntariam e conhecer algum local do Brasil seria de grande importância.

ENTREVISTADOR: Vamos passar agora para a última parte do questionário. Queria perguntar também que tipo de experiência você teve no *Grand Tour* (se teve alguma) que consiga casar com alguma disciplina do curso de Turismo. Teve alguma visita que você pensou: “eu vi isso na disciplina X”?

ENTREVISTADOR: Sim. Quando a gente visitou os hotéis, lembrou muitas coisas das matérias do professor Ruan, de Gestão de Hotelaria e de Alimentos e Bebidas. Também as aulas do professor Anderson, de Tecnologia da Informação. A tecnologia pode agregar bastante ao setor turístico, seja ele de transporte, para a área de A&B, ou para facilitar a organização e os projetos dentro de um empreendimento. Foram essas duas matérias: Tecnologia da Informação e Gestão de Alimentos e Bebidas e Hotelaria.

ENTREVISTADOR: Em relação por exemplo à Tecnologia da Informação, que você mencionou, como percebeu o auxílio disso no dia a dia?

ENTREVISTADO: O uso de aplicativos para transporte me chamou muito a atenção principalmente porque aqui em São Luís é um pouco mais caro, enquanto que em Fortaleza é exponencialmente mais barato. É muito melhor se transportar por Fortaleza usando aplicativo, porque lá usam gás natural como combustível. Enquanto que isso não tem em São Luís. Essa tecnologia disponível lá facilita muito a vida do

turista, porque os aplicativos acabam se tornando mais baratos. O uso de *softwares* em todos os empreendimentos para organização de todo o local e para prestação de serviço também, principalmente nos hotéis, na área de reserva. Como conversa o setor de reserva dos quartos, das unidades habitacionais com a cozinha pra organizar e saber o que está sendo pedido... A gente via que o uso da tecnologia serve para facilitar a vida do empreendimento.

ENTREVISTADOR: Na sua opinião, o projeto então consegue aproximar o discente do mercado de trabalho?

ENTREVISTADO: Consegue, como me aproximou e me mostrou que realmente Hotelaria é o que eu quero fazer, mas infelizmente ainda não consegui. É o que eu quero, sendo bem simples e bem selecionado o destino no *Grand Tour*. Não é suma escolha aleatória e é um grande desafio também fazer isso, escolher qualquer cidade, ver se o turismo funciona em qualquer lugar do Brasil; mas selecionando bem a cidade, com os professores que tem um grande conhecimento e já viajam bastante o nosso país sabendo escolher o destino certo para mostrar os empreendimentos certos e como realmente estes funcionam, o *Grand tour* acerta em cheio, fazendo com que o aluno se aproxime mais ainda do mercado de trabalho, porque - não sei se muito acontece no curso de Hotelaria - no curso de Turismo era bem comum no primeiro período entrarem quarenta alunos; no segundo, trinta e cinco; no terceiro, diminui pra trinta e cinco e a evasão vai acontecendo, porque não tem muita coisa que prenda logo no começo do curso. A mudança na grade curricular também fez com que o aluno tivesse mais vontade de permanecer no curso. Se o *Grand Tour* acontecesse todos os anos e o aluno que está no primeiro período já tivesse a oportunidade de participar desse projeto, pode ter certeza de que vai pensar antes de sair do curso, vendo como ocorre a prática daquilo que é estudado. O *Grand Tour* cumpre o seu propósito que é o de aproximar o profissional/aluno à sua área de trabalho.

ENTREVISTADOR: Concordo contigo. Na tua opinião, o projeto influenciou a sua vida profissional? De que forma?

ENTREVISTADO: Sim. Fez com que eu decidisse seguir essa área. Posso trabalhar com administração ou qualquer outro setor, mas estarei o tempo todo buscando trabalhar neste ramo turístico.

ENTREVISTADOR: Você acaba ficando mais engajado durante o curso?

ENTREVISTADO : Sim, você fica muito mais engajado. Mesmo trabalhando em outra área, eu digo que sou formado em Turismo e quando me perguntam como é o ramo na cidade de São Luís, respondo que tem crescido bastante com brilho nos olhos e, sem dúvidas, o *Grand Tour* contribuiu bastante para isso: para que eu pudesse pensar em levar o conhecimento desse turismo para o mundo. Quando perguntam sobre o turismo em São Luís, digo que existe, explico como funciona e a pessoa consegue enxergar. Então, o *Grand Tour* faz a gente ter essa mentalidade de querer trazer para cá o que acontece em outras cidades e tentar fazer acontecer aqui também. O *Grand Tour* faz você ter esse desejo de crescimento, não apenas de si, mas do local onde você está.

ENTREVISTADOR: Sim, agora a última pergunta. Se você pudesse destacar dois pontos positivos e dois pontos negativos do projeto, quais seriam?

ENTREVISTADO: Eu tenho dificuldades em falar dos pontos negativos porque gostei bastante. De ponto negativo, acho que a organização poderia ser mais próxima do aluno, os professores que estão presentes deveriam saber controlar mais, não só exercer o papel de professor/organizador, só apontando e explicando como vai ser. Poderiam dizer “estamos pensando em fazer desse modo. O que acham? Está tudo planejado, mas a gente pode alterar” e usar a improvisação. Em alguns momentos, durante o nosso *Grand Tour*, a gente percebeu que foi se perdendo o fio, o organizador foi perdendo os alunos. No final do projeto, os alunos foram se dividindo em grupos. Então isso poderia ter sido melhor organizado e eu elenco isso como um ponto negativo, mas não vejo outro.

De positivo, a escolha do local foi muito boa, porque para a gente, de São Luís, cidade litorânea, visitar uma outra cidade parecida com a nossa que tem um grande sucesso faz a gente pensar que é possível. A organização e como tudo foi pensando também foi muito positivo. Como eu já disse, o professor Ruan foi o que mais tomou a frente da organização, passou dias pesquisando e essa organização fez com que tudo saísse certo. Por exemplo, já entravam em contato muito antes para que a gente conseguisse pagar mais barato em determinados restaurantes, conseguimos desconto no hostel com uma hospedagem melhor. Então eu consigo elencar esses dois pontos positivos e não vejo outro negativo.

ENTREVISTADOR: Agora a última pergunta pra encerrar: que sugestões você daria para o aperfeiçoamento do Projeto nos próximos anos? Até então a gente não sabe

se vai ter um próximo *Grand Tour* (que seria o quarto) até por conta da restrição de deslocamento devido à pandemia. Mas se acontecer, o que você diria como sugestão para os organizadores?

ENTREVISTADO: É difícil falar porque no meu ponto de vista foi um grande *show*. Acho que esse ponto negativo que eu falei na pergunta anterior seria uma sugestão: a de ter uma pessoa que consiga ter todo mundo em mãos; ajudar a todos; estar disponível para todos; consiga escutar a todos e dar suporte, porque afinal o organizador é o responsável por todas aquelas pessoas, então a sugestão é melhorar aquele ponto negativo.

ENTREVISTADOR: Que seria entender mais os alunos e ver mais o que tá acontecendo... Mas você fala disso durante o evento?

ENTREVISTADO: Sim, mais durante o projeto, porque no pré-projeto tudo o que foi pensado, na minha opinião, foi excelente. Não consigo pensar em algo que deveria ter acontecido de outra forma. A ida, o retorno, os pontos de visita foram ótimos. Durante, como eu falei, tem que saber escutar mais, saber gerenciar melhor as pessoas pelas quais se é responsável.

ENTREVISTADOR: Então, tudo bem! Agraço sua participação nessa pesquisa!

DISCENTE D

ENTREVISTADOR: Para começar, eu gostaria que você me dissesse sua idade, formação, gênero e quais experiências profissionais já teve ou está tendo.

ENTREVISTADO(A): Oi, eu tenho 23 anos, sou do sexo feminino e estou no 6º/7º período do curso de Turismo. Em relação à empregos... na época do Grand Tour São Paulo, eu não trabalhava, mas na época do Grand Tour Fortaleza eu tinha começado meu primeiro estágio na educação como professora de Inglês. Eu comecei no curso. Na época do Grand Tour Fortaleza tinha duas semanas apenas que eu tinha começado e logo após eu fui só mudando de escolas, passei por algumas escolas em São Luís e atualmente estou trabalhando na minha área que é a companhia aérea.

Hoje eu trabalho como agente de aeroporto e comecei recentemente também, vai completar dois meses agora e atualmente, até então, é isso.

ENTREVISTADOR: No caso do curso de Turismo, quando você escolheu, você imaginava que você ia trabalhar como agente de aeroporto hoje em dia? Já tinha pensado? E com isso qual a sua opinião sobre as visitas técnicas?

ENTREVISTADO(A): Sim, antes de cursar Turismo eu cursava Administração, porque até então eu não tinha passado no Enem ainda. Mas meu objetivo sempre foi ser comissária de bordo. Logo após o Grand Tour São Paulo, nós fomos recebidos pelo Diretor de Marketing, na época Carlos Lima e eu ampliei a minha visão, tirei o foco de ser só Comissária de Bordo para Gestora de Aeroportos também. Na época, em 2018, eu tava no 3º período, na época do Grand Tour, então abriu mais o leque. Foi nossa primeira visita, porque eu tinha só o foco de Comissária de Bordo, até porque eu não tinha noção sobre Gestão Aeroportuária e logo após aquela visita abriu mais meu leque, então eu tenho foco de ser Comissária de Bordo ou Gestora Aeroportuária, né? É essa área: aeroportos, aviação...E acho que pra isso, é, as visitas servem, principalmente essas: do Grand Tour, sabe?

ENTREVISTADOR: Sim, as o que você pensa em relação à essa tua expansão? Qual tua percepção sobre as visitas técnicas nesse quesito?

ENTREVISTADO(A): Nossa, foi de extrema importância, porque antes eu não tinha outro foco, eu não tinha outra visão. O meu seguinte pensamento é “Eu vou fazer turismo, vou me formar e vou fazer um curso de comissária e é isso”. E aí eu pensava assim “*E se comissária não der certo? Eu vou fazer o que se eu gosto de aviação?*”. Como eu nunca conheci muitos aeroportos aqui no Brasil, o primeiro aeroporto que eu conheci, tirando o de São Luís, que fez com que eu me apaixonasse mais, foi o de Belém. Foi minha primeira viagem de avião, eu tinha 13 anos, já fui bem grandinha. São Luís - Belém, Belém - Manaus. E na época como foi época de Copa, 2014, o aeroporto de Manaus estava bem feio porque tava em reforma, então eu não tinha essa visão aeroportuária, “*Ah eu quero ser comissária de bordo*”. Logo após, que nós fomos para o Grand Tour e que eu vi aquele mundo que é o aeroporto de Guarulhos, que eu tive o primeiro contato sem ser o aeroporto que nós temos aqui - que é um aeroporto que acredito que o tamanho do aeroporto aqui é o tamanho de um portão do aeroporto em Guarulhos. Então, chegando lá, abriu a minha mente, me deu mais

opções, tirando aquela que é bem assim *“Ah, se eu não for Comissária eu vou fazer o quê?”*. Não é bem assim! Se eu não for comissária, eu posso ser uma Gestora de Aeroportos, tem vários aeroportos, vários no Brasil, no mundo inteiro, né? Eu nunca tive aquele foco de só ficar aqui, não tenho problema com isso. Onde tiver o emprego que eu quero, eu mudo. Eu não sou presa aqui. Então, abriu esse meu leque e me deu até hoje um conforto maior. Por que, assim, eu pensava *“Se eu não for comissária, eu vou ser o quê?”*. Nós sabemos que Turismólogo pode trabalhar em muitas áreas, mas áreas em si, sendo bem sincera, não chamam minha atenção, não tem o meu amor, a minha paixão como a aviação, como os aeroportos e a Gestão Aeroportuária tem. Então, essa visita lá foi de extrema importância, abriu meu leque e meu deu várias opções. Eu não posso trabalhar de avião, mas eu posso trabalhar aqui e tal. Ele levou a gente lá em muitas salas, né? Em uma eu ficava mais apaixonada que a outra, de saber dos bastidores, de saber que eu posso trabalhar nos bastidores ali da aviação. Esse é o mundo que eu me identifico, o mundo que eu gosto. Quando eu digo o mundo é a minha dança sem música, né? Uma dança coreografada. Hoje eu vejo isso de perto e eu acho lindo. É uma dança coreografada sem música, todo mundo faz ali, a atenção, como eu gosto. Eu gosto daquela adrenalina, de você não poder piscar, de não poder cometer um erro. O avião vai pousar: o que a gente tem que fazer antes do avião pousar? Certo, ele vai decolar: o que nós temos que fazer antes do avião decolar? E foi até agora, trabalhando como Agente de Aeroporto, chegou uma liberação recente da Infraero, já fui liberada pra subir. Então foi apenas muito importante pra eu conhecer também as funções que os comissários têm, que não é só aquela que o pessoal pensa que é só servir o cafézinho e água. Eu pude ver que é mais complexo, é mais detalhado também. Hoje eu só tenho essa visão pra Gestão Aeroportuária graças à essa primeira visita do Grand Tour, senão até hoje eu seria só aquela *“Vou ser comissária e pronto. Se não for comissária não dá pra ser outra coisa.”*.

ENTREVISTADOR: Então assim, se você pudesse resumir pra mim o começo do teu curso, quando tu tinha uma visão diferente pra agora... Tu acha que o Grand Tour teve um papel nisso, nessa mudança?

ENTREVISTADO(A): Nossa, completamente. Porque antes, assim, de certa forma, eu posso dizer que antes eu era 50% realizada apenas. Como eu falei anteriormente: fazer o curso, me formar e fazer o curso de comissária. Ou não. Fazer o curso, fazer

a pós em Gestão Aeroportuária e também fazer o curso de Comissária. Não sei qual vai ser primeiro, se vai ser um ou se vai ser outro. O leque abriu. Posso fazer mais pós, cursos que vão me deixar ali no meu sonho, entendeu? Dentro do meu sonho que é a aviação, entendeu? Foi de extrema importância. Tirou aquela visão limitada que eu tinha antes e hoje me deu mais uma visão ilimitada de várias outras funções que eu posso exercer, de vários outros empregos que eu posso ter. Então, foi de extrema importância.

ENTREVISTADOR: Então, vamos dar continuidade. No caso, ao longo da formação do teu curso de Turismo, você já tinha participado de outras visitas técnicas, fora o Grand Tour? Você já tinha participação de outras visitas técnicas?

Entrevistado(a): As visitas técnicas são de extrema importância para um acadêmico. Por que assim, como eu falei também, ela abre o leque, ela te leva para o bastidor e como que funciona o bastidor. Antes dessa viagem, nós só tínhamos feitos visitas técnicas até então em São Luís, que são de extrema importância também. Por que a visita técnica, quando nós vamos como clientes, como passageiros, como um visitante em um museu, no caso da hotelaria hospitalar quando nós vamos como um paciente, ou como clientes e nos hospedamos em um hotel é completamente diferente de quando a gente entra por exemplo na cozinha de um hotel, entra nos bastidores mesmo... Ela leva o aluno a ter duas visões. Como faz pra aquilo tudo funcionar? Tem os bastidores. Tem o pessoal que trabalha nos bastidores. Não é só ali o pessoal que recebe no museu. E dentro, quem organiza? Quais são os trâmites? Quais as papeladas necessárias? Então é de extrema importância porque ele tira aquela visão limitada que o aluno tem, que é só aquele que quando você chega tá ali. Pra você chegar até ali muita gente trabalhou pra chegar naquele ponto, naquela situação.

Eu lembro muito de uma visita em Fortaleza, no Hotel Crocobeach. Até então, já tinha ido em Fortaleza algumas vezes e não sabia que o Crocobeach tinha um hotel. Ele era bem recente na época, tinha só 3 anos na época. O professor Ruan, onde tinha a camareira, ele tirou as coisas e começou a mostrar. Em viagens que eu fiz, em hotéis que eu fiquei hospedada eu nunca tinha prestado atenção nisso. Levantou ali, até esqueci o nome, aquela coisa que fica embaixo do cobertor...

ENTREVISTADOR: O protetor de cama.

Isso! Tudo aquilo, como funciona, e a gente entrou lá dentro... e por aí vai. Então as visitas técnicas tem que continuar, e tem que ter mais visitas técnicas pra tirar aquela visão limitada. Principalmente uma aluna de 1º ou 2º período, que era o meu caso na época, chega. Que a gente só pode trabalhar ali no museu, só pode trabalhar naquilo... e não é bem assim. Essa visão limitada, ela vai acabando com um tempo, com as visitas técnicas, com os professores explicando e tudo, é muita coisa. Se essa visita técnica não tivesse acontecido, a probabilidade de eu ter uma visão limitada hoje de que eu só poderia ser comissária, eu provavelmente estaria com essa visão até hoje.

ENTREVISTADOR: Qual foi a tua motivação ou as motivações que te levaram a participar do Grand Tour?

ENTREVISTADO(A): Eu nunca tinha ido a São Paulo. Eu fui pro Canadá em 2016, fiz uma escala em Guarulhos no aeroporto, mas foi uma escala relativamente curta, foram só 4 horas. Então eu nunca tinha ido a São Paulo e fiquei bem curiosa. Quando o professor Ruan foi falar “*nós vamos pra tal lugar*”, eu fiquei bastante empolgada, curiosa pra conhecer. Até então ele nem tinha dito do aeroporto em si, que o diretor ia receber a gente lá e tal. Ele só falou de alguns lugares e alguns museus e eu fiquei curiosa pra ir, porque eu não conhecia São Paulo. Foi muito bom.

ENTREVISTADOR: Você acha que o projeto Grand Tour contribuiu pra tua formação?

ENTREVISTADO(A): Sem dúvidas, sim, contribuiu muito mesmo. Principalmente com a primeira visita, como eu falei. Tirou completamente minha visão limitada.

ENTREVISTADOR: Qual foi a primeira visita? Tu pode repetir?

Entrevistado(a): Foi ao aeroporto. Nós chegamos no aeroporto e o Diretor de Marketing Interno recebeu a gente. Ele nos levou nos bastidores, nos levou na sala de risco, toda aquela sala de controle e levou a gente em outros lugares lá.

ENTREVISTADOR: Dentre as atividades que você realizou no Grand Tour, eu queria que você me dissesse qual foi a mais relevante pra ti, o que tu achou importante não só pro pessoal mas também no profissional. Qual foi o local ou o personagem mais importante que você conheceu?

ENTREVISTADO(A): A de São Paulo, sem dúvidas, foi a primeira, o aeroporto. Nossa, sem essa visita provavelmente eu teria aquele pensamento limitado. Ver o

leque de opções que eu posso trabalhar dentro do aeroporto de Guarulhos, Brasília, quem sabe aqui daqui a uns anos, quando crescer, espero que sim, que agora foi privatizado. Supõe-se que quando privatiza melhora os aeroportos. A visita do aeroporto foi a mais marcante pra mim, a mais necessária, que mudou meu plano de carreira completamente.

A de Fortaleza... Fortaleza é uma cidade que eu me sinto muito em casa. Meu pai sempre trabalhou com representação, então desde criança nós sempre viajamos pra Fortaleza, porque Fortaleza é a capital de vendas, enfim. O lugar que eu sempre gostei em Fortaleza foi o Mercado Central e o professor Ruan conseguiu que o diretor do Mercado Central recebesse a gente. Ele nos recebeu na sala dele. Ele é um homem muito simples, nos mostrou como funciona o que ele tava fazendo pra melhoria daquele ponto. Por que até então nós fizemos o Grand Tour em São Paulo, mas o professor sempre falava, e nós tínhamos aquela visão, que o plano de Fortaleza seria o mais adequado pra São Luís por serem da mesma região e por serem cidades mais parecidas. Nós que estudamos relações sobre planejamento, seria mais fácil colocar o plano de Fortaleza em São Luís, do que o plano de São Paulo em São Luís. Então, ele explicou tudo muito detalhadamente como ele fazia com o Mercado Central em relação à gestão dele, era nítido a melhoria que ele proporcionou pra aquele lugar. Um ponto turístico antigo, bem antigo em Fortaleza, que tava investindo nas melhorias. Eu lembro sempre criança lá, correndo pelo Mercado Central... Eu posso dizer que foi uma das visitas mais marcantes, tanto no sentido profissional, como pessoal. Por que as visitas nos hotéis, nos bastidores da hotelaria, foram de extrema importância. Aprendi muita coisa que eu não tinha nem ideia pra falar a verdade. Mas a gestão, que é uma coisa que pulsa mais em mim, ele explicou de uma forma simples. Nós vivemos em um mundo político que é tudo tão complicado e ele mostrou que as coisas podem acontecer, as coisas podem ser feitas para a melhoria do turismo, da cidade e das pessoas. Por que ele tava melhorando aquele espaço pro turista, mas ele tava melhorando também para o vendedor, para o cearense, para o maranhense que tem uma banca. Então aquilo foi de extrema importância. Uma visita muito importante em Fortaleza foi essa, do diretor do Mercado Central.

ENTREVISTADOR: Você tocou num ponto agora super importante que é até sobre a próxima pergunta. Quais experiências do Grand Tour que você pode assemelhar com as disciplinas que tu viu no curso?

ENTREVISTADO(A): A de São Paulo casa muito com o Turismo Urbano. Eu fiz até essa cadeira de férias com o professor Ruan inclusive. Por que São Paulo é uma cidade mais urbana mesmo. Por exemplo, se você quer um turismo de praia você não vai para São Paulo, isso é óbvio. Mesmo em interiores, tem praias lindas, mas não é o foco. No caso de Fortaleza, as cadeiras de administração. Foi o que eu pude casar, mas foi o que eu associava com São Luís. O Turismo I e II que a professora Linda falava bastante de muitos pontos. E em algumas visitas técnicas aqui em São Luís, a cadeira de Patrimônio. E alguns pontos em Fortaleza também eu vi em Patrimônio. Em São Paulo eu caso atualmente com todas que eu já tive, mais Turismo Urbano e Gestão mesmo. Gestão geral que nós temos, é até o 1º período. Que eu lembre é só.

ENTREVISTADOR(A): Você acha que o Grand Tour consegue aproximar o aluno do mercado de trabalho?

ENTREVISTADO(A): Consegue, ele abre a visão do aluno. Nós vamos para os bastidores e aí nós temos o conhecimento da quantidade de funções diferentes. Então aquele que pensa em fazer só aquilo, ele pensa em fazer a opção A, B e C. Você entra com a opção A e B. Você conhecendo um bastidor, você fazendo uma visita, você passa a ter a opção A, B, C e D. Igual como nós fizemos as visitas nos hotéis lá em Fortaleza, certo... *“Ah, eu quero ser hoteleiro.”*, mas você pode ser um Maitre, você pode ser Chefe de departamento, você não precisa ser só o hoteleiro que fica ali. Você vê que tudo é departamentalizado, que você não precisa necessariamente trabalhar em um departamento, você pode trabalhar em 1, 2, 3 e 4. Então isso, é sem dúvidas, de extrema importância principalmente pra quem tá começando. e um dos focos que o professor Ruan sempre colocou pro pessoal do 1º, 2º período, porque realmente nós entramos no curso com uma visão limitada. Ele nos levando pra uma visita técnica dessas abre a mente do acadêmico que algumas vezes tá até desmotivado no curso, no meu ponto de vista muda completamente.

ENTREVISTADOR: Então você acha que o projeto de alguma maneira te influenciou à um novo caminho ou a aperfeiçoar o caminho que tu estava no curso?

ENTREVISTADO(A): Me influenciou e me influenciou a melhorar, a ter outros focos e até me motivou bastante, porque antes eu tinha um pensamento *“E se não der certo?”*.

ENTREVISTADOR: Em relação ao curso ou ao projeto?

ENTREVISTADO(A): Não, em relação à minha escolha profissional. Eu tinha esse receio porque eu entrei no curso com uma visão extremamente limitada. Eu entrei no curso exatamente com essa visão: eu vou me formar e fazer o curso de comissária, ponto final. Não tinha outra meta, outro foco. E aí eu tinha aquele pensamento *“E se não der certo? Eu vou ter que trabalhar no hospital? Que é uma área muito simples... Mas será que eu vou ter que trabalhar em área tal? Eu não quero trabalhar em área tal, eu não gosto de área tal...”*. Hoje eu não tenho esse pensamento.

ENTREVISTADOR: Então tu acha que isso apaziguou as situações pra ti? Te deixou mais tranquila?

ENTREVISTADO(A): Me acalmou de uma forma e me estimulou mais no curso, me estimulou muito. Por que eu ficava *“Eu vou ter cadeira tal, tal e tal pra uma área que eu não quero nem me ver pintada de ouro”*. Mas tem outras cadeiras que vai casar com isso aqui, entendeu? Igual aquele meme fala *“Eu vou escolher tal curso pra eu estudar só coisas que eu gosto. Eu conto ou você conta?”*, porque não é bem assim. Nós estudamos um pouco de tudo. As visitas técnicas do Grand Tour abriram o leque que mudou toda a minha carreira profissional e trouxe uma paz muito grande. De brinde ainda veio essa paz!

ENTREVISTADOR: A gente tá chegando no fim do questionário e eu tenho mais algumas perguntas pra te fazer. Agora é a tua opinião mesmo, tá? Se você pudesse destacar pra mim dois pontos positivos e dois pontos negativos, o que você poderia destacar pra mim? Fica à vontade pra falar se tiver mais.

ENTREVISTADO(A): Dois pontos negativos é de levar pra conhecer a realidade de outra cidade, de outro estado, aquela troca de culturas mesmo. Por que nós vivemos em um país multicultural e eu acredito que você deve estar vivenciando isso estando em outro estado. Então permite essa troca entre duas realidades diferentes. É muita informação, você tem que saber como captar todas as informações, até porque não tem nenhuma cidade perfeita, tem os pontos positivos e os pontos negativos e por aí vai.

Outro ponto positivo é que leva o aluno a ter uma experiência única que vai mudar toda tua vida profissional. Você tem a oportunidade - e não sou todos que tem - de conhecer os bastidores da sua futura profissão. E você para e pensa *“É isso mesmo que eu quero fazer?”* ou *“Se eu não fizer isso, olha a outra coisa que eu posso*

fazer.”. O Grand Tour ele pode mudar toda a tua carreira profissional, isso eu tiro por mim. Foi de extrema importância, foi um ponto muito positivo.

ENTREVISTADOR: Você acha que no caso, o Grand Tour poderia de alguma maneira ter feito pessoas que tinham essa dúvida não ter continuado no curso?

ENTREVISTADO(A): Eu acredito que não, apenas se você estivesse no curso por estar. *“Eu não passei pra o que eu queria, é isso aqui mesmo... trabalha com gente, não gosto, quero sair.”*. Mas eu sinto que foram atividades muito diferentes. Não era só... Fortaleza a gente só viu hotel ou São Paulo a gente só viu o aeroporto, não. Todo dia eram diversas atividades em áreas diversas, não tinha aquela coisa assim do *“Não é isso aqui que eu quero”*. Por exemplo, o aeroporto me encantou, mas com certeza teve gente que pensou *Aeroporto não é pra mim, eu gostei mas da Gestão do Museu, então eu vou ficar no Museu*. Isso é muito pessoal. Como é uma semana, são atividades diferentes todos os dias. Tem visitas em alguns lugares que eu pensei *“É, não me identifico com isso. Vou ficar no meu aeroporto mesmo, mas essa outra área X eu não me identifico”*. Então acho que não leva o aluno a abandonar.

ENTREVISTADOR(A): Tu acha que até os locais que tu foi, mas que tu não tinha como foco trabalhar, ou nunca pensou que iria, até isso te contribuiu em alguma coisa?

ENTREVISTADO(A): Sim, porque leva te leva a conhecer. Pode tirar uma visão que você tem, ou pode te dar uma nova, é essa a troca. Ou você se apaixona mais ou te dá certeza que aquela área X você não quer. Por exemplo, teve uma visita que chamou muito a minha atenção, porque aqui em São Luís nós não temos. Eu ouvi falar uma vez alguém comentando sobre a existência desses tipos de lugares, mas na minha cabeça isso era distante. Assim, era um asilo, só que não era aquele asilo que nós estamos acostumados a ver aqui no Maranhão. Era um prédio, era uma casa de repouso, como se fosse um condomínio normal. Viviam ali os idosos, eles tinham uma rotina, atividade física, tudo. Chamou muito a minha atenção, porque eu não conhecia. Por exemplo, caso a Gestão Aeroportuária não me encantasse, foi uma área que chamou minha atenção, que eu não tinha conhecimento. Eu digo *“Olha, eu posso trabalhar nisso aqui também!”* Eu não conhecia. Então, no meu ponto de vista, não leva o aluno a trancar o curso, a sair do curso, porque são várias atividades. É uma programação muito bem feita, não é o foco só pra uma coisa. Tem o foco nos bastidores, nós conhecemos os bastidores, visita técnica. Mas não é por exemplo,

apenas hotelaria, apenas museus, apenas aeroportos... todo dia é uma coisa diferente. Então, leva o aluno a abrir o leque dele, não abandonar o curso.

ENTREVISTADOR: Então, pra gente encerrar o questionário. Você não chegou a mencionar os dois pontos negativos, aí se quiser mencionar agora, pode mencionar, tá? Se tiver também. Quais são as sugestões que tu daria pro projeto, para as próximas e futuras edições que a gente espera que tenha, o que tu poderia destacar para gente, que nas duas vezes, como uma veterana que foi em duas edições, o que tu poderia dizer que teria que mudar para poder melhorar o projeto?

ENTREVISTADO(A): A programação em si eu acho muito boa. O professor monta com vários pontos. Mas eu acho que o que poderia ser feito: nós vamos pra cidade tal, vamos 10 alunos, uma reunião com esses 10 alunos que vão para destacar alguns pontos pros alunos participarem mais da escolha do cronograma. As quinze pessoas já foram selecionadas? Faz uma reunião com essas quinze pessoas. É o seguinte: a cidade é Aracaju, então procurem programação, pontos, lugares, coisas que nós podemos conhecer em Aracaju. E aí todo mundo senta, monta aquela programação, claro, se for possível, né? Monta todo mundo junto pra fazer aquela construção mesmo, sobre aquela troca, tudinho. Todo mundo tem uma participação geral. É o que eu acredito que eu esteja pensando agora, seria só isso minha sugestão.

ENTREVISTADOR: Bom, caso precise mandar alguma coisa pra mim a gente pode depois mandar por e-mail que aí eu posso dar como meio oficial tipo “*A entrevistada a achou que tá deveria contribuir com as ideias*”. Manda o e-mail, se precisar. Só não pode no WhatsApp. Manda no e-mail, tá bom? Aí eu consigo pegar. Bom, tem mais alguma coisa para falar? Quer falar mais alguma coisa?

ENTREVISTADO(A): Eu acho que o que eu gosto muito e que tem que continuar não privando os outros alunos, mas sempre focar o Grand Tour pro pessoal que tá começando 1º, 2º e 3º período, porque é um período que é tudo ali muito novo. Tá conhecendo tudo e tem gente que entra só por entrar, porque foi “*o que passou*” e aí leva a se apaixonar de uma forma diferente, a olhar de uma forma diferente, o que eu acho que faz toda a diferença. O impacto em uma carreira futura, por exemplo. Não tirando a vaga dos alunos veteranos, mas sempre mantendo o foco mesmo nos calouros, pra dar aquele sacode, aquela recarga, “*Bora lá, vocês podem fazer isso, isso e isso.*”.

ENTREVISTADOR: Agradeço pelo teu tempo. Eu vou parar de gravar agora, tá? Vou parar aqui. Obrigado.

DISCENTE E

ENTREVISTADOR: Eu queria que você me dissesse se for possível a tua idade, formação, se você já tem formação, se está fazendo alguma, como é que está sendo. Gênero, experiência profissional, qual está tendo, pode ser qualquer ordem, se foi antes, depois do Grand Tour.

ESTREVISTADO: Eu tenho 36, sou graduado já em comunicação e relações públicas pela UFMA, meu gênero é masculino, meu pronome é ele/dele, eu trabalhei, toda a minha graduação de comunicação, são quatro anos isso... aí foram seis anos basicamente durante a minha inteira eu trabalhei lá na UFMA, entrei na assessoria de comunicação, porque uma das minhas professoras ela é a primeira professora de relações públicas, concursada, da UFMA, e aí, eu tinha acabado de ficar desempregado eu trabalhava na Caixa Econômica, na época como terceirizado. Eu estava sem fazer nada, como essa professora comentou, que tinha passado e estava sem ninguém, era só ela, e aí eu me ofereci pra trabalhar com ela. Aí ela não, mas eu não tenho no bolsa. Eu disse não, eu vou sem bolsa mesmo. É só pra ter alguma vivência e tudo. E nessa isso eu estava no segundo período e nessa eu fui até terminar. A gente passou por vários setores. Depois que foi criada uma divisão de relações públicas, dentro da assessoria de comunicação, depois essa divisão de relações públicas virou um órgão separado né? Virou núcleos de relações públicas e cerimonial tá? E nisso foi cinco anos lá. Depois disso, fui trabalhar numa empresa como assessor de relações públicas, a gente tinha vários clientes, só que por lá eu fiquei pouco tempo, porque ele era um ambiente de trabalho totalmente insalubre. Tem outras questões. E depois eu fui pra outra empresa, que essa eu trabalhava com organização de eventos basicamente. Ela era a empresa que ganhava. Fazendo mais a parte que mexia com estrutura e não mexia com cerimonial. Passei dois anos nisso, depois eu fui para u estúdio de fotografia, passei dois anos com ela com essa com a fotógrafa que tinha no estúdio, e depois desses dois anos, eu fui e abri o meu próprio estúdio de fotografia. Passei mais três anos mais ou menos com isso e aí foi quando

entrei pra passei de novo na UFMA, no Enem, né? Pra fazer turismo, foi uma coisa que eu sempre quis fazer, e foi quando eu me toquei que eu tinha tempo agora pra fazer um curso de turismo, porque eu basicamente trabalhava só lá na semana, na noite e tal fotógrafo e aí passei e fui pra pro curso de turismo e aí depois, no curso de turismo, foi quando a gente foi pra fábrica e teve vez que toda Santa Broca na minha vida, né? Eu passei aí um ano lá na fábrica, nesse meio tempo, ainda consegui uma cantina de uma outra faculdade. Então ficou Fabrica e Ana Neri, e muito por causa dela o da Fábrica fechou. Por que a da Ana Neri, estava me dando sei lá, cinquenta vezes mais dinheiro, que a fábrica, e também foi o que começou a aparecer mais pessoas vendendo coisas ali na Fábrica, e aí, muita coisa acabou quando eu fechei lá, eu saí de lá a gente foi, eu gostava de trabalhar com comida. Então foi importante que eu estava casado, né? Já estava casado a gente saiu da UFMA e virou uma pizzeria. Tem mais dois anos que só a pizzeria, meu marido era meu sócio, a gente separou, acabou. a pizzeria. Agora o que que eu estou fazendo agora? Agora e eu estou voltei pra UFMA, E é isso. Basicamente emprego assim de ocupações nesse tempo todos foi essa

ENTREVISTADOR: Agora vamos, vamos as partes específicas, né? É, vamos pra primeira parte do questionário. E aí a pergunta é, pra você qual a importância das visitas técnicas pro discente de turismo?

ENTREVISTADO: Ah, cara, eu acho que é muito bom. Às vezes, você tem uma visão quando você está na sala de aula a teoria ela te passa uma visão de o que tem que ser feito, qual é o certo e quando você faz uma visita técnica e porque que uma visita técnica? Às vezes a gente também vê só o lado bom das coisas, né? Você consegue perceber algumas coisas. Eu lembro que uma vez a gente fez uma visita técnica num hotel aqui em São Luís um desses. De luxo daqui de São Luís e quando você passava na área que era só dos funcionários gente era um negócio assim, tenebroso, sabe? E teria todo luxo na parte dos hóspedes e quando você vai ali... foi a parte que era dos funcionários era um negócio sabe era tudo escuro cheio de mofo. Eu fiquei de cara, eu acho que é bom pra gente ter essa visão, vendo de fato as coisas na vida real, né. A gente sabe que a academia é uma coisa, o real, geralmente, são cores bem diferentes.

ENTREVISTADOR: Durante a tua graduação em turismo? Você teve algumas visitas técnicas?

ENTREVISTADO: Tive!

ENTREVISTADOR: Teve né, Você consegue traçar um paralelo do que que diferenciava essas visitas técnicas do Grand Tour?

ENTREVISTADO: Eu acho que não teve.

ENTREVISTADOR: Nesse caso então, por exemplo, você acha que mesmo tendo sido em outro estado mesmo assim?

ENTREVISTADO: Não teve muita diferença não. Tem diferença digamos que não na palavra, mas na ideologia. Digamos, em relação, a tipo estruturais obviamente são completamente diferentes, né? São Paulo: o que a gente fez lá no SENAC São Paulo fiquei chocado, sabe? Assim, com o SENAC com os quartos de hotel pros meninos praticar, a diferença é nesse quesito, né? De porte das coisas, de características e tal, mas eu acho que na teoria assim, né? Sabe? No conceito, elas foram iguais por isso. Aqui a gente visitou. Lá a gente fez visita entendeu? Eu te falo que foram iguais, mas ideologicamente não é falada outra nesse sentido sabe?

ENTREVISTADOR: No caso então você pegaria só mesmo na questão da variedade do Grand Tour? Da programação, por exemplo a diferença é que lá são por exemplo quatrocentos quartos num hotel e aqui em São Luís são cento e oitenta, seria a magnitude?

ENTREVISTADO: É isso mesmo! Porque tipo o Ibis é um exemplo. A gente ia, foi naquele que você trabalha, ele era temático, saca? O Styles. Que a gente não tem aqui. É realmente comparar a realidade, né? É tipo assim sabe aquele medo de início de um sonho e deu tudo certo? É mais ou menos isso São Luís é tipo assim como se tu tivesse no início do sonho ainda e o que a gente viu, quando foi pra São Paulo era o “tudo dando certo”. Mais ou menos isso. É isso mesmo. É perfeito.

ENTREVISTADOR: Em relação ao Grand Tour que foi o que te motivou a ir?

ENTREVISTADO: Eu sou uma pessoa que eu gosto muito de bastidores de cerimonial, mas eu não, por exemplo, eu sempre gostei de ficar lá, organizando e resolvendo essa parte das coisas bastidores e foi questão de assim indo pra lá e fazendo as visitas técnicas que estavam programadas, a gente ia conhecer não só a parte de assuntos, mas todo mundo. a gente aguenta realmente o bastidor da coisa. É, como é que funcionava de fato e tal, mas assim além de conhecer como funciona é como funciona um da vida. Sabe? Por exemplo. Como funciona bem aqui e uma clínica da família. Sabe? É realmente o que me chamou a pessoa foi conhecer por. Essas coisas que são coisas que a gente não vai ter aqui também durante um bom tempo sabe? Mesmo assim, claro, mas porque a gente tem uma cidade menor então a gente nunca vai ter um provavelmente. Me motivou muito pra isso, mas foi essa parte assim de bastidores das coisas e dessa vez só fala do nível muito maior de tamanho de tudo.

ENTREVISTADOR: É, no caso o projeto, ele contribuiu com a tua formação em turismo de alguma maneira assim enquanto você está cursando enquanto você está no curso ainda né?

ENTREVISTADO: Eu acho que sim assim, talvez não tenha contribuído tanto quanto as outras pessoas porque assim por exemplo São Paulo é um lugar que eu já ia muito. Nessa época ele era quase um morador de São Paulo então eu ia tipo cinco seis vezes no ano pra São Paulo, então assim, muito do que a maioria das pessoas viram que foi nele, que nunca tinha ido pra São Paulo eu já vi, né. Então assim, você que nunca saiu de São Luís, foi diferente. Mas eu acho que assim, falando de turismo especificamente eu acho que pra mim não foi tão novidade mais por isso entendeu? Porque já era um negócio que eu estava mais acostumado. Talvez se fosse outra cidade... mais ainda, sabe? Saí de Guarulhos lá pro centro da cidade de. a gente vai aprendendo, talvez não tanto por isso agora sim eu acho que a gente poderia por exemplo ter é uma cadeira de de agenciamento. Eu acho que na época poderia ter feito, sei lá, a parceria com quem estava dando até disciplina pra ir, sabe? Mostrar pros meninos como sobretudo aquela construção, né, até que se tivesse sido feito isso talvez não tivesse acontecido aquilo tudo lá da confusão. Tive que ir por fora pra ir

porque não sei o quê. E na hora eles não foram eu me tomei no cara tive que comprar outra passagem pra poder. Isso que eu queria muito, entendeu? A minha passagem comprei por fora, não consegui remarcar, eu tive que comprar outra. Nessa situação eu fui pra São Paulo duas semanas seguidas, entendeu? Por quinze dias. Eu acho que podia ter aproveitado mais pra isso. Foi um negócio muito assim.

ENTREVISTADOR: E se você pudesse me destacar em uma dessas, visitas técnicas, umas atividades que vocês fizeram, lazer, por exemplo, o que foi o que mais chamou atenção?

ENTREVISTADO: Ah, eu acho tipo essa visita técnica do SENAC foi um negócio que me marcou muito. Não é qualquer SENAC, é diferente... assim do SENAC daqui. Né? Que eu já tinha feito alguns cursos no SENAC daqui e a gente foi praquela SENAC lá, cara, sabe a estrutura do negócio eu lembro que a gente passou por uma das cozinhas lá a estrutura é de diferente. Cara, terminei o curso. Então assim, eu não imaginei que teriam quartos montados, para as pessoas treinarem e aprenderem as coisas, entendeu? Então qual o objetivo que eu digo, sabe assim, é de te mostrar cara. E assim, é a mesma instituição que você tem aqui. Mas por que você não tem aquele nível de infraestrutura? Então assim, isso me chamou muito a atenção, muito. E isso é o asilo, né? Na verdade, que é instituição de longa permanência que eu não me lembro o nome agora que a gente foi também... O Cora. É, aqui eu achei muito legal. Até porque assim, eu estava, numa disciplina de hotelaria eu ia falar, ia apresentar o seminário sobre o Cora. Então, cara eu achei muito bom. Aqui a gente não pensa isso. Costume de larga o pai e a mãe no negócio, sabe? Não, aqui a gente traz algum pra tratar em casa. Traz ele pra nossa. A gente não pensa essa cultura de instituições de longa permanência para idosos. Então assim, ela fez aqui. Entendeu? Achei muito. Eu estava com umas coisas eu senti foi muito. Diferente, né?

ENTREVISTADOR: E, na tua opinião assim, teve alguma experiência no Grand Tour que você consegue assemelhar com uma disciplina que você teve?

ENTREVISTADO: A gente teve a disciplina de hospedagem e alimentação? Acho que a cadeira é hospedagem e alimentação. É, alguma coisa assim que ele dá. É a maior ela é de setenta e cinco horas se eu não me engano ela é maior do que as outras. É,

então assim muita coisa que a gente viu lá e pelas palavras a gente também já tinha visto nessa disciplina. A visita juntou a teoria com a prática da coisa. Tinha outra que eu fiz por hotelaria. Agora eu não vou lembrar de jeito nenhum. Mas era Marco Aurélio que estava essa disciplina, Alimentos 1.

ENTREVISTADOR: Estamos chegando já na última parte do questionário tá? Te perguntar agora, tua opinião o projeto ele influenciou de alguma. Na tua carreira profissional?

ENTREVISTADO: Influenciou porque primeiro porque você tem uma alta vivência nesse sentido disso. Para eu realmente trabalhar nessa área eu não queria ficar em São Luís, tá? Eu tive que ir pra fora. Não ficaria assim, mas assim também me ensinou olhar pra outras áreas que a gente não pode no turismo que a gente não vê muito. Sabe, tipo assim hotelaria hospitalar, está lá. Nunca vi, tá? Tipo o Einsten... A gente foi onde funciona, como o negócio daquele tamanho funciona, sabe? Abre o teu olhar.

ENTREVISTADOR: E agora na última parte do questionário, te perguntar se você pudesse me destacar dois pontos positivos dois pontos negativos pode ser quanto você quiser tá?

ENTREVISTADO: Eu acho que os locais que a gente foi visitar. Foram muito bem escolhidos por exemplo, né? A gente foi naquele que é um hotel de rede que tem um aqui em São Luís diferente. É, a gente foi no Sambódromo. É, sabe que é o seguinte, os locais foram muito bem pensados pra dar uma variedade grande de coisas né? Da área que a gente pode trabalhar e tudo e tal. Um outro ponto positivo foi a cidade. E, São Paulo é São Paulo, a gente não tem que o que esperar, acho que no Rio a gente teria também uma experiência boa, apesar que eu prefiro São Paulo, mas o Rio a gente talvez tivesse mais contato com coisas, apesar que eu tenha assim, eu penso naquelas três mil pessoas ao teu redor falando milhões de línguas diferentes, entendeu? Que eu acho que teria sido muito legal pros meninos. Um ponto negativo digo que não foi deixar as pessoas livres também, pra elas conhecerem um pouco não só elas na parte tão formal da viagem, deixar as pessoas livres pra fazerem alguma coisa, né? Com um mínimo de responsabilidade aqui enfim apesar que ali era todo mundo maior de idade, mas acho que esse foi um ponto negativo e acho também que

com negativos, eu acho que poderiam ter como tinha teoricamente essa emissão das passagens era isso então acho que poderiam ter incluído isso meninos de turismo sabe assim, alguém eu tivesse fazendo agenciamento. Também mostrar pra eles um pouco da prática da coisa. Né?

ENTREVISTADOR: Entendi. Pra concluir então me diz o que que você pode sugerir para as próximas futuras

ENTREVISTADO: Visitar outros locais, né. Que você tenha uma pegada, uma viagem internacional, né. Mas claro talvez não fosse pra agora, mas Nova Iorque né? Gramado eu não acho ruim de jeito nenhum, eu iria com certeza. Mas assim eu acho que é isso e talvez tentar essa parte de agenciamento também porque não pegou lega e eu me interessei, entendeu? Por isso que pra mim seja tão marcante isso porque é uma área que realmente me interessa. Essa parte de agências e tal. Tanto que essa gente estava super perdido. Eu lembro de um monte de gente perguntando. E agora como é que eu acho a passagem? Não sei o que de reserva. E aí foi aquela confusão, mas eu acho que podia ter envolvido os meninos mais nessa parte pra eles verem como é sabe.

DISCENTE F

ENTREVISTADOR: Pra começar, qual é a tua formação? Qual o teu gênero? Experiência profissional e cargos e funções que você tenha tido experiências ou que você ainda tem dentro das experiências profissionais.

ENTREVISTADO: Bem, eu tenho vinte e sete anos, formei em Hotelaria mas antes disso eu sou formada em design de produtos, então eu sou designer de produtos. Estou concluindo agora também duas graduações uma é em administração e a outra é em gestão financeira um é pela faculdade Pitágoras e outra, atualmente, eu estou como sócia, não estava trabalhando até então, aí eu e a minha irmã abrimos uma, era na verdade uma startup só que a gente está transformando-a. Porque a gente viu que pra ser escalável estava um pouquinho bem complicado pra ser sincera e aí a gente está transformando agora em microempresa.. Isso eu também já como facilitadora. É

em grupos de treinamentos e fiz outras coisinhas também durante esse tempo. Mas atualmente eu estou trabalhando mais com essa com essa microempresa. Eu não cheguei a trabalhar com nada relacionado a hotelaria assim hotel restaurante. eu fui pra uma linha um pouquinho mais diferente porque dentro da hotelaria eu percebi que eu gostava de outras de outras áreas então eu comecei a me aprofundar em outras áreas, e dentro da hotelaria eu aprendi a gostar de por exemplo de uma área que é a de gestão de pessoas também a questão da administração e aí eu vi que na hotelaria a gente não focava tanto, por exemplo na questão financeira uma coisa que eu sempre quis aprender e o que a gente tinha nos últimos períodos e não aprofundava, então já na administração tinha mais, posso dizer assim a gente conseguia enxergar coisas outras áreas que na hotelaria não focava tanto e até mesmo porque é uma realidade né? Se a gente for. no mercado hoteleiro, as pessoas que estão ali administrando um hotel por exemplo é a maioria não é hoteleiro, a maioria é administrador ou exerce alguma outra reformada em alguma outra coisa e quando são... Então com a administração acho que o leque aumentava. Então foi quando eu decidi fazer administração. E dentro da administração também, eu que era uma dificuldade que eu tinha e uma coisa também que eu queria aprender é a gestão financeira. Sim. E aí agora eu estou fazendo gestão financeira também pra e poder complementar essa dificuldade que eu tinha e que eu queria também aprender pra poder eu quero ser uma líder eu falo muito isso, “eu quero ser uma líder” e eu pretendo ter um pouquinho de conhecimento em cada em cada área pra que eu possa administrar a minha equipe de uma melhor maneira.

ENTREVISTADOR: Entendo. Ah você falou e acho que faltou gênero...

ENTREVISTADO: É feminino.

ENTREVISTADOR: Ah, sim, adiante, então qual sua opinião sobre a importância da visita técnica pro aprendizado dos discentes?

ENTREVISTADO: Bom, a visita técnica eu acho que é fundamental pra que a gente possa ter mais de conhecimento sobre o curso e a área que a gente quer seguir. Porque a gente vê acontecendo ali na prática, o exercício da. Profissão ter contato

com profissionais é ver um pouquinho do dia a dia daquele profissional, então é fundamental hoje assim como algo realmente necessário pro aluno.

ENTREVISTADO: Entendo, ah, e ao longo da tua formação você já tinha participado de outras visitas dentro do curso de hotelaria? Dentro do curso de hotelaria sim já... Já tinha participado de algumas visitas técnicas, mas no caso só aqui mesmo em São Luís. Pra fora foi só pelo projeto Grand Tour mesmo.

ENTREVISTADOR: Entendo. Ah, na sua opinião essas visitas técnicas qual é o em relação a elas? Qual seria o diferencial do Grand Tour?

ENTREVISTADO: Ah, o Grand tour possibilitou a gente ver a realidade em outros estados. Eu acho que isso daí é um lance sabe? A gente ter contato com a hotelaria de fora. A área de hotelaria. Em outros estados. Porque quando a gente fala em São Luís essa é uma visão que eu tenho. Quando a gente fala em São Luís a gente vê “ah, não é tão valorizado”. Mas como é que é a realidade em outros lugares? Então, é até mesmo a questão de abrir as ideias, outras possibilidades também de mercado por exemplo. Digamos que lá em São Paulo tenha um outro empreendimento que a gente poderia colocar e crescer dentro da hotelaria e aqui em São Luís não tem então é interessante por conta disso. A gente ter acesso a outras realidades.

ENTREVISTADOR: Perfeito! E sobre a tua motivação qual foi a motivação ou as motivações que te levaram a participar do Grand Tour. Né?

ENTREVISTADO: Então assim o que foi que me fez realmente a querer participar do projeto? Bem, primeiramente o que eu gosto muito: de viajar, gosto de conhecer lugares diferentes e a questão de você estar viajando com um grupo de alunos e também a questão de ter os professores e ter no caso as visitas já pré-estabelecidas... eu vi como uma oportunidade de aprender de ter outros conhecimentos porque a gente está ali tá se divertindo também, mas também tem a questão conhecimento técnico. E é muito interessante por conta disso a gente ter um. De ter a vivência ali por mais que a gente gaste um pouquinho, mas eu acho com uma oportunidade assim gigantesca da gente ter essa experiência de conhecer outros lugares, outros empreendimentos e acho isso muito massa.

ENTREVISTADOR: Sim. Ah, de que forma o projeto Grand Tour contribuiu com a tua formação?

ENTREVISTADO: Bem, com a minha formação, eu gosto muito de conhecer lugares diferentes e como eu trabalho na área administrativa muita questão de projetos administrativos pra mim, abriu a minha mente pra outras ideias. Porque por exemplo a gente via coisas que aqui em São Luís não tinha. Hum. Essa pegada do empreendedorismo por exemplo que coisas que tinham em São Paulo que aqui não tinha coisas que tinham em Fortaleza e aqui em São Luís não tinha a maneira. Os profissionais falavam às vezes, líderes que estavam ali nos guiando a as visitas então sempre soltavam ideias coisas que a gente é que no meu do meu ponto de vista poderia estar aplicando no meu empreendimento. Às vezes é uma forma de se organizar que um líder lá falava ou então que eu pude observar e aí eu pude pra dentro da minha realidade como empreendedora.

ENTREVISTADOR: Sim. Ah então você acredita que ela teve que o Grand Tool teve uma contribuição com a tua carreira profissional?

ENTREVISTADO: Sim, com certeza e falando por exemplo em hotelaria no caso do curso de hotelaria você consegue identificar nos colegas uma contribuição muito específica devido ao Grand Tour. Pude trazer pra dentro da minha área, né? No caso que eu estou trabalhando atualmente. Ideias que. Em outros lugares e que aqui por exemplo eu não enxergava. Então às vezes era uma maneira é como um líder falava eh as vezes a que está a questão do planejamento da. Do ambiente que a gente visitou então eu pude trazer isso pra dentro da área que eu estou trabalhando atualmente. Então sem dúvidas as visitas contribuíram sim.

ENTREVISTADOR: Dentre as visitas que ocorreram no Grand Tour qual foi que você consegue destacar como mais relevante?

ENTREVISTADO: Teve uma aqui foi marcante pra mim foi a visita que ela te fez em São Paulo, no aeroporto de Guarulhos. E aquela questão de como eles planejavam por exemplo acontecer um incidente. Como é que eles se resolviam aí bom como é que eles planejavam por exemplo, então pra mim de todas as visitas que a gente fez

dessa forma que marcou muito, por exemplo o caso de um atentado terrorista. Quem são as pessoas? Como é que é organizado? Então aquele a história do planejamento da organização ali pra mim foi muito marcante..., mas essa daí pra mim foi a mais relevante.

ENTREVISTADOR: E dentre as experiências então que tu teve no Grand Tour qual foi a experiência que tu consegue assemelhar, casar com as disciplinas cursadas no curso de hotelaria?

ENTREVISTADO: Bora lá. Essa do aeroporto. Eu acho que o planejamento, planejamento até porque eu não sei se eu vou confundir com administração porque ao mesmo tempo. Talvez eu confunda. IN Tem uma disciplina que eu acredito que seja planejamento estratégico... não sei se tem na hotelaria. Não tem. Mas eu que acreditava que tinha era alguma coisa com planejamento. Mas eu acredito que essa daí nem aquela de planejamento de meios de hospedagem, né? As visitas nos hotéis que a gente fez e também no restaurante no caso tanto a questão do alimento, né isso? Tem alimento do leite é a questão do restaurante, né? Um restaurante tem planejamento e meio. Pedágio, alguma coisa do tipo. Sim, tem, você tem também? Deixa eu ver outra, quando fez a visita lá no Hospital a gente também tem tudo a ver com a questão da disciplina de hotelaria hospitalar, né? Então aquele a organização do hospital é de como eles pensam alguns pacientes eu vi muito isso eu lembrava muito da disciplina de colega. O realmente na prática. Dos hotéis. Eh em restaurantes também como é que funcionaram a parte da questão do salame, de tudo, tudo, tudo isso daí a gente pretende fazer associação.

ENTREVISTADO: Entendo, perfeito. Ah, na tua opinião o projeto Grand Tour ele consegue aproximar o discente do mercado de trabalho?

ENTREVISTADO: Ah, com certeza. Com certeza porque a gente está tendo ali a experiência, a vivência, a gente pode conversar com profissionais da área. É, pegar o contato. Por exemplo daquele profissional depois eu por exemplo fiz muito isso com uma coisa assim ele a gente se adicionou no *Instagram* e no *Linkedin* então ela já dá pra acompanhar o que ele faz às vezes nos hotéis eh eu acompanho também o que ele comenta então essa questão do network também colabora sim com certeza.

ENTREVISTADOR: Na tua opinião o projeto Grand Tour te influenciou de alguma forma na tua carreira profissional?

ENTREVISTADO: Olha, eu vou dizer que não porque eu sigo uma área que eu mudei assim foram situações outras experiências e aí eu fui gostando de outras áreas mas não foi por conta do Grand Tour. Olha dentro do Grand Tour assim eu gosto de muitas coisas, então eu fui mais pra conhecer. Pra conhecer, ter experiência de outros lugares, conhecer outros empreendimentos porque eu como como aluna eu queria ter essa oportunidade de estar experimentando. Eu queria experimentar um pouquinho de cada coisa no período em que eu estava como estudante do curso. Então todas as oportunidades que eu pudesse abraçar eu abraçava não tinha eu vou porque eu quero e conhecer a área de porque eu quero trabalhar na área de hotelaria, hotéis. Ou quero trabalhar na área de restaurante... tinha muito, não era uma coisa fixa eu queria experimentar então acredito que com o Grand Tour com as visitas técnicas né isso daí seria mais fácil pra mim porque aí no caso. Os profissionais ali tinham um ambiente e eu pude estar aprendendo um pouquinho mais do dia a dia daquelas pessoas.

ENTREVISTADOR: Então, mas você consegue me destacar dois pontos positivos e dois pontos negativos do pode ser só um tá?

ENTREVISTADO: O network é um ponto positivo. Que a gente consegue depois, a questão da visibilidade do curso porque querendo ou não a gente tem uma boa visibilidade pro curso de hotelaria e turismo. E outros pontos positivos é a questão da gente pode experimentar e ter a vivência da hotelaria em outros lugares porque a gente só conheceu uma realidade no caso em São Luís e aí a gente está tendo a experiência de conhecer de outros estados então pra mim isso é uma coisa muito muito positiva até mesmo. a gente ampliar as ideias pontos negativos eu acredito que seja só a questão mesmo de nem todos os alunos poderem participar, questão de financeiro e a gente viu que assim quando eu fazia visitas técnicas fora a UFMA que eu era do instituto do Instituto Federal né? O Instituto Federal dava uma ajuda de custo. Então já pra uma coisa mais difícil de acontecer. Então acredito que tinham alunos que queriam participar e aí não puderam participar mesmo por conta de questão financeira... Outra coisa também acho que o tempo assim nas duas edições que a gente que a gente foi. O tempo de o tempo que foi feito o Grand Tour, a duração

do Grand Tour. Da programação porque a gente viajou por exemplo de segunda e chegava na sexta-feira e tinham lugares que por exemplo São Paulo a gente queria conhecer São Paulo o que em São Paulo, sábado e domingo por exemplo. Eu nunca tinha ido pra São Paulo então eu queria muito ter essa vivência sabe? Então acho que a questão do tempo mesmo isto devia ser. dias, uma semana certinha pra gente poder conhecer outras coisas também. Porque uma semana foram cinco dias na verdade. Achei um tempo muito pouco pra gente conhecer.

ENTREVISTADOR: Entendo. Bom, e pra encerrar o questionário eu vou te fazer uma pergunta que quais sugestões você daria para o projeto?

ENTREVISTADO: Por exemplo. Eu acho que um planejamento maior, sabe Isaque? Porque vamos planejar uma viagem pra gente conhecer só que quando eles falavam isso geralmente tinham um período de dois meses, três meses sabe? Se fosse talvez já alguma coisa planejada já anualmente acho que seria. Mais fácil de outras pessoas participarem porque já era uma coisa mais certa. Também não sei se isso pode acontecer né porque as coisas mudam muito essa questão da pandemia. Por exemplo foi um uma questão acho que atrapalhou muita coisa... então se fosse uma coisa mais fixa tipo a gente sempre vai fazer isso então os alunos que quiserem estão já vão juntando dinheiro. E organizando as coisas porque no IFMA é uma coisa uma comparação que que eu faço quando eu tinha isso então eu já sabia que era um evento. Se deixar em cima da hora e as pessoas também não têm como. Porque geralmente a gente tinha que dar uma porcentagem, né? Pra poder assegurar. Já não tinha eu não tinha como participar. É, eu, assim, a questão da comparação entre o de São Paulo e a viagem de Fortaleza Eu percebi que a viagem de São Paulo acredito também porque isso foi a primeira né? Foi muito corrido. Então teve coisas que a gente não fez. Teve uma visita que precisou ser cancelada. Que eu acho que estavam muito exaustos de estar correndo porque lá de São Paulo a gente andou muito, né? Andou muito, muita gente se sentiu mal. Não pôde participar de algumas visitas. Então foi uma correria muito grande. Foi uma correria muito grande. Muita gente não aguentou. Se sentiu mal. Sim. Já de Fortaleza a gente pode até. Mais. Questão mesmo de logística. De uma viagem pra outra foi questionando o planejamento das dessas visitas. Mas é isso, só cansamos demais. Acho que eu falei tudo.

DOCENTE A:

ENTREVISTADOR: Para início de conversa, poderia informar sua idade, gênero, experiências profissionais como cargos e/ou funções, disciplinas que já ministrou nos cursos de turismo e hotelaria?

ENTREVISTADO(A): tenho 39 anos, meu gênero é feminino e sou professora na Universidade Federal do Maranhão. Sou formada em Hotelaria pela Universidade Federal do Maranhão e em Administração pela Universidade Estadual do Maranhão. Fiz um curso de especialização também na UFMA, em Metodologia do Ensino Superior. Depois, fiz Mestrado e Doutorado na USP em Administração, com Doutorado na Universidade da Flórida. Basicamente a minha experiência profissional dentro da Hospitalidade é mais acadêmica. Eu não ocupei muito espaço no mercado, foram mais estágios. Durante minha época de graduação eu fiz vários estágios, inclusive estágios voluntários com intuito de aprender. Passei pelo Calhau Praia Hotel, que é um hotel aqui de São Luís. Passei pelo Sofitel, na época o então Sofitel. Passei por todas as áreas, com ênfase mais na parte de recepção. Academicamente, minha maior experiência foi na UFMA, já fui coordenadora do curso de especialização lá do nosso departamento, que foi de Gestão em Marketing em Hospitalidade. Foi um projeto que eu criei e coordenei. Já ocupei cargo de coordenação da graduação, mas como substituta, não ocupei por muito tempo. Só essa da coordenação da pós, da especialização que foram quase 2 anos. Tenho atualmente um grupo de pesquisa que é em Estratégia em Marketing em Hospitalidade e Turismo. É um grupo vinculado ao CNPq, onde a gente desenvolve atividades de pesquisa. Totalmente formalizada institucionalmente, já tive duas orientações de iniciação científica no PIBIC. Já participei de projetos de extensão como professora voluntária. Tem outras atividades que eu já desenvolvi, como por exemplo, a organização da Semana do Hoteleiro, em especial da atividade de Resolução de Casos em Hotelaria que é uma parte do evento que eu criei. Teve algumas adições, teve umas 6 adições que a gente fez a competição de casos. Basicamente é isso.

ENTREVISTADOR: Sobre essa pequena parte que a senhora falou no final, como é que funcionava? Como funcionam os casos?

ENTREVISTADO(A): É um evento anual. Inicialmente a gente utilizou os casos já existentes na literatura, casos reais de hotéis. Era uma simulação de uma atividade real dentro da área da hospitalidade, que os alunos formavam grupos. E aí, eles se matriculavam e disputavam. Então eles tinham que resolver aquele caso, dar uma solução para o caso e apresentar para uma banca examinadora. A melhor solução era premiada. A gente fez umas seis ou sete, foi quase o mesmo número de edições da Semana do Hoteleiro. Nessa atividade tinha sempre participação de membros externos, de profissionais do mercado, inclusive com apoio. Porque a gente sempre dava alguma forma de premiação para equipe com diária de hotel, com viagem, com livro, alguma coisa assim para dar uma estimulada e é uma oportunidade dos alunos terem uma vivência prática ali.

ENTREVISTADOR: O objeto de estudo do meu trabalho de conclusão de curso é o Grand Tour. São as práticas utilizadas no nosso curso. Qual foi sua participação no Grand Tour? Você participou de quais edições?

ENTREVISTADO(A): Eu participei também do Grand Tour. É que é tanta coisa que a gente vai esquecendo. O Grand Tour eu participei de uma edição, que foi a última que tive antes da pandemia, que foi a edição que teve em Fortaleza. Eu participei na verdade mais da execução da atividade em si, do que da elaboração e do planejamento, que é mais com o professor Ruan. Foi uma experiência para mim, como docente, muito interessante e imagino que para os alunos também, porque justamente tem essa pegada prática de vivenciar ali por meio de visitas técnicas. Não deixa de ser uma grande visita técnica ao Grand Tour, né? Empreendimento de fora da nossa realidade, alguns mais desenvolvidos, maiores... Então possibilita o aluno ter uma percepção melhor dessa prática. São atividades muito importantes, principalmente tendo em vista que aqui a gente ainda não tem uma prática muito bem estabelecida no nosso curso. Não temos laboratórios funcionando. Então, os docentes encontram alternativas que são bem criativas e no meu fundo de vista, até se caso para proporcionar ao aluno esse tipo de experiência prática.

ENTREVISTADOR: Professor, você costuma ministrar visitas técnicas?

ENTREVISTADO(A): Eu já realizei mais. Por que eu passei por várias disciplinas dentro do curso de hotelaria. Praticamente eu já ministrei todas. Ministrava muitas disciplinas práticas, que eram as disciplinas antigas: Hotel I, Hotel II, Restaurante I,

Restaurante II. Até no curso de Turismo também, de Gestão de Meio de Hospitalidade. Nessas disciplinas, que são disciplinas teórico-práticas, têm módulos práticos, eu sempre realizava visita técnica e sempre fazia uma imersão com os meus alunos em hotéis. Então, ainda que fosse um tempo menor do que realmente a parte prática exigia, eu entrava em contato com hotéis como se fosse uma visita técnica estendida. Não era um estágio, mas o aluno ficava ali um dia em cada setor pra ver como funcionava. Então, não era uma visita de uma tarde. ele tinha uma visão melhor do empreendimento. Era assim que eu fazia quando eu ministrava as disciplinas. Mas faz tempo que eu não ministro, porque como eu fiz um mestrado e doutorado mais focado na minha área de estudo que é Marketing. Atualmente eu ministro a disciplina de Marketing e Hotelaria e Consultoria onde eu não faço visita técnica. O que eu faço são palestras. Atualmente, eu trago profissionais da área para falar a respeito. Por exemplo, já trouxe o Secretário de Turismo pra falar a respeito do marketing turístico estadual, marketing turístico municipal ou algum profissional da área sobre a mesma coisa. Em algumas turmas já trouxe também consultores pra dar o depoimento, falar um pouco sobre a carreira e tudo. Eu tento fazer algumas atividades práticas dentro da disciplina, mas eu não faço visita técnica.

ENTREVISTADOR: A senhora acha que algumas disciplinas, no caso, não necessitem de uma visita técnica, por exemplo? Que tem algumas que realmente são só sala de aula?

ENTREVISTADO(A): Eu acho que a visita técnica é sempre interessante. É um uma estratégia, uma ferramenta interessante na dinâmica de sala de aula. Mas eu acho que ela não é essencial em determinadas disciplinas. Em determinadas disciplinas, como eu falei, a disciplina era Teoria e Prática de Hotel I ou Teoria e Prática de Hotel II, então tem que ter prática. Na falta do laboratório, a gente tem que ter alguma alternativa pro aluno ter algum contato prático ali dentro da disciplina. Então essas eu acho que a visita técnica é essencial. Mas em disciplinas mais teóricas eu não acho que seja essencial, eu acho que ela é um *plus*, mas ela não é essencial. Dá pra ficar sem visita técnica, e eu acho que tem coisas mais importantes às vezes que a visita técnica nesse tipo de disciplina.

ENTREVISTADOR: Na sua percepção, qual seria o papel da visita técnica na formação docente Turismo e Hotelaria?

ENTREVISTADO(A): Eu acho que a visita técnica, como eu falei, é sempre bem-vinda. Em umas situações ela vai ser essencial, em outras ela é bem-vinda, mas ela é sempre bem-vinda, porque o aluno sempre aprende. Só o fato de você sair da sala de aula já é uma outra experiência para o aluno, então, ele vai ter contato com outro mundo. No caso dos nossos alunos, a gente ainda tem a questão de que muitos alunos são de baixa renda e não tem muitas, ou não tiveram ainda, tantas possibilidades de viajar, de ficar em hotel, de conhecer essa realidade que é a realidade que ele possivelmente vai trabalhar. Então, a visita técnica ela possibilita isso. Eu acho que estimula vários aspectos, tanto aspectos práticos, de você ver como funciona um hotel, ver um profissional falando dos setores. Então, sai um pouco daquela coisa abstrata de sala de aula e você consegue enxergar na prática o que o professor estava falando. Por exemplo, quando ele falava da atividade da governança, quando ele fala da arrumação de um carrinho de governança, quando ele fala de *mise en place*, você consegue visualizar ali. Então, a retenção de conhecimento é muito maior quando você tem uma atividade prática dessa natureza. Eu acho que principalmente nas disciplinas que são mais técnicas é muito importante a visita técnica. E além disso, eu acho que ela desenvolve outras habilidades no aluno, de saber se portar, de saber conversar com outras pessoas que são área profissional, de ver como as pessoas se portam, se colocam, de ter um espelhamento do profissional que ele pode ser um dia. Eu acho que pode mexer com a questão da motivação do aluno. Eu acho que tem vários pontos positivos.

ENTREVISTADOR: Em relação no caso do que a gente já vê no mercado de trabalho, a senhora tem uma percepção a respeito, por exemplo, considerando o mesmo, no eixo de Turismo e Hotelaria, não só o mercado de São Luís, já que o Grand Tour não era justamente em São Luís. Essas visitas técnicas podem ser colocadas como aliadas nessa inserção do aluno no mercado de trabalho?

ENTREVISTADO(A): Sim, eu acho que podem. A partir do momento que ele faz uma visita técnica ele também conhece campos que ele pode atuar. Então, às vezes pode ser da iniciativa do aluno depois procurar aquele empreendimento, deixar o currículo, tentar fazer um estágio ainda que seja sem remuneração, porque ele quer aprender. Eu acho que a visita faz essa ponte com o mercado de trabalho e isso é positivo para

o aluno nesse aspecto também, porque às vezes ele pode fazer uma rede de contatos durante essa visita. E aí é mais fácil as portas se abrirem quando você já tem um contato, do que quando você é um desconhecido.

ENTREVISTADOR: Professora, em relação ao Grand Tour, qual a importância que a senhora vê para a formação do aluno?

ENTREVISTADO(A): Ah, eu acho que o Grand Tour é uma experiência sensacional. Eu não conheço nenhuma outra experiência de universidade similar ao Grand Tour. Fazendo uma retomada histórica, em outros séculos as pessoas já viajaram para estudar, que era justamente o Grand Tour. Eram viagens para estudos e conhecimentos de pessoas abastadas da época que podiam fazer isso. Então essa é a mesma proposta e essas viagens eram justamente para isso, pra obter e ter conhecimento. Então quando você viaja, o simples fato de você viajar, de sair da sua realidade e ver outra realidade, você já está adquirindo conhecimento. Por que quando você tá numa realidade diferente você tem capacidade de fazer comparação com a sua realidade. Às vezes, a gente acha que a nossa realidade é muito ruim, ou que é muito boa. A gente vê outras realidades e a gente consegue fazer essa reflexão e essa comparação. Então isso daí já é um aprendizado pro aluno. Porque eu acho que a gente tem que pensar na formação do aluno não só na formação técnica, mas na formação como pessoa, como cidadão, no *soft skills* dele também, a capacidade de se relacionar, de se colocar no mundo, de ter empatia de ter uma leitura analítica e lógica do que ele vê no mundo. Eu acho que uma viagem proporciona isso. E no caso do Grand Tour, como é uma viagem específica voltada para conhecimento, ela já é pensada dessa forma. Então, são vários empreendimentos que vão ser visitados que o aluno vai ter possibilidade de saber como funciona o gerenciamento daquele empreendimento, qual é o público alvo, como é a organização, como é a estrutura organizacional, qual o papel do hoteleiro ali, quais são as oportunidades para os profissionais de hotelaria. Ele vai ver como as pessoas se colocam, se apresentam. Eu acho que é um caso a ser estudado, a ser escrito, a fazer artigo. Porque é uma possibilidade pedagógica, uma ferramenta muito incrível, que tem a possibilidade de fazer o Grand Tour. Esse é o meu ponto de vista como docente, acredito que talvez esteja vendo também dos alunos, que seria interessante. Mas, o meu ponto de vista é esse. Eu como professora aprendi muito no Grand Tour, inclusive para os alunos em relação à disciplina. Porque você tem horário, você tem forma de apresentação,

você tá ali caminhando em grupo, então você tem que aprender a lidar com o grupo em viagem, que às vezes não é muito fácil. São várias pequenas coisas que, às vezes, a gente pensa que não tem desenvolvimento naquilo ali. Mas, para além da função técnica, eu acho que tem um desenvolvimento muito grande do aluno nesse processo, como pessoa.

ENTREVISTADOR: Em relação ao projeto, o projeto teve alguma contribuição para as disciplinas que a senhora ministra ou que a senhora já ministrou?

ENTREVISTADO(A): Teve, porque eu terminei fazendo visitas técnicas também, conhecendo outros empreendimentos e o funcionamento de outros empreendimentos. Eu lembro que no de Fortaleza a gente visitou, teve entrevista com Secretário de Turismo, com pessoal do mercado de artesanato, no parque ecológico, de um hotel que era um dos maiores hotéis lá. A gente termina sempre pegando ali algum exemplo, alguma situação que dá para utilizar em sala de aula. Eu acho que um positivo pro docente, apesar da maioria dos professores no nosso departamento serem só professores, não terem duas atividades, mas essa nossa possibilidade de viajar faz com que a gente traga muito exemplo pros alunos, muitas experiências. Eu acho que o Grand Tour me possibilitou isso. Esses dias mesmo, no final do ano eu passei um dia de São Paulo e eu visitei uma fábrica de chocolate. Na verdade eles vendem o chocolate e tem essa fábrica de visitação, que tem restaurante, tem sorveteria que você faz o seu chocolate, enfim. É um modelo de negócio espetacular. Eu tirei várias fotos. Eu fui como turista mesmo, mas tirei várias fotos, fiz várias perguntas, entendi várias coisas que eu pretendo usar como exemplo nas minhas aulas de marketing. Então, só para fazer um paralelo com o Grand Tour, é a mesma coisa. Teve várias coisas lá que, às vezes, são usadas como exemplo quando eu tô dando aula. Então acho que para nós funciona como uma espécie, a gente tem que tá se informando com o que está acontecendo. Até porque, as coisas acontecem muito rápido. Se você não levar a novidade pro aluno, não faz muito sentido.

ENTREVISTADOR: Professora, em relação ao projeto, a senhora poderia me citar dois pontos positivos e dois pontos negativos?

ENTREVISTADO(A): Dois pontos positivos, eu acho que pro docente eu acho que é uma possibilidade dele também vivenciar na prática essas visitas e adquirir conhecimento que ele certamente vai usar na sala de aula. E para o discente também

eu acho que os pontos positivos é você ter mais um conhecimento prático, possibilidade de ter acesso a grandes empresas, grandes empreendimentos que você não teria se fosse, por exemplo, uma visita técnica simples aqui em São Luís. Agora pontos negativos, a princípio eu não consigo pensar em nenhum. Eu acho que deve ter, porque tudo tem. Eu não diria pontos negativos, mas eu diria pontos a melhorar, eu prefiro utilizar assim. A princípio eu não teria nenhum ponto negativo, nenhum ponto a melhorar. Mas isso que eu acho interessante, que inclusive eu já dei essa sugestão pro professor Ruan, que seria um Grand Tour aqui no Maranhão. Porque todos os que eu vi até agora foram externos e eu entendo o total sentido de ser externo e tudo. Mas assim, eu acho que seria interessante para o aluno, e isso eu acho que isso é um dos pontos positivos do Grand Tour é de ele as possibilidades de atuação que ele tem. Às vezes o aluno fica muito restrito a São Luís. E hoje, mais do que nunca, a gente tá numa sociedade muito dinâmica, ainda mais agora com o trabalho remoto e tudo. Então, não tem esse pensamento de ficar em São Luís. Por exemplo, a gente tem os Lençóis Maranhenses, que tem um potencial turístico muito alto que é bem mais explorado inclusive que São Luís. Eu não sei como é a absorção da mão de obra dos alunos da hotelaria, porque eu não sei nem como eles visualizam isso como uma possibilidade. Então eu acho que um Grand Tour local, que pegasse ali a região turística dos Lençóis ou de Carolina, que pudesse estreitar essa relação da cidade com os empreendimentos locais, eu acho que ia ser muito positivo para os alunos.

ENTREVISTADOR: Então a senhora consegue utilizar isso também como uma sugestão pro projeto?

ENTREVISTADO(A): Isso! Essa seria minha sugestão.

ENTREVISTADOR: Professora, a senhora teria mais alguma coisa pra falar a respeito do projeto? Sobre a sua experiência? Alguma coisa que a senhora queira contribuir ainda?

ENTREVISTADO(A): Não, acho que eu falei pra caramba, eu falei bastante já.

ENTREVISTADOR: Então muito obrigada pela sua participação!

DOCENTE B:

ENTREVISTADOR: Eu primeiro queria pedir pra você, falar a respeito da sua idade, formação, experiências profissionais, né? Seu gênero. Os cargos e funções que você vem desempenhando aí no decorrer da sua vida profissional, né? Podem ser, por exemplo, coisas mais relevantes assim, informações como mestrado, doutorado que você vem atuando.

ENTREVISTADO: Certo, eu sou professor do departamento de Turismo e Hotelaria, tenho quarenta anos e entrei na Universidade em 2009 (dois mil e nove), tem treze anos. Minhas formações, minhas graduações são em turismo e em letras, tenho MBA em gestão empresarial, meu mestrado em desenvolvimento sustentável, doutorado em administração é bolsa sanduiche no exterior. Bem, eu profissionalmente eu me dedico principalmente a parte de consultoria e pesquisa, pesquiso, se olhar os últimos dois anos, meu currículo fez assim um “*bum*”, porque realmente dei um foco total na parte de pesquisa. Estou querendo aplicar só em revista boa e entrar num programa bom de pós-graduação. Como a gente não tem no departamento tão fortalecido em quadro de produtividade. Eu estou buscando fora da UFMA - Universidade Federal do Maranhão - cargos que eu teria não sei se exatamente assim eu cheguei a ser coordenador do curso de turismo no ano de 2013 (dois mil e treze) é foi num momento muito importante pro curso particularmente porque a gente reconstruiu trabalhos que eram feitos lá de forma equivocada, errada sabe? Muita ilegalidade, muita e muita atividade pautada fora de resolução e a gente procurou normalizar isso, e é uma busca que a gente tem feito agora pra hotelaria também.... Ah, tem alguma coisa ... gênero, sou masculino, gênero masculino.

ENTREVISTADOR: Ah em relação aos seus trabalhos você pode estar falando, né?

ENTREVISTADO: Como eu te falei, eu trabalho muito com pesquisa e consultoria, então em parte das minhas consultoria relacionados inclusive a pesquisa, é, as minhas mais recentes, os meus trabalhos mais recentes de pesquisa e consultoria, estão conjugados, eu elaborei juntamente com o professor Anderson Miranda, o planejamento estratégico da Assembleia Legislativa do Maranhão, nos último no último ano e meio eu coordenei ah um projeto nacional de qualificação turismo aqui no Maranhão, foi pra elaboração da política nacional de qualificação do turismo, projeto do Ministério do Turismo e eu fui coordenador aqui do Maranhão, de julho de

2020 (dois mil e vinte) até agora outubro desse ano, onde encerrou a consultoria. Em janeiro de (2020) dois mil e vinte, eu coordenei aqui no Maranhão um projeto sobre plástico nos oceanos, executado pelo PNUMA - Programa da Nações Unidas pro Meio Ambiente. Esses foram os trabalhos mais recentes, mas já trabalhei em trabalhos técnicos pro Ministério do Meio Ambiente, Ministério do Turismo já são três que eu já fiz, tem trabalhos pra Secretaria de Estado do Turismo, Secretaria Municipal de Turismo, por exemplo a respeito da elaboração do plano de desenvolvimento do *cluster* turístico São Luís, foi pra prefeitura municipal de São Luís, contratado por uma empresa portuguesa que executou esse projeto, já coordenei juntamente com o professor Anderson Miranda, nas pesquisas de demanda do estado, aí no ano de 2009 (dois mil e nove) enfim, eu tenho muita essa atuação com a parte e pesquisa, é o que eu definitivamente amo fazer.

ENTREVISTADOR: Entendo! Ah e em relação ao Grand Tour. Qual foi sua participação no projeto? Qual foram as edições que o senhor foi?

ENTREVISTADO: Eu fui na edição de Fortaleza, fui como professor, acompanhando as atividades. E eu acho que é um dos projetos mais ricos que eu já vi dentro da universidade, do nosso departamento, porque, é, eu sei que tu ela vai me perguntar “o que eu acho de bom, positivo, não sei o que, sei lá”. Mas assim, o professor Ruan acho que brilhantemente conduziu esse processo, e convida professores pra acompanhar a experiência, a gente junto com os alunos vivência a realidade organizacional de várias empresas, dentro do setor turístico da cadeia produtiva, e o meu papel dentro daquilo era corroborar né? As vivências, as experiências, as reflexões são compartilhadas com o aluno e me coloco também num curso onde aprendiz, porque definitivamente a gente tá o tempo todo aprendendo e cobrando todo pra mim era um enriquecimento intelectual muito bom, sabe? A gente aprende muito. A vivência do dia-dia de uma empresa.

ENTREVISTADOR: Então o senhor tinha uma ideia do que era o Grand Tour, né? O senhor sabia o que era o Grand Tour?

ENTREVISTADO: Sim, eu sabia o que era o Grand Tour pela vivência primeira, acho que a primeira oferta que ele fez no Grand Tour foi em São Paulo, e aí eu acompanhei pelas redes sociais, também depois dialogando com o professor Ruan e com outros professores, como o professor David Andrade, que tava envolvido na experiência,

conversei com alguns alunos e vi como uma oportunidade muito, muito importante, interessante de aprendizagem pros alunos e alunas dos nossos cursos, de turismo e hotelaria. É realmente e aí eu me interessei claro, eu não fui na primeira pra São Paulo, porque eu realmente não tive agenda, mas hoje eu disse Ruan, por mim eu iria em todas. Aí consegui ir lá em Fortaleza, a que tava prevista pra Gramado eu iria, e aí veio a pandemia e cortou os planos. Mas se eu puder estarei todos.

ENTREVISTADOR: É! perfeito. Professor, então senhor costuma realizar visitas técnicas ao longo das suas disciplinas no curso de turismo e hotelaria aonde o senhor anda ministrando?

ENTREVISTADO: Normalmente eu faço visitas técnicas na disciplina de Fundamentos da Hotelaria e Turismo, nós fazemos visitas técnicas, em empreendimentos hoteleiros, mas assim a gente começou a diversificar isso um pouco, com a pandemia isso atrapalhou tudo, mas assim a ideia das visitas técnicas que eu tinha estruturado, eram mais agora relacionados ao centro histórico, já que a gente está na Santa Amélia, e aí a gente conseguiu fazer visita pra eu explicar fundamentos do turismo da hotelaria, no Centro Histórico, explicando o que é a cadeia produtiva, os tipos de empresa, né? Falando assim que, olha, o que que é a cadeia produtiva pro aluno entender? Não pensar só que a agência, o hotel, a pousada, enfim, o restaurante, mas entender as secretarias, né? Os órgãos públicos que dão suporte, os museus, os diferentes atrativos. É cafeterias e palácios, as praças, enfim, pra gente compreender atrativos, facilidades, enfim, tudo que envolve a cadeia produtiva. Essa disciplina mais especificamente é as que eu faço visita técnica. Não é que eu não tenha feito visita técnica nas outras. Eu dou Pesquisa de Mercado e também de Gestão de Talentos Humanos. Nessas eu construo a estratégia de trazer convidados pra falarem das suas experiências organizacionais. Aí eu tenho menos, eu vou dizer assim, menos prática de visita a técnica do que por exemplo, o professor Ruan, que faz isso de forma muito sábia nas disciplinas dele. Ele faz o tempo todo visita a técnica. Eu já faço com menos frequência. Mas pelo menos na disciplina de Fundamentos de Hotelaria e Turismo eu vou procurar fazer todo o semestre.

ENTREVISTADOR: Entendo. É, esse Fundamento de Hotelaria e Turismo, é nova grade? Não é da antiga não né?

ENTREVISTADO: Ela é Introdução a Hotelaria e Turismo. Introdução a Hotelaria virou, Fundamentos de Hotelaria e Turismo, mas ela é a disciplina. Eu mudei né? É, dentro lá da emenda que tem, mas eu incorporei outros conteúdos que eu julguei importante, a exemplo da discussão de gestão de diversidade, que a gente faz em gestão de talentos humanos, inclusive eu dei essa aula hoje. E aí eu incorporei algumas questões que eu julguei importantes pro aluno ter acesso, enfim, discutir ali.

ENTREVISTADOR: Entendo. É pro senhor na sua opinião no caso qual é o papel dessas visitas técnicas pro na vida do discente na formação dele?

ENTREVISTADO: É, eu tenho trabalhado atualmente, Isaque, na minha parte um dos meus focos de pesquisa tem sido dentro dessa parte de gestão de pessoas e formação profissional. Eu fui convidado, eu passei numa primeira reunião, eu fui convidado há um mês pra fazer parte de um grupo chamado grupo de pesquisa da Universidade Federal do Paraná. Que é da parte de formação profissional. Eles estudam educação e formação profissional. É, o que que eu tenho estudado atualmente nesse ramo a parte de competências organizacionais e individuais. A gente tem um primeiro trabalho que vai sair agora na revista Turismo Contemporâneo, e eu estou orientando um outro trabalho de uma aluna sobre competências docentes no ensino superior. O que é que que está aparecendo lá? Eu estou falando isso pra ti pra te dizer pra responder melhor essa questão. Que que está aparecendo lá em termos de quais são as competências necessárias pros profissionais e agora pros docentes. É, está aparecendo a necessidade da e que é um desafio pro pros professores né? Pra academia de forma geral. Que a gente consiga ao máximo desenvolver conhecimentos e práticas né? Pensando em competências em torno de conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes essa questão, da habilidade de desenvolvimento do saber fazer dentro da realidade do alunado é um desafio pra gente, porque por exemplo, lá na Santa Amélia a gente tem a perspectiva de um hotel-escola, mas a gente ainda não tem. Então como que você faz essa vivência do aluno e mostra essa vivência das empresas, do dia a dia que é o saber fazer que se espera em você, e desenvolver diferentes estratégias como as visitas técnicas. Visita técnica, é o momento pro alunado ter a oportunidade de conhecer o dia a dia da empresa, inclusive ele vislumbrar um pra ideia de um dia estar ali. Poxa, será que eu não posso estar aqui, fazer networking, conhecer o campo de estudo dele, de atuação profissional, sabe? E aí também desmistificar um pouco o que ele compreende dentro

da teoria e ele vê aquilo ali aplicado na prática. Então, a visita técnica, já que eu tenho um texto específico pra visita técnica, eu vejo como uma oportunidade do alunado começar a vivenciar mais o prático do que ele vem vendo e discutindo em sala de aula. Essa é a transposição. E a gente inclusive nesse estudo que a gente nesse que vai publicar agora e nesse outro que a gente está coletando dado, uma das estratégias que a gente tem discutido, enquanto a composição da prática pedagógica dos professores, é que eles de fato consigam ao máximo incorporar ferramentas pedagógicas e estratégias que consigam desenvolver esse nível de competência no alunado. Ou seja, visita técnica, metodologias ativas, entre outras práticas que são importantes pro pra habilidade de saber fazer.

ENTREVISTADOR: Entendo! E levando em consideração então esse mercado, turismo, hotelaria e aí o acha que as visitas técnicas podem ser vistas como um ponto importante nessa inserção do alunado no mercado de trabalho?

ENTREVISTADO: Eu digo pro aluno, no dia a dia, os alunos e alunas, que assim, gente, as a oportunidades profissional de vocês já começou, porque vocês estão fazendo network dentro do da formação de vocês. Seja com os professores, seja com os teus colegas de turma ou outras pessoas que você interaja. Tem uma visita técnica, tem um convidado, um palestrante que vem na universidade, o que seja. O networking mudou a minha vida profissional, abriu grandes portas e eu vejo nessas oportunidades de visitas técnicas, como uma forma de fortalecimento do conhecimento, né, de até o estímulo. Nós temos assim o nosso alunado que via de regra, é de baixa renda, tem menos acesso a determinados serviços. E que muitas das vezes ele nunca ele nunca ficou hospedado num lugar. Nunca se hospedou numa pousada, nunca foi num restaurante que fosse um pouco mais elaborado, e essa é uma oportunidade, dele emergir nesse universo, sabe assim né? De na verdade imergir nesse universo de profissional, em que ele tem potencial pra atuar sabe? ...acho que é isso eu acabei perdendo o fio da meada da tua pergunta... Ah, sim, eu falei consolidação de networking estímulo a vivenciar o cara eu quero trabalhar nisso, a minha inspiração pra ser professor universitário eu tenho o meu pai professor universitário e é claro que isso me estimulou, eu estava no segundo período do meu curso de turismo quando uma professora dando aula pra mim eu olhei “assim eu quero isso aqui pra minha vida” e aí como é que você descobre as suas potenciais vocações se você não vivencia aquilo ali? Como que eu vou saber que eu posso trabalhar num

supermercado se eu não conheço o bastidor de um supermercado? Como que por exemplo a experiência. De um Grand Tour. Eu vou numa barraca de praia como a né? Crocobeach... aquela eu vou na barraca de praia que ela Crocobeach lá indo lá na Praia do Futuro. Quando que eu dentro da minha formação eu posso imaginar que um dia eu trabalho numa barraca daquela? Que não é exatamente uma. Barraca já, né? Eu achei um complexo, sabe? Eu acho são esses tipos de oportunidade. É esse tipo de oportunidade que o aluno acaba tendo né? Networking, inspiração, conhecimento que ele vai adquirindo, temas que vão surgindo pra ele. Eu quero estudar isso aí, eu quero começar a aprofundar meu olhar e meu conhecimento sobre esse sobre esse tema, sobre esse tipo de empresa, ele pode desenvolver, isso pode motivar o desenvolvimento de um TCC na vida dele, ou uma oportunidade de estágio que ele busca por conta. Essas visitas, está entendendo? Então tem muita coisa que pode ser estimulada através disso.

ENTREVISTADOR: Entendo. Ah, então pro senhor qual é qual é a relação ao Grand Tour agora? Por exemplo. Qual a importância dele pra formação do discente?

ENTREVISTADO: É, nossa! Eu acho assim eu, particularmente, falo isso porque não porque eu estou aqui é respondendo a uma pesquisa que é o professor orientador Ruan. Mas eu digo assim eu acho que tem uma questão muito importante sim. Os professores tem suas diferentes vocações, competências. Eu acho que isso tem que ser estruturado muito importante. Você deve ter acompanhado em algum momento da sua trajetória uma discussão estúpida sobre formação básica de professor. Recentemente numa assembleia departamental eu digo “não, mais isso...” Porque isso é um desrespeito com os professores, isso gera até processo pra cima de quem está falando. Porque você não pode desqualificar o professor, o aluno ou qualquer profissional de acordo com a sua formação de base. Hoje o mercado perde informação superior. Pede complementação de formação e você está pensando na formação de outros você está olhando pro futuro pelo retrovisor e aí dentro dessa perspectiva eu acho que o que pode ajudar a composição de uma formação melhor pro aluno são estratégias desenvolvidas dentro da formação e que se dão a partir das diferentes competências dos seus professores. O professor Ruan hoje pode não trabalhar pesquisa com foco, interesse e profundidade que eu trabalho porque esse essa eu acredito. Que além de ser um grande interesse meu, é uma vocação minha dentro da parte de pesquisa. Por outro lado, eu não me considero um extensionista como ele.

Eu acho que ele me dá aula dentro da questão da extensão sabe? Ele tem a vida dele, ele gosta. No dia a dia, mostrar a empresa, fazer as visitas e aí portanto, te respondendo dentro das diferentes estratégias pedagógicas de formação do alunado pra composição do seu conjunto de competências que o aluno precisa ter. as visitas técnicas tem um papel muito importante. Muito importante. Elas atuam pra na minha opinião elas contribuem com um dos principais gargalos do processo de aprendizagem do aluno. Que é você conjugar teoria à prática. é você ter vivências, experiências dentro do ambiente profissional que você pode vir a atuar. Como é que o aluno que estudou lá na disciplina de talentos humanos e ele em algum momento de prática, de treinamento, em algum momento falou de processo de recrutamento e seleção. Em algum momento se falou de avaliação e desempenho, quando ele faz uma visita técnica, ele consegue enxergar ainda que a visita seja pontual, “ah, duas horas de visita, três horas de visita.” mas ele consegue enxergar, ele consegue transpor essa ideia da teoria pro que é o prático. Como é que você faz? Chega você chegar pra um gestor e dizer como é que vocês selecionam pessoas aqui? E aí você ouvir as experiências, os depoimentos. Sabe? É de quem atua naquela realidade faz com que o aluno é se possibilite que ele transponha essa compreensão do conhecimento pra questão da habilidade, né? E ainda que ele não. Ele precisa ter experiência, botar a mão na massa pra de fato aprender e desenvolver ou saber fazer, aí ele começa a transpor esses conhecimentos. Sabe assim de teoria pro prático. Além disso, tem esse e outros aspectos que eu estou te dizendo. Networking de fortalecimento do componente curricular mesmo de currículo de ali naquela numa vivência pra aquela ali você chega e aí como é que eu trabalho aqui? Como é que vocês têm vagas? Sabe? É pra ampliar a visibilidade. Tem tanta coisa que eu fico até pensando se eu digo mais sobre a questão da visita técnica. Porque é muito se o aluno só vem aproveitar e eu digo pra ti. Isaque, eu falei isso pro Ruan que é eu conto na minha sala de aula eu disse assim gente no dia que eu entrei naquele empreendimento do Crocobeach lá naquele, no hotel deles que a gente estava circulando no corredor e aí vimos uma das pessoas lá que trabalha com a governança trocando as camas e né? Passa roupas de cama e tal, enxoval o professor perguntou, eu posso entrar aí e mostrar pra vocês? E aí ele começou, pegou se agachou, bateu no colchão, falou do tipo de coxa, da grossura do colchão, como é que era o enxoval. Gente, aquilo ali é um aprendizado e tanto! O que dizer... nosso aluno, o meu ex-aluno hoje professor de muita qualidade que é o Ruan ele é hoje ele tem essa excelência

de qualificação e transpõe isso ao aluno dele porque ele tira isso aí na formação dele. Ele procurou ter muitas vivências, fez muitas visitas, ele sempre teve muita proatividade na interação com outras empresas e assim você se forma como profissional. Com olhar inclusive... é, eu quero dizer multidisciplinar. Espera-se, cobra-se de uma forma de uma formação profissional múltiplos conhecimentos, múltiplas competências, vivenciar experiências em diferentes organizações. e conseguir compreender. Isso tudo vai compondo o teu conhecimento. Certo? Então esse conjunto de experiências que você tem ao longo da sua formação e que as visitas técnicas corroboram consideravelmente pra mim elevam a qualidade da formação do discente. É isso.

ENTREVISTADOR: Entendi. Perfeito. Mas em relação ao projeto: qual foi a contribuição pra sua prática docente no caso?

ENTREVISTADO: Ah, eu é assim é como. Eu acho assim o docente, que ele pretende evoluir, eu acho que ele se coloca sempre na posição de alguém que está aprendendo. Porque gente eu aprendo com meu aluno apresentando um trabalho. Eu aprendo com meu aluno trazendo uma ideia pra sala de aula me fazendo uma pergunta, eu apreendo com alunos e trazendo uma reflexão distinta e essa experiência especificamente são o que que consiste são muitas visitas técnicas dentro de um. turístico e ali a gente tem a oportunidade das trocas que eu estou te falando da troca de conhecimentos de saberes essa esse hoje tem inclusive o doutorado questão da rede de conhecimento de onde é que sai as. ideias criativas inovadoras elas saem das trocas, da gente conversando, da gente dialogando, da gente trazendo as nossas diferentes experiências, os nossos diferentes conhecimentos nas visita técnica isso, nos faz isso, e principalmente a experiência do Grand Tour: Maranhenses em São Paulo somos, maranhenses em Fortaleza, seremos maranhenses em Gramado levando as nossas experiências lá e eles compartilhando a deles conosco e a gente vivenciando diferentes realidades. A gente também consegue trazer isso pro nosso espaço organizacional. Sabe? Que você está fazendo aí em Palmas? Certo? “Ah, eu Isaque, estou aqui consolidando uma oportunidade na minha da minha carreira. Tá meu amigo? Eu sei que tu tens pretensão de crescer. Tu não vai morrer em Palmas, tu foi porque já estava no Maranhão, tu foi pra Palmas, amanhã tu vai ficar em Campinas, amanhã depois tu vai estar em São Paulo, que se vá. Porque no fim das contas, oh, a cada vivência dessa isso não é uma visita técnica tu estás dentro

da tua de formação, conhecendo diferentes realidades. Olha aí tudo que está acontecendo na efervescência. Novos conhecimentos. A gente não pode esquecer os componentes culturais dentro de cada realidade. Certo? O que é um hotel. Que é um hotel no Ceará, o que que é um hotel no sul do país, o que é um hotel em São Paulo, o público-alvo diferente, as pessoas são diferentes, elas se comportam diferentes, as culturas organizacionais, ainda que você esteja dentro de uma mesma rede Accor, mas olha aí, outra questão aparecendo cultura. E aí você vai compreendendo dentro de cada realidade aquilo que pode ser o melhor ou às vezes também o que você não gostaria de ter dentro da sua organização e é isso.

ENTREVISTADOR: Vou fazer umas duas últimas perguntas pro senhor no caso a penúltima é: se o senhor poderia elencar pra mim dois pontos positivos, dois pontos negativos em relação ao projeto, em relação ao Grand Tour.

ENTREVISTADO: Ah, eu vou. Um pouco mais de dois tá? Mas assim, o Grand Tour eu acho assim positivamente está falando assim da minha experiência né? Do que que eu vi lá... ah, eu vi o que que eu criticaria o que é positivo. Oh, é. acho que pontos positivos é assim: conhecer outras realidades profissionais que podem, que sejam um potencial de atuação pra ele (discente) certo? E ele. Aí tem a questão do networking né? De conhecer outras pessoas, é a gente fala meio que um ali embora seja na prática arriscada, é vivenciar, né? E conhecer um pouco mais. De outras realidades. a. A minha experiência. Eu pude interagir com alunos e alunas que não foram meus alunos haviam sido meus alunos e ali a gente começa, né? Estabelecer um vínculo acho que isso é muito positivo eu acho que tem a eu acho que tem a diversão. A experiência, isso é indiscutível porque a visita técnica tem um compromisso acadêmico, mas depois a gente ia pro Beach Park, a gente ia pra praia, a gente se divertia, isso faz parte da experiência. As pessoas precisam ter um equilíbrio. Físico, mental em relação a sua vida. Tu precisas compatibilizar o profissional com lazer. Eu acho que o que o Grand Tour traz isso pra gente. Pra mim era diversão. Eu nem sentia que eu estava ali trabalhando porque era tudo divertido. Era divertido conversar com os alunos, era divertido ir nas empresas, era divertido depois ter, ah, sei lá, o sair da noite pra lanchar, pra jantar. Sabe? Então a questão da do entretenimento eu acho que isso também. Entra na questão faz dele mais especial ainda. Porque é divertido. Sabe? É, acho que poderia falar eu achei que tem também a questão do de como se procura não estou dizendo que seja barato, mas como se fazer algo que seja por

aluno, então conseguindo descontos, possibilidade de você para ter essas vantagens e isso se torna mais acessível para o aluno esse esforço de planejamento, que tinha o professor Ruan faz que dá um trabalho do caramba que eu acho que é muito válido porque pra ele mastiga as coisas pros alunos chegarem está aqui, oh, está tudo mastigado toda a experiência do alunado sabe. Eu acho que é um trabalhão, sabe? Um trabalhão assim que eu te digo, não é qualquer um que está disposto a fazer e o Ruan faz isso com sorriso no rosto e realizado. Eu acho que eu acho que eu não diria assim negativamente. Mas assim, eu acho que em termos de oportunidade de melhoria. Eu assim eu acho que às vezes... eu percebi em alguns alunos... eu entendo que o aluno ele queira ter uma queira autonomia, né. Numa viagem que “ah, eu não estou afim de estudar isso, mas como assim?” É, o aluno que a gente talvez precise fortalecer um pouco mais das reuniões de planejamento a questão da responsabilidade do aluno nessa experiência do Grand Tour. Embora ele tenha “ah, eu sou adulto”. E tal, mas você está ali dentro de uma experiência em que se der alguma merda, né? Desculpa, o termo, mas se der algum problema o professor sozinho vai responder por aquilo porque ele, e nós somos responsáveis pelos alunos lá. Tem uma preocupação, uma coisa é uma viagem estritamente de lazer, você faz em família, entre amigos. Outra coisa é a experiência do Grand Tour, que é uma experiência que embora tenha entretenimento, diversão, lazer, mas é uma experiência acadêmica. E aí eu acho. Que às vezes o aluno, atualmente eu acho que foi no geral, conheci pontualmente eu vi pra você ver aí a conduta de um ou outro aluno que né? Aluno/aluna é de que talvez fosse e não fosse uma postura profissional diante da experiência, certo? E ao mesmo tempo é por ser uma semana de imersão e as pessoas tem diferentes situações ali que podem vivenciar coisas boas. Eu quando eu digo ruim assim, “ah eu fui mal atendido num lugar que não me traz uma experiência ruim” e isso é uma coisa forte ao planejamento, mas às vezes o aluno talvez falar com um pouco menos de rispidez principalmente com o seu professor que é o coordenador da experiência, é o mentor da experiência. Eu diria mais do ponto de vista, portanto, a pergunta, o que que eu acho que pode ser uma oportunidade de melhoria, eu chamaria atenção pra o aspecto comporta. Do que isso seria um aspecto importante a gente a gente observar e claro a partir das experiências que a gente vai tendo nas situações posteriores a gente ter reunião de planejamento pra que essas questões não se repitam. Sim, acho que é isso.

ENTREVISTADOR: Então pra concluir o questionário eu queria perguntar pro senhor. Agora, quais são as sugestões o senhor entrega pro Grand Tour para as próximas edições?

ENTREVISTADO: Para as próximas edições eu acho assim eu uma coisa que eu acho que seria interessante assim é o Grand Tour ele tá sempre atento a questão da formação multidisciplinar do professor, dos docentes que acompanham, você tem docente que não tem nenhum interesse em fazer, tem outros que querem como eu tá em todas, né? Mas eu acho que é muito importante. Exemplo se eu tenho uma formação dentro da, sei lá, eu tenho um mestrado na área ambiental, certo? O que outro professor ele tem uma formação, sei lá, ele tem um doutorado em geografia. e isso vai trazendo uma multiplicidade de olhares que na experiência lá no *feedback* pros alunos a gente consegue enriquecer os debates, as discussões. Então acho que uma primeira questão é se isso. Vai depender da disponibilidade do interesse do aluno do professor, né? Dos docentes. Disponibilidade, né? Eu acho que isso é uma questão importante. Eu sugiro assim, eu sei que o professor faz reunião. De alinhamento talvez o tema ser exatamente como elas são desenvolvidas eu imagino que sejam bem estabelecidas eu acho que podem ser compartilhadas experiências eu acho que ele faz isso podem compartilhar as experiências das experiências anteriores, é tanto do ponto de vista positivo dos professores quanto aquelas que não deveriam ocorrer. Mas que o aluno entenda “ah, não é pra me comportar sim isso aqui não é legal” eu acho que isso. São coisas importantes. Eu acho assim, eu acho que em relação aos destinos que ele tem escolhido está tudo muito bacana, pô, o cara fez em São Paulo em Fortaleza ia fazer Gramado e ele tem um planejamento pra fazer rota das emoções. Que eu acho mega ousado, mas inteligentíssima a ideia sim eu espero que a gente tenha possibilidade disso. Eu acho que seria por aí, sabe? Ah, eu não sei assim exatamente se para o Rio Grande do Sul o que eu acho uma experiência muito bem estruturada, sabe? Eu acho uma eu acho algo muito, muito bacana assim que eu te confesso eu não acho que eu tenho a competência pra fazer do nível que o não eu precisaria de um de um, aí calejando, levando porrada na cara, né? Pra fazer o que ele faz com a com a qualidade que ele faz.

ENTREVISTADOR: Entendi. O senhor tem mais alguma consideração pra fazer a respeito?

ENTREVISTADO: Ah, em relação né? Poxa, eu tenho esse dinheiro só dizer assim que eu há um tempo eu estimulo fazer um trabalho, uma pesquisa sobre essa questão do porque isso é um baita case de ensino, sabe? Que bom que quando você disse que ia mandar essa mensagem sobre o teu TCC eu falei “porra, massa isso”. Dá uma pesquisa muito interessante e o que eu sugeriria que como agora você está enxergando essa possibilidade da pesquisa na experiência, aí eu acho que essa é uma sugestão: a de que se construa um instrumento de avaliação e também de pesquisa que sirva pra gerar é exatamente o que tu estás fazendo que ao longo das experiências do a gente consiga sempre coletar os dados, né? Experiências do aluno, dos professores envolvidos e a gente consiga gerar uma série histórica de opiniões, de percepções acerca do Grand Tour. Vou dar um exemplo. Sei lá, você faz uma pergunta assim, o Grand Tour, as experiências nas empresas. Você colocou. Estou dando exemplo assim porque não isso aí tem que ser pensado, mas é você foi é bem atendido nos estabelecimentos que você teve as experiências das visitas técnicas. Eu de fora da experiência sou uma coisa, estar ali direcionada todo mundo tem tratado, depois a gente vai lá e a gente põe na pesquisa, onde a gente se alimenta a gente vê como foi esse tratamento, se é bom. Dizer que a gente conseguiu ver São Paulo, na percepção do aluno, a média foi nove vírgula cinco, em Fortaleza foi oito, vírgula sete. Quando a gente fez na volta das emoções, fez sete vírgula nove. Essas percepções ao longo do tempo, vão mostrando pra gente, olha, queda e desempenho está em destino tal. É você conseguir olhar pros dados e trazer percepções e informações. Portanto construir um material de pesquisa para ser feito na pesquisa durante a experiência e depois de repente se interessa por TCC. Hum. Porque a gente consegue ter uma vivência disso ao longo do tempo.

ENTREVISTADOR: Então seria essa mensuração, né? Que o senhor está falando?

ENTREVISTADO: É, eu diria assim, pode ser essa ideia de uma mensuração alguma. Eu não sei exatamente o quê, Isaque. Porque isso precisa ver. Mas é, tem uma coisa, é uma pesquisa de satisfação com o aluno. E aí você gostou? Que foi mais interessante? Outra coisa é um direcionamento de olhares pra fazer pesquisa em torno do Grand Tour. Porque se qual a minha. Dentro da área da administração eu consigo pensar várias coisas, eu estou estudando formação e educação profissional. Bem aqui eu tenho um olhar que se você fizesse esse trabalho comigo eu já falaria de um outro ponto de vista esse trabalho, entendeu? O homem está trazendo o olhar dele

dentro da formação dele. Está errado? Não, está é diferente. Por isso que o olhar multidisciplinar, ele é ótimo. E aí se a gente conseguir estruturar isso em termos de pelo drive seria bom.

ENTREVISTADOR: Pois muito obrigado, professor. Vou agora transcrever. Muito obrigado!

DOCENTE C

ENTREVISTADOR: Então vamos lá. Qual é a sua idade e seu gênero?

ENTREVISTADO: Eu tenho trinta e oito anos trinta e trinta e oito. É eu acho que é trinta e oito. E eu sou masculino, né? Por enquanto.

ENTREVISTADOR: E qual é a sua formação?

ENTREVISTADO: É, a minha graduação é em bacharel em turismo. Eu tenho especialização em administração hoteleira. Mestrado em desenvolvimento e meio ambiente. E sou doutorando em turismo

ENTREVISTADO: Você já desempenhou algum cargo ou função no decorrer da sua carreira?

ENTREVISTADO: Antes da graduação ou do Grand Tour pra cá?

ENTREVISTADOR: Pode ser desde quando o senhor se lembra.

ENTREVISTADO: Ok! Quando eu formei eu trabalhei na Secretaria de Turismo numa cidade lá na Paraíba e depois eu comecei a ser professor, né? Quando eu estava no mestrado terminando o mestrado fui professor. No que eu me formei foi quando eu vim pra cá pra trabalhar e chegando aqui eu me envolvi nos cursos de turismo e de hotelaria, né, então como professor principalmente coordenando os projetos de extensão. Núcleo de projeto e pesquisa e depois eu fui diretor da pró-reitoria de extensão, fiquei eu acho que um ano e meio fui coordenado. Eu fiquei quase um ano e eu acho que de cargo principalmente foi isso. Fui supervisor de estágio do curso de hotelaria. Foi uma experiência bacana mesmo sendo agora na pandemia, né? A gente estava acompanhando os alunos e foi bem, bem, bacana mesmo. Eu fui. Meio que durante um ano e meio, dois períodos. Acho que é isso assim de cargos.

ENTREVISTADOR: Ah. Quais as disciplinas que o senhor já ministrou em ambos os cursos?

ENTREVISTADO: No curso de hotelaria, cara, eu já ministrei introdução à hotelaria e turismo, aí principalmente teoria e prática de hotel que hoje é a gestão e operação de meios de hospedagem, já ministrei marketing em hotelaria, é, já ministrei restaurante... Enfim, no curso de turismo já ministrei pesquisa de mercado. Também já ministrei a disciplina de hospedagem. Hoje. O ministro, né? Exatamente no curso de turismo, a disciplina de gestão de hospedagem e alimentação e no curso de hotelaria, gestão e operação de meios de hospedagem e a disciplina de hospitalidade. Que é a disciplina do currículo novo que eu acho que você não chegou a fazer, né Isaque?

ENTREVISTADOR: Não, não, eu não mudei pro novo currículo.

ENTREVISTADO: É. Porque você já está formando, né? Eu acho que foram essas disciplinas. Mas hoje pra resumir a minha atuação nas disciplinas é principalmente as disciplinas de gestão. E hospitalidade, né? Seja no posto de turismo ou de hotelaria.

ENTREVISTADOR: Você pode repetir qual foi, qual é o seu doutorado?

ENTREVISTADO: Turismo. Turismo, na área de turismo, né? É. É, eu comecei e disse aí você lembra, né? Que eu fiz aquele doutorado de administração na USP, mas como eu tive um problema no final que eu não defendi a tese. Botei na justiça e tal. Aí eu resolvi começar logo doutorado em turismo, né? Mas hoje eu sou doutorando em turismo. Então, eu acho que vai ser mais fácil defender em turismo do que a tese em administração. Aí, no caso vou ser doutor em turismo, né.

ENTREVISTADOR: Certo, então. Então, professor qual foi a sua participação no projeto Grand Tour?

ENTREVISTADO: Sei. Eu participei do Grand Tour dois, que foi pra São Paulo eu fui com a segunda turma, né? Foram duas turmas, é que a primeira turma achou bom aí os professores Ruan e Mônica foram e eu fui na segunda com o professor Ruan, né? E eu, Isaque, estava mais próximo da realização do evento, né? De ter as reuniões com os alunos, de explicação, de orientação e tal né? De entender como era o processo, das orientações do aluno. Explicar os detalhes mesmo da viagem. Eu acho que você foi nessa comigo, Isaque?

ENTREVISTADOR: Ah, não, eu fui lá de Fortaleza, terceira edição.

ENTREVISTADO: Ah, OK, OK, beleza. E aí, a Luna foi, ela foi nessa minha. E daí, Isaque, eu então participei do pré grand tour, antes do Grand Tour eu participei das reuniões de orientação com os alunos sobre a viagem, sobre os detalhes todos, né? Aquilo de como vai ser, como seriam todas as visitas, né? A postura dos alunos, coisa de dinheiro pra levar, como a gente almoçar, esses detalhes todos. E aí foi junto da turma. A gente viajou junto, fomos em um avião junto na ida, ficamos no mesmo hotel. Durante todas as atividades lá em São Paulo, eu estava com eles acompanhando as visitas técnicas e interagindo, fazendo pergunta e tal. Também nos momentos de lazer, né? Que a gente saia pra almoçar, principalmente pra um momento de alimentação e também eu voltei com eles, no voo teve da volta teve uns imprevistos lá de coisa de atraso de voo e tal também foi uma experiência, aprendizagem. e depois a gente participou de uma reunião de avaliação. Acho que foi né em geral foi esse o meu envolvimento no Grand Tour.

ENTREVISTADOR: Professor, você costuma realizar vistas técnicas ao longo das disciplinas que o senhor ministra?

ENTREVISTADO: Sim, Isaque, tu não estudou comigo as disciplinas? Ah... Tem que perguntar né? Ah, sim geralmente assim, olha nas últimas disciplinas da pandemia agora a gente não está fazendo visita nenhuma, mas nas últimas turmas antes da pandemia por exemplo de gestão de hospedagem a gente estava visitando os meios de hospedagem de vários tipos então um hotel de grande porte, né? Uma pousada, às vezes um hotel de menor porte, um hotel de rede, um hotel independente. Então, a gente em todas as disciplinas, todas as turmas. Da pandemia a gente fazia as visitas, né? Inclusive com cuidado assim de por exemplo a turma né? De gestão de hospedagem de hotelaria em teoria tem geralmente trinta alunos, trinta e cinco às vezes quarenta, então assim, né? Pra um hotel pequeno às vezes atrapalha lá e não dá pra aproveitar bem então a gente dividia a turma em um hotel aqui que recebia a gente que eles faziam questão. Se a gente pedisse três grupos eles recebiam em três tardes. Então todo mundo ia. Aquele hotel que se chamava Bristol, mas agora eles mudaram não é mais da rede Bristol, eles eu acho que está como independente agora uma das últimas visitas que a gente fez foi no IBIS, foi bem bacana, né, com a turma de teoria de hotel. Lá em dezembro de dois mil e dezenove. Aí realmente depois que começou a pandemia a universidade tem a normativas, né? Que não aconselham que a gente faça atividades presenciais daí não se fez mais visitas técnicas o que é muito

ruim, mas a gente tem tentado assim ao máximo possível alguns hotéis tem hotel que dá pra você fazer uma visita virtual, né? Entrar no site ali e fazer aquelas coisas com trezentos e sessenta. eu sempre faço isso nas aulas pra tentar mostrar um pouco dos espaços lá do que o os setores, né? Que a gente, que o hóspede tem acesso pelo menos pra que os alunos vejam, mas de fato foi uma perda muito grande assim, né? Para os alunos que entraram, a gente tem aluno que está estudando já há quatro períodos sem ter feito atividade aula presencial e sem ter ido muito provavelmente a um hotel ainda.

ENTREVISTADOR: E professor, resumidamente, para o senhor qual o impacto que o senhor acredita que tem na vida dessas pessoas em formação as visitas técnicas?

ENTREVISTADO: Acredito Isaque que tem o impacto no de não ver de não conhecer de não sentir como é aquela realidade porque a gente fica falando né como fazer como a recepção, falando sobre o ambiente da recepção e tal, que é onde os alunos vão trabalhar. Muitos alunos nunca ficaram hospedados, nunca foram hóspedes, então não conhecem. A gente mostra as fotos e tal. Na visita técnica eles conseguem ver, decidir, a gente até a gente se preocupa com a roupa que eles devem usar pra ir todo mundo arrumadinho de camisa branca, uma calça mais formal e tal, cabelo penteado. Tudo isso pra sentir um pouco como é um ambiente, né? Pros profissionais na hotelaria.

Então, eu acho que tem essa falta de sentimento mesmo de ir pro meio ambiente, de como é o espaço porque no fim das contas as visitas técnicas elas são prévias, né? Mas ainda assim quando a gente vai, por exemplo, todos os hotéis não dá, mas quando a gente vai conceder uma visita que dura às vezes duas horas é o tanto de conhecimento da prática, do dia a dia que os gestores, que os funcionários conseguem passar pra gente. Realmente é uma aprendizagem grande, né? Inclusive pra gente professor mesmo que a gente fica vendo como é o dia a dia deles ali, às vezes tem coisa que, né? A gente muda na prática no hotel e a gente ainda não viu nos livros, enfim, e lá a gente fica conhecendo. Então eu acho que o impacto é esse. Talvez eles possam recuperar né? Na medida que, por exemplo, os estágios esses alunos que entraram no início da pandemia, quando forem fazer os estágios já vai poder ser o estágio presencial. Então aí eu acredito que eles vão ter um pouco dessa experiência.

ENTREVISTADOR: Entendo. E professor, na sua opinião, qual seria o papel das visitas técnicas na formação dos discentes?

ENTREVISTADO: Então, a visita técnica ela tem primeiro esse sentido assim de você conhecer o ambiente, o espaço do trabalho, né? O clima organizacional e tal, conhecer exatamente como os setores, onde os alunos poderão trabalhar, né? No futuro como profissionais, ainda que seja rapidamente, talvez, essa aprendizagem com os profissionais, de ouvir os profissionais, ouvir com o gerente, uma camareira, uma governanta, pelo menos ter essa aprendizagem deles, do que eles colocam ali na experiência deles, permite também que os alunos comparem aquilo que. Estudou com aquilo que vê na prática quando eu faço as visitas eu peço pros alunos escreverem é o que eles viram, o que é semelhante ao que a gente estudou e o que é diferente né? Pra ver se tem alguma diferença as vezes tem realmente tem alguma. Que a gente estudou dos setores, enfim, do hotel. E tem coisas que realmente só dá pra gente, né, ver mesmo ali, oh, tipo, você arrumar uma cama, por mais que você veja vídeos, né, e às vezes na visita técnica. Vou lá desarrumar a cama rapidamente, tento arrumar, né? Então pede a camareira pra fazer isso, envelopar a cama, pelo menos pra eles verem como é. Então eu acredito que a visita técnica pensando assim, né? No nosso caso aqui das visitas mais próxima. Aos meus de hospedagem e tal. No caso do Grand Bull isso ganhou a outra dimensão. Uhum. Porque a gente visitou coisas, ambientes, organizações, a gente conheceu processos que a gente não tenha, por exemplo, de São Paulo eu destaco a gente visitou um hotel tipo cinco estrelas, né? Que a gente aqui em São Luís, enfim, né? Não tem. Tem essa confusão das estrelas tal, mas a gente não tem o hotel daquela categoria e o Intercontinental ali próximo da Paulista é bacana, uma coisa assim, né? Que eu lembro até com o professor Ruan que diz, ah, é um hotel de luxo, vou lá, é luxo. Eu digo, olha, mas eles dizem que eles são de luxo são luxo sim. O hotel que disse que ela é um hotel de luxo e tal, mas perto dos hotéis que a gente tem em São Luís é um hotel com muito mais luxo, então conheci equipamentos diferentes que a gente não tem aqui a gente visitou lá também uma casa dos aposentados, né? Caso de idosos de moradia que a gente não tem aqui. Casa de longa permanência. Então, essa visita técnica permitiu a gente conhecer os equipamentos, os serviços, os produtos e como funciona, né? Os processos aqui em São Luís seria impossível. Sim. Além da experiência de vivenciar a metrópole como São Paulo, né? A experiência...

ENTREVISTADOR: Professor levando em consideração o mercado e a sua compreensão de mercado, as visitas técnicas, elas podem servir como aliada na inserção do discente no mercado de trabalho?

ENTREVISTADO: Sim, concordo, pode sim, inclusive, Isaque, a gente tem experiência de por exemplo na realização de uma visita técnica o pessoal do hotel pediu ao aluno pra levar o currículo lá, o gerente gostou da postura do aluno e tal e disse olha você está em que período? Você não quer trazer seu currículo? E o aluno levou o currículo e foi contratado. Isso já aconteceu com alunos meus mais de uma vez. Uma outra aluna foi em restaurante também. A gente fez uma visita do projeto de extensão, o “profissionalização da hospitalidade” Quando foi no outro mês a aluna disse “ah professor vou trabalhar lá no restaurante”. Então, é está assim, oh, diretamente porque o mundo do trabalho, né? Veio o aluno ali, conhece o aluno ali e tal, como porque contribui pra que o aluno tenha, adquira, desenvolva, né? Essa postura profissional de você ver como é o ambiente, né? Tipo ver como é um hotel, bacana, como é organizado ali a recepção e tal e de repente o aluno se sentir mais motivado a estar ali, a trabalhar ali, né? E também conhecer mais. Então, é por exemplo, fazendo entrevista de estágio, de trabalho, o aluno que. As visitas técnicas com toda certeza ele vai saber falar, né? Mais sobre o que é aquele trabalho, o que é aquele setor, mais do que o aluno que não fez, que não foi. E eu digo isso, você tá como estudante ou quando eu fiz a especialização no SENAC a gente visitou aí em São Paulo né? Aquela diversidade de hotéis e que a gente visitou muitos hotéis então eu lembro por exemplo de uma visita que a gente fez num hotel que é um hotel de luxo... gente, vimos tudo da cozinha mesmo, os bastidores e tal então até hoje, né, eu lembro assim muito bem daquilo que a gente só sabe mesmo ali na prática de como é a operação, o funcionamento né? De um de um grande hotel assim de um hotel de luxo então muito na formação. Como eu disse, é, eu acredito que esse aluno ele que vai, vai ter mais conhecimento né? Mais conhecimento inclusive digamos empírico né? Ali do que é um aluno que apenas. Estudou, né? Apenas leu. Por mais que hoje em dia a gente tenha muito vídeo, muita coisa on-line e tal. Mas não é a mesma coisa de você estar ali, né? Vivenciando e tal.

ENTREVISTADOR: E, professor em relação ao Grand Tour, na sua opinião qual foi a importância pra formação dos alunos em turismo e hotelaria pro senhor.

ENTREVISTADO: Olha, nossa tem, primeiro, a importância, a experiência de fazer uma viagem tipo de pegar desde o início, né? De planejar, comprar o pacote, entender como funciona o pacote de viagens, depois planejar a sua viagem e tal, roupa de frio, roupa assim e roupa tal, depois viajar. Alguns alunos não podiam ter essa experiência então isso também faz parte, né, da nossa vida pessoal e profissional, também saber como a viagem é cansativa quando você chega em um hotel, ou às vezes está mal-humorado, é porque você acordou de madrugada pra viajar e tal e a experiência toda da viagem em si, a experiência de conhecer um pouco a cidade de São Paulo, de andar de metrô e tudo isso aí e também. É a contribuição de conhecer as empresas, as organizações que a gente não poderia conhecer aqui em São Luís. E além disso, Isaque, ainda a experiência de ficar hospedada em hotel, muitos alunos nunca tinham ficado então lembro que. Chegou tipo umas oito horas da manhã no hotel lá perto da Paulista. O check-in era duas horas então a gente organizou aquela história de guardar as bagagens de todo mundo e tal como era o grupo, né? Só juntou lá numa sala nem acreditou. Colocou lá na sala e tal, depois como é o quarto eu lembro que a gente foi tomar um vinho lá no restaurante e pediu um copo e deram um copo descartável pra gente aí já sabe que eu fiz uma palestra, né, lá no restaurante, a pessoa não vem fazer um copinho daquele americano e tal, enfim, então a gente tomou da mesma forma, mas também teve essa experiência da hospedagem. Acho que ainda acrescentaria né a experiência da interação com os colegas. Quando vocês. Assim, que você tá ali compartilhando um quarto, convivendo, uma semana com os colegas, isso também traz uma aprendizagem assim, um desenvolvimento interpessoal, funcionamento, piorada, você tem que discutir, eu lembro que a gente discutia se era melhor entre Uber ou de ônibus. Sim. Aí ficava naquela coisa, enfim, então esse é a aprendizagem interpessoal também de relacionamento é importante.

ENTREVISTADOR: Entendi, então. Em relação ao projeto, ele contribuiu pra sua prática docente?

ENTREVISTADO: Ave Maria! Contribuiu demais. É. Por isso também a gente vê como eu te disse, eu já tinha falado antes, agora reforço. A gente aprende muito também. Então a gente aprende, né? No caso a gente professor, tal, até na viagem a gente tá ali como organizador da viagem, né? Então não estava só como passageiro. A gente estava ali organizando, por exemplo, o professor Ruan ficava indo falar com todos os alunos no avião, pra saber se estava passando bem ou não e tal. Então, a gente tem

essa experiência, essa aprendizagem na organização do grupo todo, tal modo de agenciar uma viagem, a planejar e a experiência e a aprendizagem de conhecer essas empresas, essas organizações, esses processos que a gente aqui em São Luís por exemplo, a casa de idosos foi a primeira que eu conheci daquele tipo. Nunca tinha conhecido uma casa assim, né? Que é tipo um hotel que recebe os idosos pra morar lá, né? Que eles preferem ir morar lá tal. Fora do Brasil já é bem comum, na França. Lá em São Paulo já tem algumas, a gente visitou uma que fica próxima da Paulista. Eu não vou lembrar o nome agora, mas o próximo. Foi muito bacana o que a gente vê, né? Como é, como que são os serviços que são os produtos, vê o que é que tem de novidade e tal, tem a diferença do que é um hotel mais luxuoso pra o que a gente tem aqui de mais luxuoso, então com certeza é uma aprendizagem muito importante pra gente também.

ENTREVISTADOR: Sim, e em relação ao Grand Tour o senhor consegue me destacar dois pontos positivos, dois pontos negativos?

ENTREVISTADO: Nossa, Isaque, agora eu não vou lembrar alguma coisa a ser melhorada, mas na época eu acho que a gente fez esse apontamento acho que a gente fez esse relatório, eram questões mais assim ah pronto eu lembrei de uma coisa porque a gente. Sugerir que a gente poderia melhorar, são coisas bem operacionais, tipo, a gente tinha visita, sabe, de manhã, de tarde, de noite. E eu percebi que isso ficava muito cansativo, isso atrapalhava até aprendizagem mesmo, a experiência. Então, eu lembro de uma das sugestões que a gente colocou e os alunos. Alguns alunos pediram isso é que a gente podia tinha que fazer no máximo mesmo duas visitas por dia porque não adianta querer fazer três visitas por dia e aí você terminar ficando super cansado a gente viu que isso não era ideal, então essa é uma das coisas que eu considero que poderia melhorar né e de pontos positivos né vou destacar pra destacar dois é essa possibilidade é do aluno ter a experiência. Da viagem da viagem né completa, de pegar avião, de ficar hospedado em hotel e tal fazer e tal e o segundo né a experiência da aprendizagem nas organizações das empresas que a gente teve. Eu acho que esses são a gente está com os dois principais positivos. A experiência de conhecer os novos produtos. A gente não tem aqui, a experiência de aprendizagem, de conhecer lá é os serviços e os processos nas empresas que a gente visitou. Todas as organizações que a gente visitou.

ENTREVISTADOR: Professor, teria mais alguma sugestão que o senhor poderia dar pro projeto para as próximas edições?

ENTREVISTADO: Sim, tenho sugestões sim, inclusive, sem fugir da entrevista, mas eu estou me colocando como candidato ao chefe do DETUH e as minhas propostas de ação está destacando lá, né? O apoio a viagens acadêmicas. Só não coloquei exatamente o Grand Tour né? Pra não dizer que é só o projeto do professor Ruan e tal, mas coloquei viagens e é no Brasil e na América Latina. Eu acredito que a gente tem condições. Quando passar a pandemia, né? Tudo e tal estiver mais tranquilo de organizar uma viagem. Por exemplo pra Argentina, pro Uruguai, enfim... porque né o gosto é um pouco maior e aí já vai ser uma experiência internacional é eu acho que o sonho o próximo desafio o sonho nosso é realizar uma viagem é de aprendizagem internacional.

ENTREVISTADOR: Entendo. Bom, professor, se o senhor tiver mais alguma consideração pra fazer, o senhor pode fazer, tá bom? Chegamos ao fim do da nossa entrevista com o nosso questionário.

ENTREVISTADO: É, eu agradeço muito a participação, está bom? Mais alguma coisa só desejo boa sorte pra você, parabéns pelo tema, pelo trabalho, acho que vai ficar um trabalho bacana, muito importante registrar essa experiência, né? O que foi e tal e o seu. Fica assim um super é o TCC mesmo, né? É o TCC mesmo? Do tipo monográfico quis dizer, né? Uma monografia então é mais completa, é mais detalhado, então acho que o seu trabalho traz uma contribuição muito importante. pra o nosso curso, né? Pra ambos os cursos de porque ele registra essa experiência que os alunos fizeram.

DOCENTE D

ENTREVISTADOR: De início eu queria que a senhora falasse a respeito da sua formação, das suas experiências profissionais, cargos, funções disciplinas que já ministrou nos cursos de turismo e hotelaria?

ENTREVISTADO: Então, eu queria te agradecer, né? Pela indicação, né? Por me convidar a participar dessa entrevista, né? Que é uma pesquisa aí do trabalho de

conclusão de curso, pra mim é uma honra, né? Estar aqui. Mesmo sendo um domingo, mas sobretudo para falar de um assunto muito interessante que é que foi né? Aliás que é, porque não terminou o projeto Grand Tour. A minha formação foi em turismo, né, e pedagogia, eu sou pedagoga e turismóloga, turismóloga pela Universidade Federal do Pará. Tenho especialização em especialização em turismo pela USP tenho, mestrado em ciências da comunicação pela USP também, fiz o doutorado e o pós-doutorado na Universidade Federal do Pará no núcleo de altos estudos da Amazônia. No doutorado eu pesquisei sobre a governança ambiental e o turismo em três parques nacionais dois deles aqui no Brasil no Maranhão mais especificamente que foi no Parque Nacional da Chapada das Mesas e no Parque Nacional da Amazônia e no Pará e na Amazônia e também no Parque Nacional Tortuguero na Costa Rica quando eu fiz o doutorado sanduíche. E mais recentemente eu concluí o meu pós-doutorado que foi sobre turismo de base comunitária na Amazônia onde eu analisei onze projetos, 12 empreendimentos de turismo de base comunitária em três países... né? Então foi na Amazônia, né? Envolvendo o território brasileiro o peruano e a Bolívia. Né? Então eu fiquei praticamente aí durante 2019. Fazendo esse levantamento de dados, né? Estudando, mas conhecendo, fazendo as visitas técnicas que eu acho que tem muito a ver aí com o teu trabalho, né? Então a minha pesquisa foi muito voltada para o conhecer, né? Dentro aí desses países que são referências do turismo de base comunitária e que foi uma experiência fantástica. E além da parte acadêmica eu já trabalhei com o turismo municipal, né? Nós tínhamos um grupo de discussão em noventa e sete, mil novecentos e noventa e sete quando foi criada a Fundação Municipal de Turismo que hoje é a Secretaria Municipal de Turismo, né? Então eu participei da equipe de criação e também participei da gestão desse órgão. E em seguida eu fui, aliás paralelamente, né, esse trabalho eu era avaliadora dos cursos de turismo e de hotelaria pelo ministério da educação, né, eu passei eu acho que dois ou três anos aí viajando pelo país fazendo as avaliações e consultorias aí por esses cursos. E em seguida eu fui, eu coordenei um projeto grande no SEBRAE que foi sobre extensão, né? Um projeto de formação aqui no polo de São Luís de Alcântara onde nós realizamos onde nós atingimos um público de mais de três mil pessoas, né? Envolvendo alunos de um modo geral aqui de São Luís e Paço do Lumiar, Alcântara, São José de Ribamar e Raposa. Foi uma grande pesquisa que envolveu os alunos, né? Muitos alunos na época, já que aqui tinham várias faculdades de turismo, né? Eu fui coordenadora pela UFMA, né? Em seguida eu fui convidada

para compor a equipe de Jackson Lago pra ser secretária adjunta de turismo, né? Cargo esse que muito me orgulha e passei, foram dois anos e sete meses né? À frente da Secretaria Estadual de Turismo quando foi, né? Porque era uma secretaria extraordinária, né? E o governador Jackson Lago, né? Criou a Secretaria Estadual né? Então passou a ser passou e deu o start na secretaria. E também da secretaria eu ocupei o cargo de secretária executiva do comitê de relações internacionais, né, da Secretaria de Planejamento, né? Então que eu exerci essas duas. Aí quando eu estava afastada, cedida, né? Da universidade para o governo. E eu tive a oportunidade, foi bem legal, né? Porque nós organizamos aqui um evento pra discutir a questão da cooperação com o governo do estado com sete países, né? E eu fiz toda a articulação com Brasília, conseguimos aí com a minha equipe trazermos, sete países, tiveram a participação de sete países, né? Foi um evento fantástico, né? De aproximadamente quatrocentas pessoas e foi um baita de um aprendizado. E também, em seguida eu fui fazer, pós-doutorado, né? Mais recentemente, né? Quando eu estive lá por esses três países. E quando eu voltei do pós-doc eu agora tenho um projeto de extensão em Santo Amaro né? Onde eu desenvolvo o turismo de base comunitária né? Em várias comunidades, mas ficou parado, né? Por um bom tempo e por causa da pandemia, né? Mas eu reativei em julho de dois mil e vinte e um, né? Fazendo as atividades de modo um pouco mais tímido porque a gente não pode ter a participação dos alunos, né? Nós trabalhamos lá, né? Com todos aqueles cuidados, né? Que requerem momento em termo de protocolo de eh de sanitização, né? E esses protocolos aí em torno do COVID que agora tem mais essa a questão da influenza né? É uma cidade toda gripada e eu e enfim. Então eu passei dois anos como chefe lá do departamento, né? Eu sou a decana do departamento, né? Tenho trinta anos de Ufma e já passei por todo dentro do nosso coletivo lá da. do turismo e da hotelaria eu já fui coordenadora do Labour já fui coordenadora do núcleo de estudos e pesquisa, já fui coordenadora de estágio, supervisora de estágio, chefe do departamento por duas vezes eleita já fui também coordenadora Pro Tempore ainda na pandemia do curso de turismo né? Já participei do DCE, colegiado desses colegiados aí, né? E também é essa a minha, a minha, meu trabalho na universidade e também eu tenho uma participação grande, né? Agora estou um pouco mais tímida, mas eu me reivindico como socialista. Né? E como tal a gente está aí nas lutas, sobretudo pra defender a universidade: Gratuita, laica, né? Porque a gente está vendo aí o caminho aí das privatizações, né? E a nossa preocupação tem sido essa. Então

esses projetos que mencionei eles possuíam na sua na composição da formação deles vistas técnicas então, é... eles são visitas técnicas, né? Esses dois projetos são projetos de extensão, né? No município de Santo Amaro onde a gente trabalha, onde a gente desenvolve ações junto aos comunitários, né? E dentro da comunidade a gente pretende a gente está é fazendo alguns segmentos. Né? Sobre o sob a gente também podemos considerar que é porque ela é muito mais de uma visita técnica, né? Porque pelo conceito que a gente tem de visita técnica o que é uma visita técnica é quando um grupo né de um lugar para outro com um objetivo E aí eu estou trabalhando especificamente o que nós temos de prática né curso de turismo e também enfim em outras localidades em grupo de professor, de alunos coordenado por um dos professores, né? Que fazem, que tem dentro dos seus conteúdos programáticos, né? Um momento em que o aluno vai se deparar com o que a gente chama de lócus, né? De onde acontece o trabalho, né? De onde de fato acontece a quer seja a atividade, o serviço, o entretenimento, né? E isso é o que a gente entende de pôr visita técnica que é uma visita a mais de cunho pedagógico, né? Porque essa visita técnica nasce da necessidade de você apresentar o espaço físico digamos, é a materialização do que é discutido em sala de aula. Né? Então eu sou superfã de visitas técnicas, né? Eu não eu não dou uma aula que eu não faça três ou quatro, as visitas técnicas inclusive, dependendo do lugar a gente chama de viagens técnicas, né? Que é justamente essa proposta aí que o Ruan teve quando concebeu né? E implementou né? Executou o Grand Tour. Né? Porque aí vem toda a base do que a gente estudou lá no passado do que vinha a ser o Grand Tour, né? Lá na Inglaterra. Isso. Né? Então a visita técnica porque assim a visita técnica né? Eu estou aqui, eu vou aqui no hotel, estou fazendo uma visita, eu vou no restaurante, numa praia, né? Mas a viagem técnica é esse deslocamento, né? Pra outro lugar que tem as características do turismo né? Enfim do turismo convencional e aliás do turismo tanto o de base comunitária quanto turismo ele tem a característica do deslocamento né e é quando vem o momento né que eu eu acho fantástico que é a visita técnica, tanto a visita quanto a viagem técnica porque ela são de uma riqueza incalculável. Porque quando no caso do aluno e o professor eles se dispõem a sair da sua zona de conforto e conhecer, né? Porque quem trabalha com turismo, né? Às vezes eu fico muito triste de que eu tenho esse aluno de sétimo, oitavo que nunca nem saía, que nem conhece aqui o nosso produto: Barreirinhas. Aí vão pra Alcântara por conta das nossas viagens técnicas né? Por enfim, mas aí já são outras questões porque pra mim é um momento

enriquecedor tanto do ponto de conteúdo técnico, né? Eu falo de conteúdo técnico porque o nosso curso embora ele seja e esteja dentro da área das ciências sociais mas a gente tem muito técnico. Né? Então a gente quer você que trabalha aí na hotelaria sabe da importância de conhecer as técnicas né? As ferramentas pra poder desenvolver, né? Um trabalho. Então é isso que eu entendo por visita técnica né? E eu acho assim que a gente até deveria começar as aulas com as visitas técnicas né? Porque é muito mais fácil eu por exemplo tenho uma de falar agora nas minhas aulas sobre o turismo de base comunitária porque com duas ou três imagens eu dou uma aula. Entendeu? Porque eu já fui no campo, eu já li e tal aquilo vai e flui e a viagem técnica ela tem o objetivo de não apenas ouvir, mas sim aprimorar o conteúdo que é ministrado na sala de aula, mas ela é muito mais do que isso, né? Porque ela possibilita ao aluno sobretudo a ter um olhar mais amplo, né? De um mercado, de um meio de hospedagem. Né? Ele possibilita a incorporação do que a gente chama de outro cotidiano. Né? Por exemplo, nós não temos o metrô, né? Aqui no Maranhão né? E pode ser pode ser até uma coisa boba, mas legal que é você andar no metrô. E no caso da visita técnica do professor Ruan teve. É legal a gente levar o aluno que às vezes nunca nem viajou de avião, né? E ir no avião, é se hospedar num hotel legal, né? Conhecer “o outro”, né? Outro lugar, então a visita técnica é mais do que esse conhecimento. Né? Porque cada viagem eu sempre digo depois de cada viagem nós nunca somos os mesmos. Ainda mais uma viagem com o professor, com o aluno no âmbito acadêmico. Ela enriquece muito. É bom ver o pertencimento que vem pro aluno durante as visitas técnicas, como no TBC eu acho que isso muda molda a nossa vivência. Molda o nosso pensar e a partir de então, gira aquela chavinha na cabeça, abre ela.

ENTREVISTADOR: E em relação ao Grand Tour né? O objeto de estudo deste trabalho. Eu poderia me citar qual foi a sua participação no Grand Tour?

ENTREVISTADO: É... então tudo tem uma história, né? Quando o professor Ruan ele começou a falar, né? Sobre essa possibilidade, né? Esse projeto de levar alunos, me parece que nasceu na sala de aula, né? Junto com os alunos, ele teve uma ideia e os alunos ele até fez uma postagem outro dia. Essa foi a turma que nasceu no Grand Tour. E eu estava à frente da chefia do departamento de turismo e eu a princípio não acreditei né? E até hoje ele diz isso. Mas eu não tenho problema porque eu acho que se a gente não errar, repito: se a gente não errar não estaríamos aqui né? E às vezes

a gente. Eu até prefiro ter mais erros porque a gente aprende com os erros do que acertar. Verdade. Né? Eu tenho isso comigo eu não tenho problema, sou muito autêntica nos meus posicionamentos, quer sejam de natureza políticas, acadêmicas, enfim. Mas por que eu não acreditava? Porque eu achava que os alunos não iam ter condições financeiras. Né? Não ia ter condições financeiras porque eu me lembro que na minha época de estudante nós fazíamos isso. Como professor, né? Nós viajavamos, nós viajamos por exemplo a nosso digamos, o nosso primeiro Grand Tour que eu fiz foi na federal do Pará foi daqui pra São Luís. Né? Nós viemos com a professora Ângela do Espírito Santo que foi inclusive a minha orientadora. E foi uma viagem fantástica. Nós viemos no ônibus da universidade, né? Nós ficamos no primeiro albergue de São Luís, né? Foi muito legal. A gente fez essa viagem e ela me despertou porque nós saímos do Pará. Embora eu já tivesse, enfim, viajado pra outros lugares. Mas com outros colegas não, né? Mas a gente via a alegria né? Das pessoas viajar aqui pro Maranhão. Então eu fiz esse meu digamos assim um Grand Tour. Na verdade, o Grand Tour na verdade era uma disciplina de patrimônio, mas que a gente tem várias coisas, né? E nós fomos de ônibus, com o ônibus da universidade. E a proposta do professor Ruan foi de nós irmos de avião né? Mas eu achava que não ia ter adesão por conta do da passagem de avião. Tinha que pagar hotel. E quando na verdade quando lançou foi o maior sucesso. Né? Então a gente abraçou o projeto né? Foi uma experiência fantástica, eu sempre digo né? Cada viagem que seja daqui pra Ribamar é uma viagem, né? E a gente aprende. E voltar pra São Paulo, né? Porque eu já morei em São Paulo, eu já fiz especialização em São Paulo, fiz mestrado em São Paulo, voltar com o Grand Tour foi diferente. Sim. Né? Porque é um trabalho né? E eu fui acompanhando né? O Ruan que era o coordenador, né? E eu fui, né? Para auxiliar, né? A minha participação foi muito boa porque assim, o Grand Tour a viagem em si tem etapas, tá? E teve a etapa do planejamento, né? Uhum. E na etapa do planejamento nós tivemos alguns problemas, né? Me parece que foi com a empresa, né? Que a Labotur tinha contatado e aí eu tive uma intervenção muito importante, eu tive que ter uma intervenção muito forte, todos muito tensos né, mas eu tranquila digo não vamos resolver tudo né e eu entrei aí com o que resolver, né? E foi tudo bem, as pessoas porque assim é são experiência, né? É claro que eu tenho é trinta anos de UFMA. É impossível dizer que eu não tenho experiência que nenhum ou qualquer outro se disserem que eu não tenho é entendeu? Claro que eu tenho. Sim. Né? Apesar de pintar meu cabelo mas deixar se eu deixar ele cabelo branco... Muitos. Né? Então

a gente tem mais experiência. Né? Eu acho que a gente contornou muito bem o primeiro, né? Foi aprendizado, né, Isaque? Tudo é aprendizado. Eu não posso dizer aí eu vou fazer uma organizar uma viagem, não estou aprendendo. Que você viaja por exemplo até nesse projeto que eu tenho de Santo Amaro né? Eu tive, eu tive agora uma experiência com os pescadores que eu disse “nossa, no alto do meu doutorado, pós-doutorado...” não importa o teu nível de formação. Não importa a tua formação, né. Você vê o mundo. E isso é importante porque esses momentos a gente se depara com o outro. E eu me lembro que também teve um problema lá com um aluno Marcelo né? Que ele adoeceu, pegou uma gripe forte, né? E eu não fui, eu me lembro que eu deixei de fazer um uma atividade. Pra ficar no hotel né? Que caso, enfim, Caso ele adoecesse né? Eu estaria lá. Não teve problema nenhum. Eu fiquei no hotel, mas foi muito bom né? Então a minha participação na coordenação, né? Mas digamos que eu fui uma espécie de coordenadora adjunta aí do Professor Ruan. né?

ENTREVISTADOR: Você costuma realizar visitas técnicas ao longo das disciplinas que ministra nos cursos de Turismo e Hotelaria?

ENTREVISTADO: É, assim eu por exemplo eu ministrei a disciplina de ecoturismo, né? Não sei se tu já fizeste comigo, mas eu acho que não. É de ecoturismo e econegócios pra hotelaria. Né? Então hotelaria no meu entendimento ele é tem né? Se bem que mudou eles têm um currículo muito mais técnico, né? Do que o nosso de turismo e eles também não é, eles desenvolvem poucas pesquisas, né? Então talvez agora, né? É com essa eu falo dos professores específicos, né? Não dos de turismo, porque os de turismo também tem mais pesquisa e também dão aula na hotelaria e acaba envolvendo aí todo mundo. No caso específico da minha disciplina de ecoturismo e econegócios eu primeiro tento logo dizer pra eles o que é, mas não o que é turismo de conceito, né? Para que eles passem a analisar não digamos o equipamento da hotelaria, os serviços, né? Os eventos eu trago pra eles a cidade. Né? Porque é na cidade, né? No espaço é que vai acontecer o processo e onde vão estar os equipamentos. Né? Então, a perspectiva da minha disciplina é em colocar no turismo, né? Não apenas o turismo, digamos não apenas o ecoturismo, né? Já que a disciplina de ecoturismo, mas que eles tenham a percepção de onde eles estão. Né? De que o lixo lá na Praia Grande, por exemplo, ele tem impacto sim na atividade dele. Entende? Lá da hotelaria. Porque não acham que o que eu tenho de trabalho é o hotel. Né? Tu sabes que tu trabalha. Não é? Mas o hotel está numa cidade. Né? Ele

está numa comunidade. Né? Então eu trabalho assim dentro dessas perspectivas né? Mas como é que eu vou fazer isso? Levo o aluno da hotelaria pra fazer isso no centro histórico. Levando o aluno da hotelaria de dentro do centro histórico conhecer a Pousada da Amazônia né? Aquela pousada lá dos italianos. Sim. E levando os alunos da hotelaria lá pro Parque da Alumar que é o nosso o parque urbano. E levando o aluno da hotelaria, né? Pra ele se hospedar num hotel, pra ele conhecer o destino, pra ele fazer um by night né? Porque eu adoro fazer em Alcântara um by Night. É porque durante o dia eu acho insuportável, né? Na verdade eles e nem eu. Nem fui pra esse porque eu não aguentei de tanto sol, eles entraram na igreja de lá das Mercês ou do Carmo. Acho que é do cara. Aquela igreja sempre com fundo. Eu acho que é Do Carmo, né? E eles olharam a arte barroca que tem lá aqueles anjinhos. Uhum. É dizer pra eles que às margens da Baía de São Marcos tem uma arquitetura barroca lá, entende? Sim. É eles irem comigo lá na ilha do Livramento ver que tem uma senhora que mora lá, que é uma lutadora pelo meio ambiente e que a dona é eles depois de conversar com ela tomarem um banho lá, né? E também isso é rápido, mas a gente tem um momento de, né? De pegar o barco e ver a revoada dos guarás. Né? E ir num barquinho lá com seu Dico, com seu João, né? Então é essa perspectiva que as visitas técnicas ou viagens técnicas, né? Pro curso de hotelaria. E, outra coisa que eu me lembro é que foi prático, né? O que a gente fez foi. Infelizmente eu estava super planejando fazer umas experiências diferenciadas lá em Santo Amaro com os alunos, mas é impossível fazer agora, mas eu consegui levar um grupo de alunos, né? Da disciplina de para eles e ele passa a tomá-lo numa ação que foi para além do projeto na formação é que a gente pode dizer Natalina, social natalina nas comunidades, né? Eu acho que ninguém nunca vai esquecer, eles não vão esquecer nunca daqui, não mesmo. Verdade. Né? Então e também aconteceram, nós salvamos uma tartaruga né quando nós fomos pra lá na praia quando nós cruzamos o parque lá por Travosa e foi uma experiência fantástica. A gente correr, ficar desesperado e salvar ali aquela baleia, aquela tartaruga, né? Que estava toda envolvida naquelas redes, né? Do arrastão, a bichinha. Com as mãozinhas, né? Aí eles tiveram por sorte a experiência também nessa viagem de que foi a hora que os pescadores chegaram lá na praia de Travosa e eles viram os pescadores correndo com o barco, né? Porque o barco saiu do mar e tem um carrinho tipo assim só eu não sei como é o nome daquilo, um carrinho de duas rodas. Parece uma carroça. Leva o barco até os ranchos e os alunos viram aquilo e viram quando eles chegaram, jogaram peixe na roda, né? Eram cinco

pescadores, quatro ou cinco e começaram a tratar um peixe. Então a gente viu um monte de peixe ali pulando. Sim. Né? Nós tiramos foto. Nossa, foi fantástico, fantástico. Aluno não vai ver isso na UFMA, não vai ver. Mas na visita o aluno teve a oportunidade de ver na minha disciplina, só não tiveram a oportunidade de comer peixe. Deu de ver ele cortando e eu nunca tinha visto, chega aquele peixe os peixe pulando, aí eles cortando, eles tratando lá. Na época tinha lá um dos comunitários, aquelas crianças correndo porque eles achavam que a gente ia dar presente né? Não é isso, não é um projeto de assistência ali. Aí foi legal porque o intuito foi de levar o nosso abraço. Aquelas felicitações que eu acho que você participou. E foi muito legal porque foi muita gente. Né? E eles gritavam, eles queriam eu disse “nós vamos fazer”. Nós vamos dar um abraço em vocês. Eles fizeram fila, né? Pra dar abraço na gente. Feliz natal. Foi bem legal. Né? E porque turismo é isso, né? Não é só a reserva do hotel, no caso, né? Não é também isso né? Eu não entendo hotelaria, né? Essa questão aí, senão se não tiver esse tipo de coisa, né? Então eu acho que a visita técnica, e como o próprio nome diz ela é técnica, mas ela é cultural né? Ela humaniza né? As pessoas. Cheguei à conclusão, Isaque, que a parte técnica, você ainda mais agora com tanta informação, com tanta mídia, né? A gente assiste se a gente tiver a informação, se a gente tiver boas orientações do professor, né? As pessoas dando aula. Sim. A gente consegue adquirir técnica e ter o domínio da técnica muito rápido. Mas humana, não. Né? Então acho que a gente precisa ter esse foco aí. Porque por exemplo se eu te der um livro, se eu te passar olha cinco livros tu vai estudar sobre turismo de aventura vai voltar sabendo tudo do turismo de. Agora se eu disser Isaque eu vou te pagar uma passagem bem ali pra tu lá na Austrália fazer uma visita um turismo de aventura tu vai voltar outro Isaque entendeu? Sabendo tudo. Então a visita técnica ela te proporciona, né? Essa inserção, né? Naqueles que podem ser pequenos mundinhos, né? Aham. Ela te insere e tu amplias, né?

ENTREVISTADOR: Em relação às visitas técnicas qual a importância delas para a formação do discente em turismo e hotelaria?

ENTREVISTADO: Olha, o aluno tem a possibilidade de conhecer a realidade, né? Porque ele vai estar lá. Ele vai ver né? Por mais tecnologia que se coloque em sala de aula, ele vai sentir, ele vai ouvir as pessoas falando, ele vai ouvir até o tom de voz do recepcionista. Entende? E depois eu vou te contar uma experiência que eu tive aí, sobre essa questão do tom, né? Do tom da voz. Então ele primeiro e como a essa

aproximação com a realidade. Então, eu acho assim que primeiro lugar isso, né? E em segundo lugar ela, ela pode eu não digo que em todos os casos ela aconteça, né? Mas eu acho que muito do papel do professor após a visita técnica vai aguçar porque uma coisa eu conheci a realidade, né? Sim. Eu estou aqui por exemplo aqui estou aqui na minha sala eu estou vendo aqui o meu gato eu estou vendo na planta eu estou vendo uma decoração, né, um vaso uma lâmpada, enfim, um computador, um notebook eu estou vendo, né, eu estou enxergando, mas uma coisa é a minha relação com isso e é o que eu posso a partir do que eu vejo, posso refletir sobre o que eu vejo, né? No caso é sobre o que eu posso na visita técnica porque não é só ver, é absorver e analisar porque é esse que é o papel do estudante universitário junto com o seu professor. Né? Eu não vou pra lá. eu vou tirar vou pra lá pra tirar foto, né? E inclusive eu tive uma experiência muito grande lá na Serra da Capivara quando levei meus alunos e hoje eles correm de mim pelo o que eu falei pra eles lá. Né? Porque uma coisa é eu ver, outra coisa é até comportamento né? Então a visita quando você vai no ambiente né? Que você vê as pessoas com uniformes, bem vestidas, bem arrumadas, né? Com seus cabelos, né? Se você se depara com vários pontos, né? E hoje as pessoas estão usando o cabelo grande, né? Não tem, né, enfim tem uma aí uma nova, digamos assim um novo perfil né das pessoas né pra trabalhar. E, eu vejo assim que sendo objetiva: a questão, quem conhece a realidade passa a desenvolver esse senso crítico com relação ao que se vê. Porque aluno de turismo e de hotelaria pra criticar meu amigo, nós somos umas águias, né? A gente olha e a gente já pensa. A gente também abusa muito fácil, né? Sim. Se eu tenho, tu tens cem vezes, mais porque é questão da experiência de vocês têm o contato, isso é uma possibilidade do aluno de reflexão, né? Após visita técnica, discutir em sala de aula. Eu particularmente digo, eu faço o roteiro e ele é mínimo porque a gente tem que entregar aí um relatório né? Passa o roteiro, passo a passo numa folha com o com os tópicos né? Construo com eles explico e já vou pra visita técnica. E volto e aparecem muitas coisas, né? Das mais variadas matizes, né? Até que a roupa da moça que vende o picolé, a arrumação do cabelo... Aí aparecem coisas, né? Mas você acha que é um universo fantástico. Então eu acho que ele aguça né? Para a reflexão, né? Não é criticar por criticar, eu odeio isso esse tipo de coisa. Ah isso aqui não, aqui estava assim por causa disso e daquilo e daquilo, e eu lembro muito só uma história, né? Que eu fui numa visita com meus alunos de turismo pra Serra da Capivara. E eu tinha acabado de chegar do Equador e de Israel, uma viagem aí que eu fiz e eu tive que fazer aquela

visita técnica pro parque. Eu não tive muito tempo para fazer o planejamento, ainda mais pra preparar o aluno pra viagem. Porque eu sei que no Grand Tour o Ruan faz isso. É com roupa assim, roupa lá, ele dá o *dress code*. E está certo. Porque não é uma viagem de lazer que eu vou poder me apresentar de short, é uma viagem de trabalho, de oportunidades, né e aí eu sei. Eu mandei pra esses alunos lá não, não falei, não tive tempo enfim nós fomos foi uma viagem maravilhosa, mas eles me assustaram porque quando eles entraram. Eles falavam alto como eu estou falando aqui contigo e eles... nunca esqueço que tinha uma pedra né que as pessoas comumente sobem nessa pedra... Quando viram as pedras saíram assim gritando em bando aí eu disse pronto acabou a minha carreira e esses meninos vão tudo cair daí eu pensei assim e eles gritavam meio que desesperados porque é realmente um lugar bonito eles foram embora daí eu me lembro que tinha um aluno magrinho alto chega quando eu vi eu digo “meu Deus” então vi que tinha umas gordinhas, né? Que ficaram meio assim eu digo eu digo não gente embora a gente vai subir na pedra mas tem um outro caminho que é menos íngreme. Mas eu fiquei com medo né? Nós tiramos foto nessa pedra e eu chamei a atenção deles porque durante uma visita técnica eles falavam muito alto. Sim. Eles riam e isso não é comportamento para dentro de uma unidade de conservação. Você está na casa alheia. Né? Você está na casa né? Do tamanduá. Dos pássaros. Né? Nós somos invasores. Eu digo aí eu disse olha tem pessoas que vêm de outros países só pra ouvir, dos pássaros em parques. E vocês ficam gritando, as pessoas até se assustam com vocês. Olha quando eu morava em Belém, eu morava próximo de um hotel, era Português, né? Quando eu ia pro colégio que eu morava, enfim a gente ia a pé pro colégio, eu passava na porta do hotel e eu dizia ah eu quero trabalhar no hotel porque eu vi aquele prédio bonito, aquelas moças na recepção de uniforme todo mundo de paletó eu passava. Ah eu quero, né? Aquilo todo dia eu passo, todo dia eu passava que eu ia pra um colégio né? Aí eu comecei a viajar, comecei a gostar de hotel e aí eu queria fazer hotelaria, né? Então na faculdade tivemos que fazer várias visitas técnicas e eu sempre me almoçava né de hotel porque eu também me animava, mas era antes de entrar pra faculdade porque eu queria. Na verdade é hotelaria, né? Eu não queria fazer turismo. Só que em Belém não tinha hotelaria. Mas eu fiz o meu estágio na Rede Accor em Belém que era no Novotel. E quando eu fiz meu mestrado eu vi nos meios de hospedagens. Olha o tanto que eu sempre gostava, mas hoje em dia não, hoje em dia só gosto mais de hotel mesmo pra me hospedar, nada de estudos. Adoro ficar na rede. Adoro estar em hotel.

ENTREVISTADOR: Bom, mas e o que que a senhora então acha da importância do Grand Tour para a formação dos discentes?

ENTREVISTADO: Excelente porque eu vejo assim, né? Que tem um professor que está disposto a fazer isso e porque é um projeto no curso, né? E eu já ouvi de professores que “ah, eu não saio aqui da ilha de São Luís” E não quer é muita responsabilidade. E eu vejo que também tem por partes aí dos nossos docentes isso pode ficar na no teu trabalho não tem problema nenhum, que as pessoas às vezes não querem sair da sua zona de conforto. Sim. Né? E também, mas também tem algumas razões né? Porque na universidade ela não tem dinheiro pra isso. Pra fazer essas visitas, mas eu acho que dá pra fazer né? Eu por exemplo nas minhas turmas que eu viajo pra Santo Amaro nessa turma que nós somos como eu tinha o projeto já tinha algumas articulações. Aluno pagou e duzentos reais pra ele. Entendeu? Aí eu digo: olha, a gente vai dormir em rede. Vamos comer PF e eles “não, professora, nós vamos”. Elas têm um papel fundamental na formação. Elas conseguem sim, elas conseguem porque aí eu não saberia te precisar o percentual. Sim. Né? Elas são excelentes porque agora não sei te dizer porque a gente não fez um trabalho, eu não sei se o teu tem pra medir isso. Que eu só posso dizer se as visitas elas contribuíram para o aluno, pra formação dele se eu for com o aluno e ver se contribuírem. Aí ele vai te dizer né? Eu estou te dizendo que eu acho que contribuíram pra mim. Eu acho que a gente poderia investir mais nesses dois cursos nessa questão das visitas técnicas. Fazer algumas mais programático, né? A gente com ônibus, como é que é? Não o ônibus da UFMA, mas o ônibus esses ônibus de turismo, né? Fazer um convênio né? Pra ter porque a gente tem que ter essa experiência na universidade. Ah, vai um de ônibus, outro não, gente. Turismo é organizado. Eu não posso impor, “eu vou de ônibus e tu vai disso?” Não pode já é desordem, até as visitas técnicas a gente sabe não eu sei que tem professor que coloca dez aluno no carro e vai e eu digo que tem que ter procedimento.

Eu fiz um curso por exemplo em Israel que foi sobre gestão ambiental em reserva. Sim. Era um curso de dezessete e nós fizemos muitas visitas técnicas. Todas muito organizadas. A gente faz aqui. Bom, mas só se todo processo fosse organizado. O aluno vai pra UFMA entra, no ônibus o professor vai estar lá vai levar os alunos e vai deixar lá na UFMA. É isso que seria o certo de uma visita técnica. Sim. Eu não, quando eu faço com meus alunos é porque isso pedagogicamente. a gente tem que

ensinar pedagogicamente entendeu? Porque isso faz parte do nosso métier. Claro. Vocês não têm um padrão aí de atendimento? Não tem um manual, né, isso? Então. É isso e eu acho que falta isso, né? A gente ser mais profissional nas visitas técnicas. Agora sobre o Grand Tour eu sempre falei isso pro coordenador do Grand Tour. Acho que deveria ter institucionalizado o projeto, né? Eu não sei se ele fez isso eu não sei como é que está né? Mas acho que deveria ter sido feito desde o início, eu sempre tive o embate com ele porque não é o projeto dele. Ele coordenou mais se eu fosse dizer o projeto do Ruan, não é o projeto do Ruan é da universidade. Por exemplo, o meu projeto lá de Santo Amaro. Não, não é meu, é da UFMA Eu sou da UFMA. Mas eu acho que a institucionalização do Grand né? Enquanto um, um projeto, porque se o professor Ruan sair, né, é da UFMA, mas tem muita questão da vaidade, né, não aquele projeto é meu é o que eu quero ser. Né? A gente reconhece, mas é porque vão ter outros professores? Por exemplo, o meu o meu projeto claro que fica caracterizado tu não vai dizer projeto do TBC se não falar de Mônica? Né? Mas toda vez tu sabe que eu levo todos os professores. Posto foto e digo que o projeto é nosso, que teve isso. Mas eu estou à frente mas não é meu, entendeu? Eu posso inclusive amanhã sair da UFMA. Vai dizer olha tem esse projeto aqui vocês podem não tem problema entendeu eu sou muito desligada disso, não entendo desse tipo de coisa.

ENTREVISTADOR: Então você poderia identificar dois pontos negativos e dois pontos positivos sobre o projeto?

ENTREVISTADO: É, eu acho inclusive que essa não institucionalização no meu ponto de vista por exemplo nunca aconteceu nada, né, Isaque? Graças a Deus. Nunca ninguém se sentiu mal com a exceção da gripe. Eh. Não teve nenhum acidente fatal mas e se tivesse? Sim. Aí eu quero ver. Tu está entendendo? Porque a última a UFMA, mas cadê esse projeto? Entendeu? Aí o que que vão dizer? Não, foi um professor que resolveu levar os alunos, não têm contrato, não tem nada. Ele tem contrato, os alunos têm contrato. Empresa batendo nada pra universidade. Sim. Né? E embora tenha seguro mas são coisas que a gente faz né? O seguro a gente manda, mas o instrumento jurídico não tem. Eu por exemplo quando eu levo os alunos eu tiro do meu bolso eu tiro do meu bolso pra pagar e além de eu pedir o seguro da UFMA eu ainda tiro do meu. E pra pagar o seguro é tão pouco né? Que se acontecer alguma coisa, entendeu? Vão dizer não professora a senhora levou. Tu viste que caiu ontem,

né, no Capitólio. Eu me lembrei muito que eu já fiz similar lá na Costa Rica olhando ali eu digo gente eu me lembrei na hora. Aí por isso que eu digo né do porquê de institucionalizar no departamento é uma coisa. Institucional na instituição que vai, que sai portaria é outra coisa. Então eu acho que tinha que ser.

ENTREVISTADOR: Entendido, bom, pra gente ir encerrando, você acha que o Grand Tour conseguiu contribuir com a sua prática docente na sala de aula?

ENTREVISTADO: Chegou a contribuir, conseguiu sim. Procurei nas minhas viagens do meu projeto de extensão, né? Eu procurei fazer muito mais planejamento porque vi que foi muito pouco a gente teve muito pouco programa lá. Né? Então me ajudou a organizar mais os meus projetos, né? Estou falando da minha experiência. Sim. E abriu o olhar mais ainda que o aluno precisa e para as visitas técnica eu já sempre acreditei mas reforçou. Reforçou né a minha perspectiva de visita técnica é outro ponto a eu conheci os alunos né é isso é um ponto importante porque aí vem a questão. Integração né? Dos alunos porque ele porque a gente conhece, A gente vê também a fragilidade né? A nossa fragilidade. Eu digo por exemplo o exemplo do Marcelo que ficou doente. Sim. Né? Então a gente vai e a gente tem que estar preparado inclusive abrir no meu caso né? Quando o Marcelo ficou doente lá bem doente de gripe, né? Eu abrindo mão da programação pra ficar. Né? Então a gente a gente como é que eu poderia dizer que quando eu viajo agora eu sempre digo pra equipe eu digo “olha, a gente vai viajar vamos temos várias coisas a fazer vários lugares comunidades atividade mas se por acaso. Alguma coisa alguém e que alguém não puder ir isso também está no script”. Porque eu lembro né? Então eu pego essas essas e também uma coisa que eu aprendi no Grand Tour. Porque em São Paulo né? A logística é bem maior, cidade grande que me parece que no segundo Grand Tour foi melhor porque se usou mais Uber, mas do que a gente, porque nós ficamos muito tempo no porte público, né? Público, né? Pra mim não importa não, mas em termos de o que é bom é o que eu te digo: é legal ver o aluno andando de metrô. E eu chegando lá na está consolação entende lá, é legal isso andar nos ônibus de São Paulo é são experiência mas perde esse tempo né? Então me parece que o segundo foi nesse sentido, mais arrojado, né? Em relação ao transporte, mas me parece que eles tiveram um problema lá, né? Com isso aí que eu soube. O rapaz da Labotur. Né? Por conta do horário, né? Entendo.

ENTREVISTADOR: Bom, as sugestões para as próximas edições?

ENTREVISTADOR: Ah, só pensando no quarto que a gente ia pra Gramado, mas acho que a gente pode uma sugestão e internacionalizar né? O Grand Tour pra aqui pra Buenos Aires, pertinho da Argentina, né? É pertinho. Conheço. Vem aí primeira viagem internacional. Eu queria até revisitar. Eu acho que a minha sugestão é que fosse né? Entendo.

ENTREVISTADO: Então eu acredito que deve ser o suficiente, eu agradeço muito sua participação. Vou parar de gravar agora. Está bom? Então é isso e muito. Está ótimo.